

Universidade do Estado do Pará

Centro de Ciências Sociais e Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado

Linha de pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia



Ana Cristina Lima da Costa

**A Morte e a Educação: saberes do Ritual de  
Encomendação das Almas na Amazônia**

Belém-Pará

2012

Ana Cristina Lima da Costa

**A Morte e a Educação: saberes do Ritual de Encomendação  
das Almas na Amazônia**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Pará.

Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Denise de Souza Simões Rodrigues.

Belém – PA

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA

---

Ana Cristina Lima da Costa

A morte e a educação: saberes do ritual de encomendação das almas na Amazônia. / Ana Cristina Lima da Costa. Belém, 2012.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.  
Orientação de: Denise de Souza Simões Rodrigues.

1. Ritos e cerimoniais fúnebres 2. Morte 3. Alma 4. Saberes culturais 5. Educação I Rodrigues, Denise de Souza Simões. (Orientador) II. Título.

CDD: 21 ed. 393

---

Ana Cristina Lima da Costa

**A Morte e a Educação: saberes do Ritual de Encomendação  
das Almas na Amazônia**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Pará.

Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise de Souza Simões Rodrigues.

Data de aprovação: 31/08/2012.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise de Souza Simões Rodrigues – Orientadora - UEPA  
Doutora em Sociologia – Universidade Federal do Ceará, Brasil.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Franciane Gama Lacerda – (Examinadora externa) - UFPA  
Doutora em História Social – Universidade de São Paulo, Brasil.

---

Prof. Dr. Renato da Costa Teixeira – (Examinador externo) – UEPA/UFAM  
Doutor em Educação – Pontifícia Universidade Católica – PUC-Rio, Brasil.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nazaré Cristina Carvalho – (Examinadora interna) - UEPA  
Doutora em Educação Física – Universidade Gama Filho, Brasil.

*Ao meu eterno companheiro de muitas  
vidas, Paulo. Que a vida e a morte nos una  
em um só elo da eterna corrente do  
sublime amor.*

## AGRADECIMENTOS

Aos amigos espirituais seres de luz e amor, pela inspiração e proteção na realização desta pesquisa.

A minha família, especialmente aos meus filhos Vitor e Paulo pela paciência, carinho, apoio, atenção e compreensão pelo tempo suprimido.

A meus pais, Maria de Nazaré Chaves de Lima que Deus me deu a oportunidade de me tornar sua amiga e a meu eterno e amado pai José Matias de Lima, exemplo de amor, honestidade e caridade com o próximo (*in memoriam*).

Aos amigos que conquistei durante a realização do Mestrado em Educação, em especial a Francisco Perpetuo Santos Diniz e Lana Regina Cordeiro de Oliveira amizade que espero levar para outras vidas, obrigada amigos pela paciência nas crises de identidade e, pelas conversas e trocas de experiências, afinal um professor de Geografia, uma Pedagoga e uma Fisioterapeuta tem com certeza algo em comum, a garra de vencer os obstáculos impostos pela vida e a luta pelo reconhecimento de uma Educação não formal rica em saberes do cotidiano.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Denise de Souza Simões Rodrigues o meu eterno obrigada! A senhora não sabe o quanto suas orientações e incentivo me deram ânimo para continuar escrevendo. Há momentos na vida que pensamos “não há mais nada a fazer” e Deus coloca a sua frente uma pessoa que diz: levanta, continua a caminhada, eu acredito em você, às vezes um pequeno gesto vale mais que mil palavras. Obrigada mestra querida por confiar na minha escrita e me estender a mão. Acredite! A senhora nasceu para ser docente.

A todos os Encomendadores das Almas de Oriximiná, em especial a Germano Sousa, Abdias Sousa, Lauro Ribeiro, Jorge Hipólito, Floriano Soares, Raimundo Elói, Maison e William, obrigada pela participação, colaboração e empenho na realização dessa dissertação de mestrado e por abrir a porta dos saberes contidos no ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná o que me permitiu mergulhar nas águas do conhecimento dessa tradição secular.

Ao Secretário de Cultura de Oriximiná em 2011, o senhor Cleonis Batista de Farias e a moradora de Oriximiná Maria Luiza Barreto de Sousa, obrigada pela entrevista concedida.

A todos os professores Doutores e Pós-Doutores do Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, saibam que suas disciplinas me proporcionaram um novo olhar para a educação.

A CAPES, pelo investimento financeiro em forma de bolsa de estudo, permitindo-me voar mais alto.

*De duas coisas uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou ela é a passagem de uma alma para um outro lugar. Se tudo deve se exterminar, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonho e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Mas se a morte não é senão uma mudança de morada, a passagem para um lugar onde os mortos devem se reunir, que felicidade nele reencontrar aquele a quem se conheceu! Meu maior prazer seria o de examinar de perto os habitantes dessa morada, e de aí distinguir, como aqui, aqueles que são sábios daqueles que crêem sê-lo e não o são. Mas é hora de nos deixarmos, eu para morrer, vós para viver.*

*(Sócrates a seus juízes).*

## RESUMO

COSTA, Ana Cristina Lima da. **A Morte e a Educação: saberes do Ritual de Encomendação das Almas na Amazônia.** 2012. f. 183. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, 2012.

Por reconhecer que todos os indivíduos são agentes do saber que são produzidos nas relações sociais, digo que todos os homens, nos diversos aspectos por onde transitam, constituem-se como sujeitos de ensino-aprendizagem. Partindo da premissa que na Encomendação das Almas há relações sociais e, por consequência, transmissão de saberes o objeto desta pesquisa foi o Ritual de Encomendação das Almas que acontece na região Amazônica na cidade de Oriximiná – Pará. Esse estudo teve como interpretes sociais 10 pessoas, sendo oito rezadores que encomendam almas, na região urbana de Oriximiná – Pará e dois moradores da cidade. O objetivo geral da pesquisa foi analisar como se desenvolvem os processos educativos de construção e transmissão de saberes no Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná - Pará. A trilha metodológica se fundamentou em alguns pontos dos métodos da fenomenologia, etnometodologia, etnografia, estudo de caso e sociologia compreensiva. Bem como se apropriou da pesquisa qualitativa, descritiva, exploratória de cunho bibliográfico e pesquisa de campo para melhor compreensão e entendimento do fenômeno estudado. As técnicas de pesquisas utilizadas foram delimitadoras (amostragem não probalística, acessibilidade e saturação) e de coleta (diário de itinerância, observação não participante, entrevista semiestruturada, história de vida). E como técnicas de análise foram utilizadas a Análise de Discurso e Iconografia. Finalmente, esta pesquisa se propôs a investigar a educação em um espaço não escolar, se apropriando do conhecimento popular não reconhecido cientificamente, mas que é propulsor de saberes construídos cotidianamente ao longo do tempo em processos de relações sociais e transmitidos por meio da oralidade de forma intergeracional, o que caracteriza sua inserção na Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia do Mestrado da UEPA. Foram encontrados três tipos de Educação: Educação Moral, Educação pela Prática do Ritual e a Educação em Saúde que abrangem os saberes relacionados ao repasse do conhecimento, o aprendizado da musicalidade, a união da família, a aquisição do conhecimento para a escola formal, a intermediação da salvação das almas, as regras de comportamento, a conduta social, a fé e a religiosidade, a liberdade de credo religioso, o respeito aos mais velhos, a preservação da tradição e da cultura, a manutenção do corpo hígido, a eliminação dos vícios que prejudicam a saúde do corpo, além da socialização dos valores cultivados ao longo da história do ritual.

**Palavras-chave:** Educação. Saberes. Cultura. Morte. Encomendação das Almas.

## ABSTRACT

COSTA, Ana Cristina Lima da. **Death and Education: knowledge in the Ritual of Commendation of Souls in the Amazon.** 2012. F. 183. Dissertation (Master's in Education) – State University of Pará (UEPA), Belém, 2012.

Recognizing that all individuals are agents of the knowledge produced in social relations, we may say that all persons, in the various areas through which they move, are subjects of teaching and learning. Starting with the premise that in the Commendation of Souls there are social relations and thus transmission of knowledge, the object of this research was the Ritual of Commendation of Souls, which occurs in the Amazon region in the city of Oriximiná – Pará. The study had 10 persons serving as social interpreters, eight of them being chanters of prayers who commend souls in the urban area of Oriximiná – Pará and two residents of the city. The general objective of the study was to analyze how the educational objectives of construction and transmission of knowledge are developed in the Ritual of Commendation of Souls de Oriximiná - Pará. The methodological line was based on some aspects of methods of phenomenology, ethnomethodology, case studies and comprehensive sociology. Qualitative and descriptive research, bibliographical surveys and field research were also employed to provide a better comprehension and understanding of the phenomenon being studied. The research techniques utilized were delimitation (non-probabilistic sampling, accessibility and saturation) and collection (itinerancy diary, non-participatory observation, semi-structured interview and life history). The analysis techniques utilized were Analysis of Discourse and Iconography. Finally, this study proposed to investigate education in a non-school context, proposing to appropriate popular education that is not scientifically recognized but that drives knowledge constructed daily over time in social relation processes that are transmitted by means of orality in an intergenerational form. This places it within the Research Line of Cultural Knowledge and Education in the Master's Program at UEPA. Three types of Education were found: Moral Education, Education by Practicing Ritual and Education in Health, which encompass the knowledge related to passing on what is known, learning musicality, family union, acquisition of knowledge for formal education, mediation for salvation of souls, rules of behavior for social conduct, faith and religiosity, liberty of religious creed, respect for the elderly, preservation of tradition and culture, maintenance of a healthy body and elimination of vices that harm the body, as well as socialization of the values cultivated throughout the history of the ritual.

**Key-words:** Education. Knowledge. Culture. Death. Commendation of Souls.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO – 1	Vista da frente da cidade de Oriximiná – Pará.....	48
IMAGEM – 1	Dados Cartográficos via satélite da localização de Oriximiná – Pará.....	49
FOTO – 2	Encomendação das Almas, Oriximiná – Pará.....	50
FOTO – 3	Painel Encomendação das Almas, salão paroquial da Igreja Matriz de Santo Antonio – Exposição da Via Sacra Católica (Semana Santa Cultural).....	51
FOTO – 4	Igreja Matriz de Santo Antonio, Oriximiná – Pará.....	51
FOTO – 5	Vista do Salão Paroquial da Igreja Matriz de Santo Antonio – Exposição da Via Sacra Católica (Semana Santa Cultural).....	51
FOTO – 6	Cemitério Nossa Senhora das Dores, Oriximiná – Pará.....	52
FOTO – 7	Encontros das águas, Rios Tapajós e Amazonas.....	55
FOTO – 8	Convés do barco Cidade de Oriximiná.....	55
FOTO – 9	Senhor Abdias (à esquerda) e senhor Germano (à direita), Padre e Ex-Padre do Grupo Fé em Deus.....	57
FOTO – 10	Grupo Fé em Deus, Oriximiná – Pará.....	58
FOTO – 11	Velas acesas no Cruzeiro do cemitério.....	59
FOTO – 12	Encomendação das Almas em frente da casa solicitante de orações, Oriximiná – Pará.....	60
FOTO – 13	Grupo Antonio Roque, Oriximiná – Pará (primeiro a esquerda Sr. Floriano (Padre), os rapazes ao meio são sobrinhos do senhor Floriano, o último à direita é o Sr. Raimundo).....	61
FOTO – 14	Sr. Lauro Ribeiro, Oriximiná – Pará (Grupo Extinto).....	62
FOTO – 15	Biblioteca Pública Municipal Enéas Cavalcante – Oriximiná – Pará.....	63
FOTO – 16	Encomendadores de Almas de Oriximiná – Pará.....	89
IMAGEM – 2	Mapa Político do Estado do Pará. Localização das cidades de Oriximiná, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre e a Ilha Grande de Gurupá.....	91
FOTO – 17	O vulto do homem sentado sem a toalha branca na cabeça, no lado direito da foto, representa na concepção do senhor Abdias	

	uma alma que estava acompanhando o ritual.....	99
FOTO – 18	Cleonis Batistas de Farias - Secretário de Cultura de Oriximiná em 2011.....	105
FOTO – 19	Diferença da vestimenta entre o grupo do José Moraes e o grupo do Germano - grupos Urbanos. Foto feita em frente ao cemitério Nossa Senhora das Dores.....	120
FOTO – 20	Maria Luiza Barreto de Souza (Neide) solicitou o ritual de Encomendação das Almas para os pais.....	129
FOTO – 21	Mailson.....	149
FOTO – 22	Willian.....	149
FOTO – 23	Raimundo Elói.....	150
FOTO – 24	Jorge Hipólito.....	151
FOTO – 25	Abdias de Sousa.....	152
FOTO – 26	Floriano Soares.....	153
FOTO – 27	Lauro Ribeiro.....	154
FOTO – 28	Germano de Sousa.....	154

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1. Motivações, Origem e Objeto da Pesquisa.....	14
2. Problema, Questões Norteadoras e Objetivos.....	19
3. Perspectiva Teórica de Análise.....	23
4. A estrutura da dissertação.....	33
<b>Capítulo 1 – Trilhas Metodológicas</b> .....	35
1.1. Métodos de procedimentos da pesquisa.....	35
1.2. Tipos de pesquisa.....	40
1.3. Técnicas de pesquisa.....	42
1.4. Sujeitos da pesquisa.....	47
1.5. O lócus da pesquisa.....	48
1.5.1. Aspectos Geográficos, Históricos, Sociais e Culturais de Oriximiná.....	49
1.5.2 A visita ao campo de pesquisa: Oriximiná – Pará.....	52
1.5.2.1 Percursos de viagem, Trilhas no campo da pesquisa: Um Diário de Itinerância.....	54
<b>Capítulo 2 - A morte como campo de estudo</b> .....	64
2.1. Concepções de uma nova consciência sobre a morte.....	66
2.2. Alguns indícios do destino do morto e a percepção da morte na História da Humanidade.....	72
2.3. Alguns Rituais fúnebres contidos na História da Morte.....	76
2.4. Ritos de Morte e a Intermediação das Almas no Brasil e na Amazônia.....	81
<b>Capítulo 3 – Educação e Saberes: A Epistemologia da Encomendação das Almas</b> .....	89
3.1. Origem da Encomendação das Almas em Oriximiná – Pará: A propagação da cultura, do simbolismo e do imaginário caboclo.....	90
3.2 Quem são os Encomendadores das Almas: a hierarquia, a vida religiosa e a família na perpetuação do ritual.....	111
3.3 Do luto a Encomendação das Almas: o porquê de se encomendar as Almas.....	121
3.4. O preconceito em relação aos ritos de Encomendação das Almas em Oriximiná.....	130
3.5. Educação e Saberes: um olhar multicultural sobre as concepções e a tradição do ritual de Encomendação das Almas em Oriximiná.....	136
3.5.1. Saberes contidos na Educação Moral, Educação pela Prática do Ritual e na Educação em Saúde.....	148
<b>Considerações Finais</b> .....	160
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	163
<b>APÊNDICES</b> .....	173

## INTRODUÇÃO

A partir da descoberta do fogo cresce na humanidade a necessidade de uma convivência em sociedade. Nesse novo contexto social o *Homo sapiens* primeiro ser, na face da Terra, com uma consciência racional busca de forma organizada a comunicação por meio da linguagem, sendo essa uma bússola propulsora de expressão e de transmissão de saber (ROTTENSTEIN, 2005, p. 1).

Para Rottenstein (2005) essa capacidade linguística impulsiona o homem em direção de uma linguagem abstrata e simbólica, o que favorece a descoberta de um mundo sobrenatural. Essa experiência mística torna possível ao ser humano conceber, após milênios, uma nova consciência em relação a vários fatos da vida, dentre eles uma nova concepção sobre a morte, desvinculando-a de uma causa final proveniente de acidente ou de fatalidade, a morte passa a ter status de destino.

Morrer é destino do homem. [...]. A partir desse momento, a consciência da morte se torna, para sempre, o eixo civilizador de todo grupo humano. Para entrar em contato com as grandes forças regentes da vida e da morte e intermediá-las, o homem constitui, em cada canto do mundo, conjuntos de mitos e ritos particulares que respondem ao seu anseio por sentido, eterna busca da humanidade (ROTTENSTEIN, 2005, p. 1).

E é em busca de se obter mais conhecimentos sobre esse destino final, a morte, que tento compreender como se processa a intermediação da alma entre o mundo físico e o mundo do além-túmulo por meio de uma manifestação popular que é encontrada em algumas localidades do Brasil. Na região Norte, no estado do Pará - município de Oriximiná essa cultura popular é conhecida como Encomendação das Almas.

A meu ver esse ritual de Encomendação de Almas executado em Oriximiná expressa características particulares da região, onde há conhecimento e saberes inerente a prática religiosa local que perpetua uma tradição cultural secular do povo oriximinaense. De acordo com Martinic (1995) a primeira aproximação do saber popular pode ser encontrada em um ambiente da vida cotidiana dos sujeitos, diria até em atividades realizadas na prática diária de seus afazeres domésticos, religiosos ou sociais. As formas de se compreender e interpretar as experiências e os saberes do dia-a-dia são imprescindíveis para um perfeito desenvolvimento da sociedade local.

Es el archivo de conocimientos que, entre los sectores populares, garantiza la reproducción y producción del mundo social al cual se pertenece. Este conocimiento proporciona un conjunto de objetivaciones, certezas y parámetros que permiten al sujeto comprender su experiencia y, aún más hacerla inteligible para los demás (MARTINIC, 1995, p. 73).

A compreensão das experiências e dos conhecimentos dos Encomendadores das Almas em relação a suas práticas religiosas talvez nos faça entender como eles são produzidos e transmitidos de forma intergeracional em seu mundo social, assim como entender de que forma este rito se perpetua até os dias de hoje, pleno século XXI, como uma forma de expressão cultural que favorece o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser social.

Concordo com Carvalho (2006, p. 38), quando diz que a cultura contém em si, o saber, o conhecimento, a tradição, o mito, o rito, as várias formas de linguagem, pois ela é dinâmica e viva, o que assegura para a sociedade e ao indivíduo uma herança social. Para a estudiosa “o homem, em seu processo de construção histórica, ao produzir cultura deixa o seu legado a outros homens, outras sociedades, legado este que no acontecer da história se constituirá em vários saberes”.

## **1. Motivações, Origem e Objeto da Pesquisa.**

Meu primeiro contato com o “mundo dos mortos” ocorreu há 19 anos, quando li *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1992) de Allan Kardec, o que despertou minha visão para a existência de vida após a morte. Com o tempo, passei a acreditar que existe algo mais além deste plano terreno e, para obter mais informações acerca do tema vida e morte comecei a pesquisar obras espíritas que contemplassem essa temática. O conhecimento adquirido após as leituras sustentou ainda mais a minha crença de que há vida após a morte do corpo físico.

No ano de 2005, comecei a frequentar um Centro Espírita chamado Casa do Caminho, localizado em Belém, no Estado do Pará. Neste Centro, todas as terças e quartas-feiras são dedicadas aos trabalhos de cura espiritual, uma vez que se entende que as grandes mazelas do corpo físico estão relacionadas, na maioria das vezes, com as da alma.

A vivência com o Espiritismo me fez perceber que os fenômenos relacionados à existência de vida após a morte estavam também presentes na

minha vida profissional. Ao ministrar a disciplina Estágio Supervisionado no Hospital Geral do curso de Fisioterapia da Universidade do Estado do Pará (UEPA), descobri que o estágio me proporcionava contato constante com o processo de cura, vida e morte.

Um momento marcante durante o Estágio Hospitalar foi o convívio com a morte de pacientes e a dificuldade de aceitação dessa perda por parte de alguns discentes da disciplina. Nessas ocasiões, o tema morte novamente se tornava objeto de reflexão, suscitada principalmente pelos questionamentos dos discentes, que buscavam saber, sob o ponto de vista espírita, o que acontecia com o corpo espiritual, já que o físico, na maioria das vezes, era enterrado ou cremado? Como se chegava ao mundo espiritual? Existe sofrimento após a morte? Existe purgatório?

Uma forma de esclarecer as dúvidas dos alunos interessados sobre o tema morte foi sugerir que os mesmos assistissem juntamente comigo, de forma voluntária, palestras proferida por integrantes do Laboratório de Estudos de Luto e Saúde (LAELS)<sup>1</sup>. Mas, apesar das palestras e do conhecimento que obtinha sobre a temática, as perguntas ainda me inquietavam e, a partir de então, acrescentei as minhas pesquisas iniciais obras, sem cunho espírita, que abordassem a morte em diversas sociedades, sobre os rituais mortuários e o imaginário social de diferentes povos em relação à morte e o além-túmulo.

Nesse trilhar, em busca de novas informações, me deparei com um rito de morte denominado Encomendação das Almas realizado em algumas regiões do Brasil, dentre elas a Amazônia, na cidade de Oriximiná-Pará. Quanto mais conhecimento sobre esse ritual obtinha, maior interesse surgia em aprofundá-los para uma melhor compreensão da interseção entre a vida e a morte no imaginário amazônico e, talvez obter de alguma forma respostas para as dúvidas surgidas durante minha experiência como docente do Hospital Geral.

Sempre em busca de um maior aprofundamento teórico-científico sobre a temática da morte e, diante de abordagens tão variadas de temas de investigação científica resolvi realizar o processo seletivo para o mestrado em Educação da UEPA, na linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Minha inserção no

---

<sup>1</sup> Criado em novembro de 2008, o LAELS tem o objetivo de fomentar diálogos interdisciplinares acerca de saberes e práticas relacionadas às condições de luto, crises e de promoção de saúde. As palestras do Laboratório acontecem no Hospital Universitário João de Barros Barreto (HUJBB) toda última quarta-feira do mês, sendo aberta a profissionais, estudantes e população em geral. Essas palestras proporcionam momentos de reflexão e de estudo sobre a temática da morte e do morrer (nota da autora).

mestrado me proporcionou estar em contato com disciplinas que abordavam temáticas sobre saberes, educação, cultura, imaginário, interculturalidade entre outras.

Ao realizar a disciplina *Cultura, Saberes e Imaginários na Educação Amazônica* me deparei com o tema morte na obra de Jean-Pierre Vernant intitulada *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica* (1990) e na de Alfredo Bosi na obra *Dialética da colonização* (1992). A disciplina *Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação Brasileira*, também me colocou em contato com a obra *A revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)* publicada em 1997 por Peter Burke, onde obtive o conhecimento sobre a história das mentalidades e o interesse dos historiadores dessa escola em estudar a morte, tema refratado pela cultura ocidental como objeto de pesquisa, sendo apenas cogitada para estudo a partir da década de 60-70.

O estudo desses livros me permitiu e incentivou a explorar outras obras de autores que abordavam a morte sobre diferentes perspectivas, como as de Ariès (1981, 2003), Bayard (1996), Brandão (2007a), Reis (1997, 1991) e Vovelle (1997, 2010) dentre outros, que me proporcionaram uma reflexão contextualizada sobre a morte e me levaram a conhecer a existência de diversos rituais de mortes em diferentes sociedades, épocas e contextos, com particularidades inerentes a cada um deles. Tais como as dos rituais fúnebres ocorridos há mais de 100.000 anos a.C. pelo homem relatados por Bayard (1996), como a cremação do corpo com flores e madeira de sândalo, em uma simbologia de fogo purificador e ascensão da alma do morto para o nirvana.

Na França, Idade Média, o preparativo para a morte era conhecido como evento social e público, no qual o próprio moribundo coordenava os atos que antecediam a chegada da sua morte, reunindo a família para orientar e dar atribuições aos entes queridos, quanto à abertura de testamento para a partilha de bens, encomendação de missas, pedido de perdão ao padre por atos falhos e a solicitação da extrema unção, dentre outros afazeres (ARIÈS, 2003). Já para Vovelle (2010), os mortos serviam como intermediários divinos entre o mundo dos vivos e dos mortos, quando solicitados em momentos de aflição, deveriam conduzir os apelos aos santos. Esse devotamento às almas do purgatório se expressa no século XX nas igrejas e nos oratórios do mundo mediterrâneo.

Essa característica de salvação das almas em sofrimento descrita por Vovelle (2010) pode ser encontrada em ritos fúnebres de Encomendação das Almas dos mortos ocorridas em várias regiões brasileiras. Segundo Passarelli (2007), a Encomendação das Almas realizadas no Brasil, acontece por meio de orações que possuem objetivo de intermediar perante Deus e as almas Benditas<sup>2</sup> a salvação dos mortos que estão em pecado mortal. Paralelo a essa intenção de salvar as almas do purgatório encontram-se indícios de que as orações realizadas pelos vivos tem o propósito de obter o salvamento das suas próprias almas quando estiverem diante da morte.

O ritual de Encomendação das Almas na Amazônia se caracteriza por ser um rito secular, realizado durante a Quaresma, mas precisamente na Semana Santa Católica, nos cemitérios e em frentes das casas de pessoas falecidas. A finalidade é recomendar, por meio de orações às almas benditas, as almas que estão cativas, em sofrimento; e, as do purgatório, ao progresso espiritual e alívio das penas. É um ritual realizado somente por homens<sup>3</sup> conhecidos popularmente como “Encomendadores das Almas”, que saem à noite pelas ruas da cidade entoando ladainhas que são orações curtas e ritmadas em uma cadência nostálgica (INSTITUTO DE ARTES DO PARÁ, 2006, p. 2).

O Ritual de Encomendação das Almas para Soares (2007) é uma manifestação religiosa que promove um elo entre a linguagem do mundo sobrenatural com o mundo dos encomendadores. A autora nos diz que, para a maioria dos “encomendadores, há uma comunicação entre eles e as almas no momento em que cantam as ladainhas” (op. cit. p. 81).

A existência secular do Ritual de Encomendação das Almas se configura como um rito perpassado por saberes que são transmitidos de geração a geração,

---

<sup>2</sup> A expressão “Almas Benditas” significa, para os Encomendadores das Almas oriximinaenses, pessoas que já morreram e que foram caridosas e bondosas aqui na Terra, por isso possuem a capacidade e o mérito de ao passarem para o outro plano de existência intermediar junto a Deus a salvação das almas pecadoras e das que sofrem, pois essas não obtiveram um bom destino após a morte (nota da autora).

<sup>3</sup> Durante a pesquisa bibliográfica não encontrei nenhuma referência na literatura do motivo da encomendação ser realizado somente por homens, mas durante as entrevistas com os Encomendadores das Almas de Oriximiná, várias hipóteses foram levantadas por eles: por ser um ritual que acontece no cemitério, pelo horário de início da encomenda que só acontece depois da nove horas da noite ou a meia noite, por adentrar a madrugada, pelo longo percurso de caminhada para as visitas as casas que encomendaram as orações, pelo desgaste físico e às vezes emocional em que os encomendadores se submetem durante os três dias de orações, devido a esses motivos a maioria dos encomendadores por mim entrevistados acham que é mais apropriado para os homens, mas dizem que as mulheres podem participar se elas mostrarem interesse no assunto (nota da autora).

pela oralidade (op. cit. p. 88). A perpetuação dos saberes do ritual se dá por meio de um processo de ensino e aprendizagem por meio da repetição, tal como descreve Soares. Assim,

vê-se que esse ritual é passado de geração em geração por via oral (percebendo, nesse momento, uma mudança na transmissão das letras das ladainhas para a forma escrita), numa espécie de corrente familiar (avô, pai, filho, primo, cunhado). O “encomendador” Maurício diz que o ritual “surgiu no tempo dos antigos. Meu bisavô já rezava. De um foi passando pra outro e pra outro. Antes, meu irmão que era **padre**<sup>4</sup> e quando ele parou de rezar, eu me tornei o padre. Quando minha mãe morreu, eu prometi rezar por toda a minha vida” (Entrevista, Janeiro de 2006). Essa repetição, sem dúvida, é uma característica da tradição dessa manifestação (SOARES, 2007, p. 88). (Grifo nosso).

Nesse sentido, retomo as palavras de Mota Neto (2008, p. 55) para dizer que “os saberes são produzidos nas relações sociais, e todos os indivíduos, nos diversos aspectos por onde transitam, constituem-se como sujeitos de ensino-aprendizagem” e passam a ser reconhecidos como agentes de saber. Passarelli (2007), ao falar sobre a educação obtida por meio do Ritual de Encomendação das Almas, nos diz que “depreende-se que o ritual tenha assim um valor educativo e preventivo. É uma caridade que retorna” aos vivos após a realização dos deveres cristãos (op. cit., p. 4).

Outro fator que me impulsionou, ainda mais, a realização desta pesquisa foi a constatação da existência de apenas duas obras que enfocavam este ritual no Estado do Pará. A primeira, intitulada *A poética da morte no ritual dos encomendadores de almas no município de Oriximiná* (SOARES, 2007), referenciava à poética do ritual; a segunda, *Os Rezadores de Almas de Oriximiná: da relação escola – saberes e práticas culturais* (CÂNCIO, 2007) que contextualizava a visão das escolas oriximinaense sobre a Encomendação das Almas.

Assim, se tornou necessário ampliar as pesquisas em uma região ainda pouco explorada/estudada/investigada pela academia, a fim de que a houvesse uma melhor compreensão da vida dessas pessoas que participam do Ritual de Encomendação das Almas. Além de promover o aceite perante a sociedade de que esse rito é um acontecimento perpassado por saberes e práticas educativas

---

<sup>4</sup> A denominação de Padre se dá para representar o líder do grupo de Encomendadores das Almas, aquele que é o responsável pelo grupo e por entoar as orações em primeira voz, ele coordena o início e término do ritual em uma referência simbólica do Padre da Igreja Católica (nota da autora).

sedimentadas pelo tempo, na vida cotidiana do povo. Desta forma, me aproprio das palavras de Brandão (2007b) para dizer que,

tudo o que é importante para a comunidade, e existe como algum *tipo de saber*, existe também como algum *modo de ensinar*. Mesmo onde ainda não criaram a escola, ou nos intervalos dos lugares onde ela existe, cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar às crianças, aos adolescentes, e também aos jovens e mesmo aos adultos, o saber, a crença e os gestos que os tornarão um dia o modelo de homem ou de mulher que o imaginário de cada sociedade – ou mesmo de cada grupo mais específico – dentro dela idealiza, projeta e procura realizar (BRANDÃO, 2007b, pp. 22, 23).

Após o conteúdo exposto e partido da premissa da existência do Ritual de Encomendação das Almas na região Amazônica no Estado do Pará, na cidade de Oriximiná, esse se torna **o objeto** da presente pesquisa, a fim de conhecer e esclarecer que saberes atravessam o ritual, além de verificar quais os processos educativos transmitidos por ele. Espero com esta pesquisa contribuir para a compreensão da pluralidade religiosa da Amazônia. Assim como promover uma reflexão sobre práticas sociais diferentes sobre a morte, tal como a Encomendação das Almas.

## 2. Problema, Questões Norteadoras e Objetivos.

Antes de elencar o problema da pesquisa há a necessidade de abordarmos alguns conhecimentos sobre os aspectos históricos, sociais, culturais e simbólicos ligados à temática da morte e a Encomendação das Almas para uma melhor compreensão do Ritual de Encomendação das Almas da cidade de Oriximiná-Pará.

Na visão de Bié Junqueira (1999), o Ritual de Encomendação das Almas possui uma concepção religiosa, na qual se observa a visão da agonia, da morte e do *post-mortem*, configurando-se a morte como a mais temerosa passagem humana. Para o autor, o ritual caracteriza-se por sua dimensão estética e pela oralidade, que se expressa sob a forma de ladainhas.

Essas orações, para Junqueira (1999) e Passarelli (2007), contêm saberes populares, que objetivam educar os vivos para os ideais cristãos, livrando-os das penas infernais, ao mesmo tempo em que ensinam aos vivos a terem caridade para com os mortos. Os autores acrescentam que essa educação popular esta vinculada às representações e ao imaginário da população que executa a Encomendação das

Almas dos mortos. Junqueira (1999) diz que os saberes do Ritual de Encomendação das Almas estão contidos no relacionamento interpessoal presentes no cotidiano das pessoas que o praticam e, que esses saberes são adquiridos por meio da prática cultural desses encomendadores, e expressam experiências de vida contida no contexto histórico-cultural de cada indivíduo. Esse pensamento de Junqueira (1999) vem ao encontro dos ensinamentos de Brandão (2007b) sobre educação e cultura ao dizer que:

Tudo que existe transformado da natureza pelo trabalho do homem e significado pela sua consciência é uma parte de sua *cultura*: o pote de barro, as palavras da tribo, a tecnologia da agricultura, da caça ou da pesca, o estilo dos gestos do corpo nos atos do amor, o sistema de crenças religiosas, as histórias da história que explica quem aquela gente é e de onde veio, as técnicas e situações de transmissão do saber; tudo o que existe disponível e criado em uma cultura como conhecimento que se adquire através da experiência pessoal *com o mundo ou com o outro*; tudo o que se aprende de um modo ou de outro faz parte do processo de *endoculturação*, por meio do qual um grupo social aos poucos *socializa*, em sua cultura, os seus membros, como tipos sujeitos sociais (BRANDÃO, 2007b, p. 25).

Alguns estudos históricos sobre a morte mostram as transformações culturais e sociais que a sociedade humana viveu em relação ao culto dos mortos durante os séculos. Historiadores como Michel Vovelle (2010), Philippe Ariès (2003) e Jean-Pierre Bayard (1996), evidenciam que as atitudes da sociedade diante da morte modificaram-se lentamente. Em dado momento, para os referidos autores, a morte assumem uma forma inovadora e em outro, origens primitivas. E que há mudanças, nesse mesmo ritmo, em relação à religiosidade e à espiritualidade, exemplo disso, são as construções grandiosas de mausoléus no século XVIII, em contraponto às sepulturas simples de terra batida comuns em algumas cidades interioranas do século XXI.

Outro exemplo, relatado por Michel Vovelle (2010), Philippe Ariès (2003) e Jean-Pierre Bayard (1996), é quanto ao destino do morto, que na Idade Média era negociado por meio de orações, solicitações de missas, pagamentos de dívidas; sem esses procedimentos ficavam indefinidos os caminhos da alma do morto: se o céu, o inferno ou o purgatório. Já no século XX, acreditava-se que somente por meio de orações feitas às almas benditas ou para os santos, os mortos poderiam ser salvos e encaminhados a um bom lugar no plano espiritual.

A melancolia trazida pela morte proporciona na visão de Bayard (1996, pp. 283-286) ao homem ocidental, um olhar de mau agouro diante de sua presença e isto o impede de perceber o quanto a morte é inerente à vida. Em contrapartida, no trato com a morte, estão, por exemplo, os indígenas e os asiáticos que a veem como transformação necessária para que o mundo e a vida possam continuar a existir.

Para Oliveira e Araújo (2011, p. 93) o povo brasileiro possui um imaginário religioso rico em simbologias, repleto de crenças, mitos e lendas em relação às almas dos mortos. Eles acreditam que as almas abandonam o corpo sem vida, e que esse deve ser enterrado. Somente assim a alma do morto pode encontrar o seu destino final, ascender ao céu ou decair ao inferno.

A simbologia do ritual de morte é marcada pelo sentimento de esperança que está presente em algumas religiões do Brasil e implícito na promessa da sobrevivência e do bom encaminhamento da alma do morto para o além-túmulo. Essa necessidade que os seres humanos possuem de intermediar a morte é uma forma de negociação para saber qual será o destino do morto e, por conseguinte, saber também quais serão os seus destinos quando morrerem. A crença na sobrevivência da alma está inscrita na consciência do homem e na memória coletiva de várias sociedades, pois morrer é uma realidade muito palpável para todos os que habitam a Terra, portanto, negociar uma boa passagem para o mundo dos mortos significa a salvação de um destino infernal (OLIVEIRA & ARAÚJO, 2011, p. 93).

Os Encomendadores das Almas de Oriximiná acreditam que suas vidas são influenciadas pelas almas dos mortos, ajudando-os a viverem melhor na Terra (SOARES, 2007). Por meio dessa pesquisa buscarei uma maior compreensão de como se dá a perpetuação do Ritual de Encomendação das Almas entre as gerações e, de que modo ocorre a construção e a transmissão do conhecimento perpassado pelo saber popular contido nesse ritual.

Desta forma, não se pode falar do Ritual de Encomendação das Almas sem associá-lo à cultura e à educação popular contidas no processo. Toda a produção cultural que se encontra nesse rito de Encomendar as Almas é fruto de um saber-fazer dos homens e, portanto, ponto relevante para se entender a educação do senso comum ocorrida nesse ambiente social. A vida cotidiana e a relação dos encomendadores entre si e com a comunidade na qual estão inseridos fazem do Ritual de Encomendação das Almas um ambiente rico em conhecimento popular, onde se observa entrelaços de saberes que permeiam seus espaços.

Na visão de Mota Neto (2008, p. 61) a cultura popular ou do senso comum rompe uma visão tradicional da ciência que só enxerga saber no conhecimento escolar, tido como científico, negando a sabedoria popular. Sergio Martinic (1995) nos diz que quando grupos populares relacionam a realidade do mundo às suas práticas cotidianas, expressam saber, pois “el saber expresa lo que socialmente un grupo o sociedad institucionaliza como real” (op. cit., p. 71).

A meu ver a realidade em que se processa o Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná se caracteriza como um espaço rico em movimento social e cultural, demonstra uma “valor educativo” (PASSARELLI, 2007, p. 4) e que contém saber. E, tal como Brandão, me proponho a realizar um “exercício de pensar sobre a sociedade; um exercício que usa a religião como roteiro e cujo pensamento parte do que se vê no âmbito religioso” (BRANDÃO, 2007, p. 20). Portanto, considero que o Ritual de Encomendação das Almas é perpassado por saberes e práticas culturais que educam os encomendadores e a sociedade oriximinaense. O ato de se encomendar as almas persuade, educa e previne os vivos para os ideais cristãos de solidariedade e caridade com o próximo esteja ele vivo ou morto; ajuda a obter uma boa morte quando chegar o momento e a livrar-se do purgatório. E ensina a ter respeito com as tradições culturais e a valorizar os idosos como mantenedores da tradição e perpetuadores do ritual pela oralidade.

A partir dessas constatações, o **problema** da pesquisa foi assim enunciado: como se desenvolvem os processos educativos de construção e transmissão de saberes no Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná – Pará? Com o propósito de analisar essa problemática, foram levantadas algumas **questões norteadoras**: Que saberes perpassam o Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná? Como são construídos esses saberes? De que forma eles são transmitidos?

O **objetivo** geral foi: Verificar como se desenvolvem os processos educativos de construção e transmissão de saberes no Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná – Pará. E de forma específica tiveram-se os seguintes objetivos: Analisar o processo de construção social e histórica da emergência dos saberes presentes no Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná - Pará; Elucidar os processos de transmissão intergeracional dos saberes presentes no Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná - Pará.

### 3. Perspectiva Teórica de Análise.

Durante a realização do estado da arte dessa pesquisa, encontrei estudos que consideram a morte em diversas culturas e religiões. Entre os estudos históricos sobre a morte observei os de Ariès (1981, 1991, 2003), Bayard (1996), Reis (1991, 1997) e Vovelle (1997, 2010).

Sobre a Encomendação das Almas no Brasil, encontrei os estudos de Junqueira (1999), Passarelli (2007), Pedreira (2010a, 2010b), Rocha (2006), Sant' Anna (1997) e Teixeira (2009). Na região Amazônica verifiquei os estudos de Câncio (2007) e Soares (2007).

Para embasar a educação em uma perspectiva cultural, me apropriei das obras de Brandão (2002, 2007b). E para referendar o intercâmbio de saberes do senso comum utilizei-me dos ensinamentos de Martinic (1995), Oliveira (2008a e 2008b) e Santos (2003).

No decorrer dos anos 60 e 70, alguns historiadores da escola dos *Annales*<sup>5</sup>, dentre eles Philippe Ariès e Michel Vovelle, por meio da história das mentalidades passaram a dar importância para a história cultural e para temas que correlacionavam o conhecimento da natureza e da cultura.

Ariès evidencia em seus estudos a cultura e como esta classificava os fenômenos naturais, tais como a infância, a família, a escola e a morte (BURKE, 1997, p. 81). Ao estudar as atitudes dos seres humanos diante da morte, Ariès focaliza o tema da morte como um fenômeno da natureza desviado pela cultura ocidental para a margem da ciência, atendendo a um pedido de Lucien Febvre que dizia: "Nós não possuímos uma história da morte" (op. cit., p. 82).

Philippe Ariès surge como um pioneiro, na história das mentalidades, ao abordar a morte como tema de estudo. Entre as publicações deste autor estão: *O homem diante da morte* (1981) e *História da morte no Ocidente* (2003) nestas obras Ariès fala que a percepção da morte do homem da Idade Média decorre da visão de indiferença, de resignação, de familiaridade, de ausência de privacidade e dos tabus da sociedade da época (op. cit., pp. 82-83), observo, portanto, o engajamento pessoal de Ariès ao escrevê-las, pois o autor demonstra uma atenção

---

<sup>5</sup> A escola dos *Annales* é um movimento de historiadores que se formou em torno do periódico acadêmico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, tendo como destaque científico a incorporação de métodos das Ciências Sociais à História (BURKE, 1997).

especial ao referendar um tema que revela a percepção subconsciente da morte pelo homem. Ariès tenta esclarecer e desvelar o passado coletivo e a evolução do homem do Ocidente frente às relações que manteve ou mantêm com a morte. Com um diálogo que aproxima o leitor, Philippe Ariès correlaciona o tema morte e vida com nossas experiências e com o cotidiano das sociedades (op. cit., p. 82).

A História da morte<sup>6</sup> contada por Philippe Ariès (2003, p. 34) mostra o ritual de morte, na Idade Média, como um evento vivido em sociedade e executado quando se sentia a aproximação da morte de alguém da família. No século XIX, os mortos se tornam intermediários divinos, para os quais se deviam apelar nas situações de perigo.

O olhar do historiador Michel Vovelle, também está presente nesta perspectiva teórica de análise. Suas obras *Imagens e Imaginário na História: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX* (1997) e *As almas do purgatório ou o trabalho de luto* (2010) referendam que no final dos anos 60 houve uma valorização dos registros orais e das imagens, temas que abordavam as representações coletivas do povo. A história das mentalidades passou então a incluir a iconografia entre suas técnicas de estudos e a valorização da morte passou a ser vista por meio de registros orais e de imagens que abordavam as representações coletivas do povo francês e de algumas regiões do Ocidente cristão.

Vovelle foi um dos primeiros historiadores a se interessar pelas imagens populares e suas representações diante da morte. O estudo que Vovelle (1997, 2010) faz sobre a morte percorre várias épocas e contextos históricos, como é comum na história das mentalidades. A história das mentalidades tem o intuito de apreender, por meio de um estudo prolongado a homogeneidade, a unidade e a continuidade de ideias formadas ao longo dos tempos e das gerações que perpassam os séculos.

Na obra *Imagens e Imaginário na História: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX* (1997), Vovelle retrata a morte, por meio das representações, da vida e do além-túmulo. Usa a iconografia para

---

<sup>6</sup> Algumas perguntas em relação à morte ou a vida deram origem a um estudo mais detalhado de como as sociedades têm lidado com a morte, fenômeno que sempre esteve presente em suas histórias. Philippe Ariès trata, em seu livro *História da Morte no Ocidente* (2006), a morte do ponto de vista histórico e sociológico e faz uma análise das atitudes diante da morte, desde a morte domada, na Idade Média, na qual as pessoas tinham uma postura religiosa, até a morte interdita ou selvagem, como em nossos dias, nos quais há a total negação por parte da sociedade (nota da autora).

abranger uma análise que vai dos túmulos aos livros, impressos, gravuras e pinturas, sobre o tema morte, chegando ao estudo dos cemitérios e monumentos fúnebres. Para o autor, a iconografia traz uma contribuição importante ao estudo das mentalidades coletivas devido à profusão de imagens criadas pela fantasia e pela cultura coletiva que constitui uma contribuição essencial para o estudo da história e das mentalidades.

Vovelle (2010), em *As almas do purgatório ou o trabalho de luto* tem o objetivo de desvelar o relacionamento do homem com seus mortos, ao longo dos tempos, partindo de um período que se situa entre a virada dos séculos XIII e XIV até o século XX, tenta compreender como o homem se vê diante do luto e qual relacionamento que mantém com as almas que possuem o destino do purgatório. Para Vovelle (2010, p. 285), os mortos serviam “para levar orações e pedidos, pelo caminho hierárquico, até os grandes santos e a madona, de onde virá a intervenção milagrosa” e as manifestações de intercessões e de devoção às almas passaram a ser abertamente expressa durante o século XX nas igrejas e nos oratórios do mundo mediterrâneo.

Outro estudioso presente nesta análise teórica é o historiador Jean-Pierre Bayard seus estudos analisam as raízes e os ritos mortuários de algumas civilizações ocidentais em diferentes épocas e contextos sociais. Em *Sentido oculto dos ritos mortuários* (1996) o autor fala do elo entre vida e morte; comenta sobre os mistérios do mundo dos mortos; analisa o medo da morte durante a sociedade industrial e assevera que nas tradições antigas, os mitos, a história e os ritos funerários de todos os tempos, testemunham vários tipos de homenagens e cultos aos seus mortos, dando indícios de uma imaginação e preocupação constante com a sobrevivência do morto no além-túmulo.

João José Reis, um dos mais importantes historiadores contemporâneos do Brasil, em sua obra intitulada *O cotidiano da morte no Brasil oitocentista* (1997, p. 96) fala sobre o cotidiano da morte no Brasil e afirma que as atitudes relacionadas à morte e aos mortos obtiveram novas nuances e sentidos ao longo do século XIX, pois, homens e mulheres preocupavam-se com a boa morte, com o mundo dos mortos e com os espíritos. As grandes preocupações da época eram sobre a maneira como se esperava a morte, qual o momento ideal de morrer, que ritos deveriam preceder e suceder a morte e qual o destino da alma. Questões estas que, para o autor, acabaram criando ritos, mitos, símbolos e devoções acerca da morte.

No que se refere às pesquisas voltadas para os Rituais de Encomendação das Almas existentes no Brasil, destaca-se a de Ulisses Passarelli intitulada: *Encomendação das Almas: um rito em louvor aos mortos* (2007). O trabalho de Passarelli volta-se para um grupo de São João del-Rei onde o rito da Encomendação das Almas visa o progresso espiritual e alívio das penas dos mortos. O autor diz que este ritual tem cunho educativo, pois objetiva persuadir os vivos quanto ao cumprimento dos ideais cristãos para se livrar das penas infernais e como condição de salvação de suas próprias almas. Para tanto,

depreende-se que o ritual tenha assim um valor educativo e preventivo. É uma caridade que retorna: relatam que todos temos necessidade de rezar pelos mortos porque também nós, em breve, estaremos sepultados e precisaremos de rezas. Se em vida oramos pelas almas, uma vez falecidos teremos quem reze pela nossa; caso contrário ela ficará esquecida e não poderá ascender no purgatório, pois creem, que são as preces recebidas que as fazem progredir, pela misericórdia divina, subindo das chamas em direção à luz (PASSARELLI, 2007, p. 4).

O texto *A morte e o culto aos mortos nas tradições populares de Rondônia* (2009), de Marco Antonio Domingues Teixeira, tem como objeto a morte, o conjunto dos rituais fúnebres e o culto aos mortos. O autor fala que desde o século XVI as sociedades coloniais estabeleceram-se na Amazônia enfrentando adversidades ambientais que tornaram a vida desta sociedade ainda mais difícil. Assim, morrer era “uma realidade muito palpável para todos os que por aqui se aventuravam, não importando a idade, sexo, condição social”, pois a condição do clima tropical quente e úmido da região tornava necessária a “brevidade nos rituais de velório e sepultamento” (op. cit. pp. 3-4).

Teixeira (2009) usa a etno-história para estudar as características e os procedimentos ritualísticos da morte e do culto aos mortos nas sociedades formadas durante a colonização dos vales Madeira, Mamoré e Guaporé, entre os séculos XVIII e XX. O autor diz que estas sociedades são de formação cristã e católica, pois constituíram seus rituais e práticas de cuidados com o morto e com a alma, a partir das doutrinas religiosas trazidas ao Novo Mundo pelos colonizadores. Os rituais fúnebres adquiriram práticas próprias e peculiares à sociedade da época, resultantes das relações sociais com o meio ambiente local, uma vez que sofreram influência de outras matrizes culturais: cristã, protestante, evangélica, ameríndia e africana.

Bié Junqueira (1999), no artigo *Rito de passagem da vida, da morte ao céu*, nos diz que o rito de Encomendação das Almas possui uma concepção religiosa da visão da agonia, da morte e do *post-mortem*. A religiosidade desse ritual está relacionada às práticas medievais europeias e com as mais remotas ideias advindas do paganismo. Para o autor, a Encomendação das Almas é um rito coletivo que alude a mais temida passagem humana – a morte.

O artigo *Cuide da vida, porque a morte é certa*, de José Sant'Anna, publicado em 1997, analisa a morte a partir das cantorias. Os cantos visam ao sufrágio das almas do purgatório, dos assassinados, dos afogados. Em sua análise, Sant'Anna (1997) considera a morte como o mais desconhecido momento da vida humana e que tem gerado, ao longo dos séculos, uma série de crenças, tabus, superstições e práticas. O folclore sobre a morte é rico e complexo sendo motivo para estudos, pois podem manifestar-se de diversas formas, seja por meio de preces, cantos ou danças.

Ewelter Rocha (2006), no estudo intitulado *Cantar os mortos: Benditos fúnebres nas sentinelas do Cariri (CE)* investiga o canto fúnebre inserido na dimensão simbólica de um cerimonial fúnebre sertanejo, mais precisamente, na sentinela do Cariri cearense. O autor aborda a compreensão do contexto cultural local e o conhecimento das relações entre vida e morte presentes no simbolismo religioso da cultura do Cariri. O estudioso (op. cit., p. 50) adota um percurso metodológico buscando compreender a “visão de mundo e dos principais elementos constitutivos do credo religioso caririense; a percepção nativa acerca da morte e da salvação; as funções da sentinela na cultura; e as funções da música como componente do rito mortuário”.

Carolina Pedreira (2010a), no artigo *Cantos rezados, rezas cantadas: atos, palavras e sons no ritual de lamentação das almas*, tem como objeto de pesquisa o ritual de lamentação das almas realizado por mulheres. A pesquisa enfoca o grupo de mulheres Encomendadoras de Almas, chamado Terno de Andaraí, para o qual estão voltadas “as análises acerca dos elementos que compõem o ritual e sobre a relação da lamentação com o Jarê<sup>7</sup> [...] da Chapada Diamantina (BA)” (op. cit., p. 1).

---

<sup>7</sup> O Jarê é uma variante do candomblé de caboclo, no qual se incluem os cultos de Catimbó e Jurema no Nordeste, “representa uma vertente menos ortodoxa do candomblé, resultante de um complexo processo de fusão, no qual à influência dos cultos Bantu-Yoruba, sobrepuseram-se elementos do catolicismo rural, da umbanda e do espiritismo kardecista” (ALVES & RABELO, 2009, p. 2).

Em outro artigo, intitulado *Irmãs de almas: rituais de lamentação na Chapada Diamantina*, Pedreira (2010b) faz a etnografia do ritual, enfocando as características da Encomendação das Almas por meio dos caminhos da devoção, da singularidade da história, da reza e da liderança das donas dos ternos das almas de Andaraí, Igatu e Mucugê, na chapada Diamantina.

Em relação à região Amazônica, a Encomendação das Almas é descrita na pesquisa da antropóloga Mariana Pettersen Soares (2007) intitulada: *A poética da morte no ritual dos Encomendadores de Almas no município de Oriximiná*, de abordagem etnográfica, esse estudo investiga a poética do ritual dos Encomendadores de Almas, do município de Oriximiná - Pará. A autora mostra as imagens que os Encomendadores de Almas possuem da morte por meio da linguagem poética e ritualística, além de citar a origem do ritual e as mudanças sofridas no rito ao longo do tempo.

Outro estudo que referencia o Ritual de Encomendação das Almas na Amazônia é o artigo de Raimundo de Pádua Câncio (2007), intitulado: *Os Rezadores de Almas de Oriximiná: da relação escola – saberes e práticas culturais*. Neste estudo, Câncio (op. cit., p. 1) revela a posição das escolas de Oriximiná, frente a um possível saber e processo educacional contido no Ritual de Encomendação das Almas. Mostra-nos que a indiferença é o sentimento que perpassa a opinião da grande maioria dos moradores da cidade frente a esta antiga manifestação cultural. Relata que os muros das escolas representam a fronteira limítrofe entre o saber escolar e o não escolar.

Câncio (op. cit., p. 20) acrescenta que “o direito à educação deve ser visto também como o direito de conhecer e estudar os saberes historicamente negados”. Ressalta que a humanidade é “um conglomerado de diferenças, de culturas, de etnias, de religiões, de conhecimentos, de capacidades, de experiências, de ritmos de aprendizagem [...]” (op. cit. p. 20), e por isso mesmo deve ser conhecida e valorizada em toda a sua essência. Pois, o ser humano possui diferenças sócio-histórico-culturais e que por esse motivo precisa viver em sociedade para que haja troca de aprendizagem, portanto, ao falar de educação, há de se levar em consideração os processos sociais de interação chamados cultura. Brandão (2002, p. 25) ressalta que para que a devida relação entre cultura e educação seja compreendida se deve ter em mente que “mas do que seres ‘morais’ ou ‘racionais’, nós somos seres aprendentes [...] a aprendizagem [...] representa quase tudo que

um indivíduo de nossa espécie precisa saber para vir a ser uma pessoa humana em sua vida cotidiana”. No meu ponto de vista é nesta perspectiva de aprendizagem da vida cotidiana, dos saberes da tradição e da oralidade que o Ritual de Encomendação das Almas está inserido, pois a cultura que emerge deste ritual pode ser considerada um patrimônio imaterial transmitido entre as gerações.

Brandão (2007b) preleciona que a educação,

existe onde não há a escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida (BRANDÃO, 2007b, p. 13).

Considerando que as experiências do cotidiano e da vida dos Encomendadores das Almas emergem de uma cultura popular, me aproprio dos ensinamentos de Brandão (op. cit. p. 13) para dizer que os princípios da própria vida, que se transporta de uma “geração a outra de viventes”, tem a função de ensinar o indivíduo a “sobreviver e a evoluir” em sociedade.

Soares (2007, p. 23) considera que a Encomendação das Almas é uma prática cultural constantemente recriada pelas comunidades que a praticam, em função do ambiente onde vivem e da interação dos encomendadores com a sociedade. Essa prática cultural de encomendar as almas confere uma característica única aos indivíduos que a praticam, o que gera um sentimento de identidade cultural particular a essa sociedade. Para Rodrigues et al. (2007), o procedimento de identificação do sujeito prioriza as relações instituídas pelos “indivíduos enquanto grupo pertencente a uma determinada cultura, como produto de socialização, que determinará o modo pelo qual eles estabelecerão suas relações com a natureza, com os outros homens e consigo mesmo”. E mais,

a identidade coletiva, considerada como um processo, envolve: formulação de estruturas cognitivas referentes aos objetivos, aos meios e ao ambiente da ação; estímulo de relacionamento entre os agentes, que comunicam, negociam e tomam decisões e preparo de investimentos emocionais, que habilitam os indivíduos a se reconhecerem nos outros (RODRIGUES et al. In OLIVEIRA & SANTOS, 2007, p. 24).

Baseada nos estudos de Oliveira (2008. p. 64) venho a concluir que identidade individual e/ou coletiva de uma sociedade se dá por meio do saber popular, que se constitui em práticas e experiências vividas no cotidiano, e se

propaga por meio da memória oral dos sujeitos que edificam suas ideias e tecem suas representações e imaginário sobre suas vivências do mundo real. Para Rodrigues et al. (2007, p. 24) esses saberes são denominados de populares porque são frutos de experiências de vida, na qual o sujeito troca informações e interpreta a sua realidade. A partir da lógica de suas relações em grupo, o sujeito denota um processo de construção de identidade coletiva em que “a cultura faz parte do seu projeto histórico de humanização, isto é, o ser humano ao criar cultura faz a si próprio e faz história”.

E como referenda Brandão (2002),

somos o que criamos para efemeramente nos perpetuarmos e transformarmos a cada instante. Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como os objetos e os utensílios da vida social, representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de: *cultura* (BRANDÃO, 2002, p. 22).

Nessa perspectiva cultural situa-se o Ritual de Encomendação das Almas, pois se configura como um rito imerso em cultura, uma vez que o movimento de criação e recriação humana se faz presente nos Encomendadores de Almas, por meio de um conjunto de experiências, crenças, sentimentos, símbolos e significados que são historicamente vivenciados, construídos e partilhados cotidianamente pelos rezadores em suas relações sociais (SOARES, 2007, p. 20). O ritual “é uma expressão popular secular que reúne em si diferentes valores: artísticos, religiosos e históricos que, juntos, integram-se de modo indissociável, assumindo grande importância na identidade cultural” de um indivíduo (op. cit., p. 8). Além de ter um “valor educativo e preventivo” (PASSARELLI, 2007, p. 4).

Como reflete Brandão (2002), a aprendizagem fez parte do ensino e da construção da humanidade desde a era simbólica até a liberdade do imaginário. Para o autor, a educação é um dos nomes dados a este milagre de interação de saberes.

Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo (BRANDÃO, 2002, p. 26).

Pensar em educação sob a perspectiva de Brandão (2002, 2007b) significa refletir sobre um novo olhar na concepção dos processos educativos, um olhar para além do horizonte do conhecimento e de realização de aprendizagens formais. Significa romper com a história da educação brasileira que abriga estudos somente sobre o saber formal, deixando à margem outros saberes e processos de aprendizagens que se encontram fora dos processos escolares, como por exemplo, os saberes da pesca, da alimentação, dos sonhos, da morte, saberes ditos não escolares, mas vividos e encontrados em algumas comunidades do Brasil e da Amazônia. Para o autor a educação não precisa de escola para existir, pois em todos os lugares há redes sociais que favorecem a transferência de saber entre as gerações.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 2007b, p. 7).

O homem constrói a própria história e torna-se ser de aprendizado, logo, ser da educação, e como não existe uma única forma ou modelo de educação, pressupõe-se que a escola não é o único lugar de acontecimento educacional (op. cit., p. 9). A “educação pode existir livre, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar *comum*, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é *comunitário* como bem, como trabalho ou como vida” (op. cit. p. 10). Sendo o “homem – sujeito que produz a cultura” que entende a educação como um “ato consciente de afirmação de si mesmo, senhor de seu trabalho e do mundo que transforma” (op. cit., p. 39). Brandão entende que a educação é uma pequena parte do modo de vida dos “grupos sociais que a criam e recriam” (op. cit., pp. 10-11) por meio de suas culturas em sociedade, um saber que atravessa as normas de condutas e os códigos sociais de geração em geração.

Sergio Martinic (1995, p. 73), ao se referir sobre o saber popular nos diz que os grupos populares constroem seus conhecimentos a partir do momento em que conseguem compreender e interpretar fatos vivenciados no cotidiano de suas vidas com o mundo real. O conhecimento apreendido proporcionará ao indivíduo um conjunto de observações que permitam ao sujeito compreender suas experiências e,

ainda, torná-la inteligível para os outros. É um conhecimento compartilhado que se produz do real, pois permite o reconhecimento coletivo.

Desta forma, o saber coletivo transcende ao indivíduo, pois permite que os sujeitos produzam e reproduzam suas experiências e práticas de forma coletiva, de modo a compartilhar a linguagem, os valores e as crenças populares na sociedade em que vivem não somente como uma forma empírica de conhecimento, mas com uma estrutura permeada pela lógica dos fatos considerados como verdades e divulgada as margens do saber científico (MOTA NETO, 2008, p. 71).

A esse saber elaborado e sistematizado e não oficializado pela ciência, Martinic (1995, p. 77) denomina de sabedoria popular, a qual se vincula um sistema de regras e princípios baseados na problematização. Saber que cria legitimidade por meio de uma racionalidade específica inerente aos grupos populares.

A estudiosa Ivanilde Apoluceno de Oliveira em *Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizados amazônidas* (2008a) busca identificar os saberes culturais da população em comunidades ribeirinhas do município de São Domingos do Capim, no estado do Pará, tem como problema norteador verificar como se desenvolvem as práticas sociais cotidianas dessas comunidades sem o conhecimento da leitura e da escrita da palavra. A autora nos alerta que a educação nesse caso está voltada mais para a prática social, religiosa e familiar dos alunos da comunidade, assim como sofre influência dos elementos relacionados a economia, a política, a cultura e a ética da região. Acrescenta que os saberes cotidianos das referidas comunidades estão vinculados às práticas dos sujeitos que nela vivem. Saber esse, que permite aos sujeitos solucionar “problemas práticos e imediatos. Neste sentido, a sabedoria popular, como <<produto da elaboração crítica que os homens tem de sua própria visão de mundo>> [...], é importante para a realização de suas práticas sociais e educacionais” (op. cit., pp. 10-11).

Em *Cartografias de saberes: representações sobre religiosidade em práticas educativas populares* (2008b), Oliveira investiga os saberes que constroem as identidades culturais amazônicas, nessa obra a autora referenda que a religiosidade mesmo escondida ou recalcada está ligada ao ser humano e se mostra no cotidiano, em momentos de dor e de decisão, ou ainda quando o homem precisa conduzir a vida ou usar a palavra para construir, criar e curar. Acrescenta que as louvações proferidas pelos amazônidas se apresentam na voz das “orações faladas, cantadas;

no gesto encenado ou na representação visual, e as formas físicas dos deuses imitam entes do mundo animal, vegetal ou mineral, seja no plano imaginário ou simbólico” (op. cit., 5). Dessa forma, observo que o imaginário, a religiosidade e a mitologia dos amazônidas estão entrelaçados na cultura local, caracterizando um saber sincrético, rico e particular que identificam essa população.

O educador Boaventura de Sousa Santos (2003) faz o leitor re-pensar a educação valorizando o intercâmbios de saberes marginalizados pela academia científica. Santos expõem em seus estudos uma recuperação dos saberes e das práticas consideradas heréticas praticadas por determinados sujeitos sociais que, devido ao capitalismo e aos incontáveis processos de colonização foram historicamente e sociologicamente marginalizados, sendo observado apenas como objeto dos saberes dominante, o único válido pela ciência.

Em sua obra *Um discurso sobre as Ciências* (2003) o estudioso Santos traça um mapa da ciência moderna, faz uma crítica ao totalitarismo da ciência e do seu poder de legislar sobre o conhecimento válido, discute a eleição da ciência como uma única forma de conhecimento legítimo. O autor diz que as consequências desses atos será a morte de conhecimentos alternativos à ciência, a eliminação ou subalternização dos grupos sociais cujas práticas estão assentadas nesses conhecimentos.

#### **4. A estrutura da dissertação.**

No primeiro capítulo desta dissertação, intitulado Trilhas Metodológicas da Pesquisa, busquei explicitar os métodos e técnicas de pesquisas baseadas em teorias metodológicas, educacionais e de pesquisas científicas que serviram de aporte para verificar como a educação está inserida nos processos de construção e transmissão de saberes do Ritual de Encomendação das Almas.

No segundo capítulo, intitulado: A Morte como Campo de Estudo, exponho alguns indícios do destino do morto e qual a percepção da morte na História da Humanidade e, falo sobre alguns tipos de rituais fúnebres contidos na História da Morte no mundo. Abordo, também nesse capítulo a morte e a Encomendação das Almas no Brasil e na Amazônia e, como a morte é contextualizada no imaginário brasileiro.

No terceiro capítulo, Educação e Saberes: A epistemologia da Encomendação das Almas, entrecruzo os dados obtidos na pesquisa com algumas categorias de análises, tais como Cultura, Saberes, Representações Sociais, Morte, Educação Não Escolar e Imaginário tendo como base alguns estudiosos que são referência na área buscando esclarecer os tipos de educação presentes nesta manifestação e que saberes perpassam o objeto da pesquisa tendo como base alguns elementos fenomenológicos do ritual. Esse capítulo consta de depoimentos colhidos dos “Encomendadores” e de moradores da cidade de Oriximiná objetivando expressar o processo de construção social e histórico da emergência dos saberes presentes no ritual, além de elucidar como se dá os processos de transmissão intergeracional dos saberes desse rito.

Nas Considerações Finais, evidencio algumas reflexões do que seja a morte dentro do imaginário popular amazônico e do ritual de Encomendação das Almas, além de oferecer uma oportunidade para nos questionarmos a respeito do significado da sobrevivência dessa manifestação rica em saberes secular.

## Capítulo 1 – Trilhas Metodológicas

*Na verdade a metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade.*

Maria Cecília de Souza Minayo (2010b, p. 15).

Para compreender como se desenvolveram os processos educativos de construção e transmissão de saberes no Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná - Pará, utilizei métodos e técnicas que seguem uma estrutura de organização definida pelas teorias educacionais e metodológicas com o escopo de verificar como a educação encontra-se inserida na construção e socialização desses saberes. Assim, essa pesquisa buscou entender o homem no seu ambiente social e no cotidiano de sua vida real. Para tanto foi necessário adotar metodologias que proporcionassem entender a lógica interna de grupos, dos sujeitos e, entre sujeitos quanto a valores culturais, imaginários e representações.

### *1.1. Métodos de procedimento da pesquisa.*

Dentre os vários tipos de métodos existentes, optei por aqueles que se relacionam entre si e correspondam com a perspectiva da presente pesquisa de investigar o universo do Ritual de Encomendação das Almas, local de experiências cotidianas, interpretadas e reinterpretadas pelos atores sociais que a vivenciam.

Portanto, a pesquisa se fundamentou em alguns pressupostos do método **Fenomenológico** para compreender, descrever e interpretar os fenômenos que se apresentavam à percepção dos sujeitos dessa pesquisa. Segundo Peixoto (2003, pp. 18-19), a fenomenologia “é uma leitura dialética da realidade, uma forma de entender a realidade em todos os seus aspectos: histórico, social, político, sentimental e de vivência do homem”.

Tendo a função de descrever e analisar as essências do objeto estudado, a partir da concepção de mundo dos sujeitos pesquisados no seu cotidiano de vida, a fenomenologia busca,

a revelação dos fenômenos, que nos são dados através da experiência. O seu papel é de distinguir e revelar o que há de essencial na percepção do fenômeno, o que requer a suspensão dos juízos sobre a realidade que nos

cerca. É como o indivíduo adotasse uma espécie de abono provisório do mundo para melhor captá-lo. Husserl denominou esse processo de “redução fenomenológica” ou *epoché* (PEIXOTO, 2003, p. 19).

Para Peixoto (2003) a “preocupação básica da fenomenologia é a de contribuir para a superação do senso comum (atitude natural), para que os indivíduos possam assumir uma postura fundamentada e crítica (atitude fenomenológica)” (op. cit., p. 19), onde a atitude natural parte de uma objetividade sem questionamentos, mas a atitude fenomenológica questiona essa objetividade, a partir do momento que relaciona e analisa a vivência do fenômeno por meio da *epoché*.

A *epoché* ou redução fenomenológica consiste “em deixar de lado todos os nossos pré-conceitos, numa suspensão provisória dos nossos julgamentos, para assim poder apreender as ‘coisas em si’” (op. cit., p. 25), e atingir a essência do fenômeno (das coisas), onde a experiência do sujeito pode ser descrita na sua vivência real, como ela se processa e livre de preconceitos.

Na visão de Rodrigues (2006, pp. 141-142), a fenomenologia consiste na descrição de todas as significações da realidade, seja ela: material, natural, ideal ou cultural. De acordo com Benedito Nunes (1998), é por meio da linguagem que a fenomenologia deixa de ser apenas uma análise da “*expressão à elucidação do conhecimento*” (op. cit., p. 46), ela transforma-se “na ‘*ciência dos verdadeiros começos*’, da origem, das raízes de tudo” (op. cit., p. 47). Esse retorno às origens torna o método fenomenológico, um descritor de fatos que ultrapassa o empirismo das coisas para um ideal de logicidade do pensamento, de tal forma, que passa a ser observado como uma ciência investigativa.

Para tanto as realidades sociais são construídas por meio de significados e só pode ser identificada e interpretada por meio de uma interação social, entende-se desta forma, que a fenomenologia está dentro das ciências sociais, pois “a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis na abordagem fenomenológica, uma vez que os significados são gerados na interação social” (MINAYO, 2010a, p. 60).

E mais,

a fenomenologia da *vida cotidiana* trabalha com fatos de que as pessoas se situam na vida com suas angústias e preocupações, em intersubjetividade com seus semelhantes (companheiros, predecessores, sucessores e

contemporâneos) e isso constitui a existência social, por isso, o espaço e o tempo privilegiados nessa teoria são a vida presente e a relação face a face (MINAYO, 2010a, p. 144).

Para Minayo (op. cit. pp. 147, 148), a intersubjetividade é “a categoria central da análise fenomenológica, porque ela é um dado que fundamenta a existência humana no mundo”, pois representa uma situação familiar em que há uma compreensão do outro de forma individual e, não nega a vida em sociedade. Chizzoti (2003) nos diz que o estudo da fenomenologia considera o cotidiano e a familiaridade com as coisas tangíveis que velam os fenômenos, assim, o sujeito social necessita transpor as aparências para atingir a essência dos fenômenos.

E é nesse sentido que se faz necessário compreender a essência dos fenômenos que foram colocados à margem do conhecimento e procurar reconhecer processos educativos em ambientes não formais. Para Peixoto (2003, p. 78) falar em educação é abordar a fenomenologia do “ato de educar, ou seja, encarar a educação como um fenômeno presente na vida do ser humano que visa à melhor interação consigo mesmo, com os outros e com a sociedade”. Para tanto esse fenômeno, devem ser observado em diversas formas de educação presentes no contexto mundial.

Ao perceber as varias formas de educar, compreende-se a pluralidade da educação e, percebe-se a existência dessas em diferentes sociedades do mundo. De acordo com Brandão (2007b, p. 9), a educação existe em “cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram [...] a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender”.

Dessa forma, esse estudo se propôs a realizar uma descrição direta e minuciosa do Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná – Pará, por acreditar que a vida social dos Encomendadores das Almas é uma realidade que se constitui de regras e conhecimentos compartilhados no âmbito coletivo, que permite uma interação de saberes entre pessoas que participam de um mesmo evento e, habitam um mesmo espaço social, portanto, entremeado de práticas educativas.

A presente pesquisa, também, se utilizou de algumas estratégias da **Etnometodologia** com o objetivo de dá ênfase ao objeto de estudo como produto da cultura. Para Minayo (2010a) a etnometodologia é,

um conjunto de estratégias de pesquisa cujo ponto em comum é a descrição minuciosa dos objetos que investiga [...]. Os desenhos operacionais de cunho etnometodológicos preconizam a observação direta e a investigação detalhada dos fatos, no lugar em que eles ocorrem, com a finalidade de produzir uma descrição minuciosa e densa das pessoas, de suas relações e de sua cultura (MINAYO, 2010a, p, 149).

Mello (2007a) diz que a etnometodologia analisa o “raciocínio prático baseado nos traços culturais, as normas, o sistema de crenças, os costumes, as tradições, os hábitos e os padrões culturais dos grupos, dos quais participam os sujeitos com o objeto estudado” (op. cit., p. 7). Para a autora a etnometodologia se baseia em procedimentos que buscam resolver os problemas cotidianos do homem, considera que os indivíduos de uma sociedade “têm saberes práticos para reconhecer e produzir continuamente processos sociais significativos e ordenados, segundo suas concepções de mundo e valores sócio-culturais em seus ambientes culturais micro-sociais” (op. cit. p. 7).

Para Minayo (2010a) o estudioso Schutz (1972) estabelece que a vida real em sociedade permite uma interação entre as pessoas e que “as características dessa realidade [...] são inseparáveis dos processos interpretativos, pois faz parte da constituição do mundo a forma pela qual os seres humanos chegam ao sentido da realidade objetiva” (op. cit., p.150). Dessa forma a etnometodologia se constitui uma,

forma de pensar a realidade social a partir do raciocínio prático dos sujeitos sociais em suas atividades rotineiras do dia-a-dia. Considera a sabedoria popular decorrente das práticas sociais, por meio das quais esses sujeitos constroem e reconstróem o seu mundo (MELLO, 2008/2009, p. 5).

Como essa pesquisa enfocou uma perspectiva de análise descritiva do Ritual de Encomendação das Almas ela se baseou, ainda, em alguns aspectos da **Etnografia**, pois para Minayo (2010b) esse método se refere,

à análise descritiva das sociedades humanas, primitivas ou ágrafas, rurais ou urbanas, grupos étnicos etc., de pequena escala. Mesmo o estudo descritivo requer alguma generalização e comparação, implícita ou explícita. Diz respeito a aspectos culturais (MINAYO, 2010b, p. 94).

Para a realização das análises descritivas necessitei realizar o levantamento de todos os dados possíveis sobre o objeto da pesquisa e, dessa maneira, fui ao encontro dos ensinamentos de Minayo (2010b) que nos fala da necessidade de realizar um levantamento geral dos aspectos sócios educacionais e culturais de uma

sociedade, de forma que se possam descrever os dados colhidos, com a finalidade “de conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura específica de determinados grupos” (op. cit., 94). Dessa forma, o objetivo de se utilizar a etnografia foi associar o ponto de vista do observador interno com o observador externo e assim interpretar e descrever a cultura. Para tanto Hammersley e Atkinson (1983) apud Flick (2004) afirmam que,

o etnógrafo participa pública e secretamente da vida diária das pessoas [...], observando o que acontece, escutando o que é dito, fazendo perguntas; na verdade, coletando qualquer dado que esteja disponível, iluminando as questões com as quais ele se ocupa (FLICK, 2004, p. 159).

Dessa maneira, ao observar o Ritual de Encomendação das Almas, de forma direta e investigativa com o objetivo de verificar os saberes existentes neste ritual, tomei como base alguns pressupostos do método de pesquisa **Estudo de Caso**, como uma forma de organização dos dados sociais, preservando a característica una do objeto social estudado. Para Minayo (2010a), esse método se utiliza de,

estratégias de investigação qualitativa para mapear, descrever e analisar o contexto, as relações e as percepções a respeito da situação, fenômeno ou episódio em questão. E é útil para gerar conhecimento sobre características significativas de eventos vivenciados, tais como intervenções e processos de mudanças. [...] busca compreender por meio de entrevista, observações, uso de banco de dados e documentos [...] ligações causais entre intervenções de situações da vida real; o contexto em que uma ação ou intervenção ocorreu ou ocorre; o rumo de um processo em curso e maneiras de interpretá-lo; o sentido de algumas situações-chave nos resultados de uma intervenção (MINAYO 2010a, p. 164).

Metologicamente Minayo (2010a) diz que o estudo de caso possibilita definir o foco da pesquisa e ajuda a responder de forma contextualizada ao como e ao porque de determinado fenômeno e, como esse se apresenta em situações da vida cotidiana de uma sociedade. E mais, para as ciências sociais o estudo de caso pode ser considerado um “delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos” (GIL, 2008, p. 54).

Segundo Minayo (2010b, p. 24) as pesquisas que respondem perguntas sobre “valores, atitude, crenças, hábitos, e representações” são amplamente respondidas pelo método de pesquisa da **Sociologia Compreensiva**, pois essa

considera como foco das ciências sociais o entendimento e a compreensão da realidade social do ser humano. Para Minayo (2010a) a Sociologia Compreensiva em “suas múltiplas manifestações como a Fenomenologia, a Etnometodologia [...], o SIGNIFICADO é o conceito central para a análise sociológica” (op. cit., p. 24). E mais, a Sociologia Compreensiva propõe,

a subjetividade como fundante de sentido e defende-a como constitutiva do social e inerente ao entendimento objetivo. Essa corrente de pensamento não se preocupa com os processos de quantificação, mas de explicar os meandros das relações sociais consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional. O universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e re-interpretadas pelos sujeitos que as vivenciam (MINAYO, 2010a, p. 24).

### 1.2. *Tipo de Pesquisa.*

Por entender que a pesquisa social nos favorece um estudo entre conhecimento e interesse, condições históricas e avanço das ciências, identidade do pesquisador e objeto de pesquisa em uma única direção que é o saber, me apropriei das palavras de Minayo (2010a, pp. 22-23) para dizer que este estudo foi uma **pesquisa Qualitativa** por acreditar que é capaz de “incorporar a questão do SIGNIFICADO e da INTENCIONALIDADE como inerente aos *atos*, às *relações*, e às *estruturas sociais*, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas”.

Chizzotti (2003) acrescenta que, nas pesquisas qualitativas, verifica-se uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, caracterizando uma interdependência constante do sujeito com o objeto, que leva a um vínculo uno e inseparável do mundo objetivo com a subjetividade do sujeito.

Conforme André (1995), a abordagem qualitativa de pesquisa tem suas raízes no final do século XX quando os cientistas sociais questionaram se o método de investigação das ciências físicas e naturais, fundamentado em uma perspectiva positivista de conhecimento, deveria continuar servindo como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais. Desta forma, a “pesquisa qualitativa, portanto, contribuiu para acelerar a virada epistemológica em curso” (MELUCCI, 2005, p. 323), e favorece uma reflexão crítica sobre os aspectos metodológicos e técnicos da pesquisa social.

Com o intuito de obter informações que contribuíssem para a contextualização do tema e para a construção analítica do texto da dissertação, além de um reforço paralelo na análise do Ritual de Encomendação das Almas de forma mais abrangente. Esse estudo se utilizou, também, do tipo de **pesquisa Descritiva**, pois essa tem como objetivo “primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...] vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação” (GIL, 2008, p. 42). “O pesquisador, nesse caso, procura observar, registrar, analisar e interpretar os fenômenos por meio de técnicas padronizadas de coleta de dado [...] para descrever características de um determinado grupo” (RODRIGUES, 2006, p. 90).

As pesquisas descritivas, segundo Gil (2008), são juntamente com as exploratórias utilizada normalmente pelos estudiosos sociais, pois esses estão constantemente preocupados com as atuações práticas. Dessa forma, esta pesquisa se baseou, ainda, no tipo de **pesquisa Exploratória de cunho Bibliográfico** por entender que esse tipo de pesquisa tem como objetivo favorecer uma melhor “familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...] o aprimoramento das idéias ou a descoberta de instituições. Seu planejamento [...] é bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (op. cit., p. 41).

Para Gil (2008, pp. 44-45) as pesquisas exploratórias assumem a forma de pesquisa bibliográfica, pois essa “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Lankshear e Knobel (2008) dizem que os pesquisadores possuem a responsabilidade profissional com os sujeitos que participam da pesquisa, de forma a “produzir um estudo que justifique seu tempo, boa vontade, desconforto e confiança. Deve haver leitura suficiente para garantir que a condução do estudo seja coerente e significativa” (op. cit., p. 79). Portanto, se torna necessária uma atenção redobrada para não incorrer em equívocos que possam reproduzir informações não idôneas.

Lakatos e Marconi (2010, p. 166) esclarecem que ao se utilizar a pesquisa bibliográfica objetiva-se realizar um exame do tema sob outra ótica. Esse outro olhar poderá contribuir para se chegar a uma conclusão relacionada à educação em contextos não escolares como é o caso do objeto dessa dissertação.

Esta pesquisa se acercou, ainda, da **Pesquisa de Campo** com o intuito de colher informações de como os Encomendadores de Almas da cidade de Oriximiná – Pará desenvolveram os processos educativos de construção e transmissão de saberes que perpassam o Ritual de Encomendação das Almas. Minayo (2010a) entende por campo, na pesquisa qualitativa,

o recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação. [...] os sujeitos/objetos de investigação, primeiramente, são construídos teoricamente enquanto componentes do *objeto de estudo*. No campo, eles fazem parte de uma relação social com o pesquisador, daí resultando um produto compreensivo que não é a realidade concreta e sim uma descoberta construída com todas as disposições em mãos do investigador: suas hipóteses e pressupostos teóricos, seu quadro conceitual e metodológico, suas interações em campo, suas entrevistas, suas observações, suas inter-relações com os pares (MINAYO, 2010a, p. 202).

Para Lakatos e Marconi (2010, p. 169) a pesquisa de campo “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema [...] ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

Na pesquisa de campo ocorre o entrelaçamento de informações que vão delinear o sujeito e o objeto pesquisados, as informações coletadas servem para posterior análise com o intuito de enriquecer a pesquisa, o que pressupõe uma concepção de realidade que poderá trazer à tona informações relevantes tanto de cunho qualitativo quanto quantitativo, respeitando um programa de pré-determinado de trabalho (CHIZZOTTI, 2003, p. 48).

### *1.3. Técnicas de pesquisa.*

Quanto às **técnicas de pesquisa** foram eleitas para o presente estudo as técnicas delimitadoras, as de coleta e as de análise por entender que essas eram apropriadas para o entendimento e esclarecimento do objeto estudado.

#### *1.3.1. Técnicas delimitadoras.*

Segundo Mello (2007b), pela perspectiva da Escola Subjetiva a técnica delimitadora por **Amostragem qualitativa não probabilística** é mais adequada às

pesquisas qualitativas, pois essas visam essencialmente uma análise crítica das informações. Trata-se de um,

processo em que não se considera uma rigorosidade estatística para a determinação da amostra, obedecendo-se mais a certos critérios de seleção, que se admite possam favorecer a representatividade qualitativa do universo. Este tipo de amostragem é mais indicado em pesquisas qualitativas ou exploratórias, nas quais a representatividade quantitativa não interfere nos resultados, considerando que o mais importante, são as **opiniões**, as **razões**, as **motivações** e o **posicionamento político-ideológico** das pessoas pesquisadas e, não a sua expressão numérica (MELLO, 2007b, p. 1).

O mais importante para esse tipo de técnica são os ideais de vida construídos cotidianamente, considerando as motivações, bem como o posicionamento político e ideológico das pessoas pesquisadas. Dentre as técnicas por amostragem não probabilística presentes na pesquisa as que foram utilizadas são a por **acessibilidade** que, segundo Mello (2007b), após elencar 30% do universo considerado para estudo “o pesquisador coleta informações apenas dos sujeitos aos quais tem acesso. Esse tipo de amostra tem a vantagem de ser mais célere e menos dispendioso em relação aos outros tipos” (op. cit., p. 2).

Outra técnica de amostragem qualitativa, também, utilizada no presente estudo foi a por **saturação**, técnica que ocorre a partir de um processo contínuo de análise dos dados, desde o início do processo de coleta até o seu final. Tendo como foco as “questões colocadas aos entrevistados, que refletem os objetivos da pesquisa, essa análise preliminar busca o momento em que pouco de substancialmente novo aparece, considerando cada um dos tópicos abordado” (FONTANELLA et al., 2008, p. 17), durante a análise e o conjunto dos entrevistados. Para os referidos autores, a amostragem por saturação se esgota,

dependendo dos objetivos da investigação, no momento em que fica bem caracterizado que um determinado conjunto de percepções a partir da amostra é repetitivo, as diferenças que venham a se apresentar podem ser mais valorizadas e exploradas. Pode ser um momento de questionar sobre um possível movimento que esteja levando o pesquisador a simplificar excessivamente sua análise (FONTANELLA, et al., p. 22) .

### 1.3.2. *Técnicas de coleta.*

Para compreender os saberes e processos educativos que perpassam o Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná – Pará utilizei como técnicas de coleta de dados: o Diário de Itinerância, a Observação Não Participante, a Entrevista Semiestruturada e a História de Vida.

O **Diário de Itinerância** serviu como um instrumento de dinamização e de produção dos dados e da trajetória da pesquisa. Segundo Barbier (2002), esse tipo de técnica de coleta de dado é uma ferramenta para acompanhamento e observação dos trabalhos realizados no campo de pesquisa, pois serve para registrar os pontos relevantes de locais visitados, registrar informações e esclarecimentos tecidos durante as entrevistas, além de anotar as observações colhidas durante a visita exploratória no campo de estudo. Para Minayo (2010a) o diário de Itinerância ou de Campo nada mais é que anotações que o,

investigador, dia por dia, vai anotando o que observa e que não é objeto de nenhuma modalidade de entrevista. Nele devem ser escritas impressões pessoais que vão se modificando com o tempo, resultados de conversas informais, observações de comportamento contraditórios com a fala, manifestações dos interlocutores quanto aos vários pontos investigados, dentre outros aspectos. [...]. É exatamente esse Arquivo de impressões e notas que podem tornar mais verdadeira a pesquisa de campo (MINAYO, 2010a, p. 295).

De acordo com Teixeira e Ranieri (2004, pp. 50-51), a **Observação Não Participante** ocorre “quando o observador permanece fora da situação pesquisada, seu papel é o de espectador”. Lakatos e Marconi (2010, p. 174) dizem que a observação em uma pesquisa é o início da investigação social, onde os processos observacionais obrigam o investigador a um contato direto com a realidade estudada. Chizzotti (2003) revela que o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e que tem a função primordial de interpretar os fenômenos observados para lhes atribuir significados.

Assim, a observação não participante, foi realizada de forma preliminar, em todas as fases da pesquisa de campo: durante as entrevistas, no Ritual de Encomendação das Almas que ocorreu no cemitério Nossa Senhora das Dores, na cidade de Oriximiná – Pará; no percurso cemitério-casa; e, em frente às casas dos familiares que solicitaram encomendas de almas. Desse modo, foi realizado um

contato pessoal com a comunidade e a realidade estudada, mas não propriamente uma interação com ela.

A terceira técnica, **Entrevista Semiestruturada** serviu para se ter um “apoio claro na sequência das questões [...] facilita a abordagem e assegura, sobretudo, aos investigadores menos experientes, que suas hipóteses ou seus pressupostos serão cobertos na conversa” (MINAYO, 2010a, p. 267). A entrevista semiestruturada teve como base um roteiro (Apêndice A) para direcionamento da temática.

Para Minayo (2010a) um roteiro de entrevista representa um rol de temáticas que abordam indicadores qualitativos de uma pesquisa investigativa e essa “lista deve ter, como substrato, um conjunto de conceitos que constituem todas as faces do objeto de investigação e visar, na sua elaboração, a operacionalização da abordagem empírica do ponto de vista dos entre-vistados” (op. cit., p. 189). Para tanto essa técnica de coleta de dados deve,

desdobrar os vários indicadores considerados essenciais e suficientes em tópicos que contemplem a abrangência das informações esperadas. Os tópicos devem funcionar como lembretes, devendo, na medida do possível, ser memorizados pelo investigador quando está em campo. Servindo de orientação e guia para o andamento da interlocução, o roteiro deve ser construído de forma que permita flexibilidade nas conversas e a observar novos temas e questões trazidas pelo interlocutor como sendo de sua estrutura de relevância (MINAYO, 2010a, p. 191).

De acordo com Marcondes, Teixeira e Oliveira (2010, p. 46), a técnica da entrevista semiestruturada “parte de um roteiro pré-estabelecido, mas, na sua aplicação, o entrevistador pode acrescentar novas perguntas, conforme o teor da narrativa do entrevistado”. Tal fato ocorreu durante a entrevista com os Encomendadores de Almas, uma vez que pontos não previstos no roteiro de entrevista foram colocados pelos entrevistados sobre a história da Encomendação das Almas que enriqueceram, ainda mais, a pesquisa.

O estudo que foi desenvolvido, também, se apropriou de alguns aspectos da técnica denominada de **História de Vida** (Narrativa de Vida ou História Oral) para referenciar o sentido e a interação da experiência humana comuns em alguns ambientes específicos da sociedade. Para Minayo (2010a) este tipo de técnica busca, de um lado,

compreender a permanência dos fatos e das determinações e, de outro, escutar o que sobre eles as pessoas têm que dizer. As narrativas de vida

nunca serão uma verdade sobre os fatos vividos e, sim uma versão possível que lhe atribuem os que vivenciam os fatos, a partir dos dados de sua biografia, de sua experiência, de seu conhecimento e de sua visão do futuro (MINAYO, 2010a, p. 154).

Para Minayo (2010a), a História de Vida é uma das melhores abordagens para se compreender o processo de socialização, o nascimento e o declínio de um relacionamento social, além de elucidar as respostas situacionais da vida cotidiana.

### 1.3.3. *Técnicas de análise.*

Com o objetivo de analisar e interpretar os dados obtidos durante as entrevistas da presente pesquisa, a técnica escolhida foi a **Análise de Discurso**, porque o discurso para Orlandi (2009) “etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento [...] concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (op. cit., p. 15).

Portanto, ao escolher respeitar as características da oralidade do grupo social estudado nesta pesquisa – os Encomendadores de Almas contemplei os ensinamentos de Orlandi (2009) quando diz que o discurso é uma prática de linguagem que permite observar a palavra em movimento, pois permite observar o “homem falando” (op. cit., 15). Desse modo, a Análise de Discurso não foi meramente uma transmissão de informação, mas processos de identificação do sujeito que possui subjetividade, constrói e argumenta a realidade em que vive (op. cit., p. 21).

Minayo (2010a) acrescenta que a técnica de Análise de Discurso tem a função de inferir a partir dos efeitos da organização da linguagem, uma estrutura profunda de análise dos processos de produção do conhecimento por meio da oralidade e, que essa se inscreve, portanto, dentro de uma sociologia da linguagem, tendo como “hipótese básica o fato e de que o discurso é determinado por condições de produção e por um sistema linguístico” (op. cit., p. 319). Para a autora esse tipo de análise é uma proposta crítica que visa problematizar por meio de uma reflexão estabelecida os processos de significação e de formação dos sujeitos sociais.

E como parte integrante do referido estudo alguns aspectos da **Análise Iconográfica** fez parte das técnicas de análise por meio da análise fotográfica e de filmagem, pois essas serviram para interpretar as minúcias, daquilo que no primeiro

olhar não se percebeu imediatamente durante a pesquisa, favorecendo a reconstituição do ambiente e de seus personagens.

A fotografia não é apenas uma forma ilustrativa, serve para interpretar símbolos contidos no contexto social. Para tanto, Martins (2008) nos diz que a fotografia não é somente um documento de ilustração, confirmação ou instrumento de pesquisa, ela é rica de realidade contemporânea, sendo ao mesmo tempo objeto e sujeito. Pois, “são amplas e numerosas as situações em que a imagem fotográfica e suas variantes, no filme e no vídeo, antecipam ou substituem a própria pessoa nas relações sociais e até na inovação imaginária” (op. cit. p. 22).

Para Orlandi (2009, p. 42) o discurso não se encontra somente em palavras, as imagens, também, discursam causando interpretações e sensações diversas, pois fazem parte da história da humanidade e dos contextos sociais. Portanto, fotografar é fazer escolhas que serão primordiais para a “construção do nosso discurso visual – sim, porque fotografias são discursos, e mesmo quando alguns utilizam a fotografia para propor enigmas ou para não propor nada, esta será também uma forma de discursar” (ACHUTTI, 2006, p. 01).

#### *1.4. Sujeitos da pesquisa.*

A escolha dos sujeitos está fundamentada em Soares (2007, p. 12), ao analisar a poética contida nos rituais de Encomendação das Almas revela que há grupos de encomendadores pertencentes à área urbana e área rural do município de Oriximiná. Essa pesquisa teve como interpretes sociais 10 participantes, sendo dois moradores de Oriximiná e oito homens rezadores que Encomendam Almas, pertencentes somente aos grupos urbanos do município de Oriximiná – Pará, devido à acessibilidade<sup>8</sup> de contato e disponibilidade de tempo dos sujeitos.

A realização da pesquisa de campo ocorreu no mês de abril de 2011, durante a Semana Santa, por um período de 07 dias. Período escolhido devido o Ritual de Encomendação das Almas ocorrer somente no mês de abril, concomitante

---

<sup>8</sup> Os grupos escolhidos se localizavam próximos ao centro da cidade de Oriximiná. Neste caso, foram entrevistados três grupos de Encomendadores das Almas que residiam no bairro São José Operário.

ao período da Semana Santa Católica<sup>9</sup> que é uma data móvel de ano a ano e parece ter origem pré-cristã.

### *1.5. O lócus da pesquisa.*

A área urbana do município de Oriximiná – Pará foi o **lócus** de realização da pesquisa de campo (foto1). Para conhecer melhor o local onde acontece o Ritual de Encomendação das Almas, na Amazônia, segue a seguir uma breve descrição da localização geográfica, dos aspectos históricos, sociais e culturais de Oriximiná.



Foto 1 – Vista da frente da cidade de Oriximiná – Pará.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

---

<sup>9</sup> Fora o período da Semana Santa Católica os encomendadores se apresentam em feiras culturais realizados na cidade de Oriximiná pela Secretaria de Cultura local simulando o ritual, como forma de divulgar a cultura e a tradição local e assim tentar estabelecer um vínculo social com a comunidade oriximinaense, os encomendadores não recebem nenhum valor para realizar as apresentações. Durante as apresentações não há devoção às almas, o ritual completo somente é realizado no período da Semana Santa Católica da quarta-feira de Trevas até a sexta-feira da Paixão. Apesar do dia de finados (02 de novembro) ser uma época de intensa movimentação em torno dos cemitérios não se observa a participação dos Encomendadores das Almas neste evento (nota da autora).

### 1.5.1. Aspectos Geográficos, Históricos, Sociais e Culturais de Oriximiná.



Imagem 1 – Dados Cartográficos via satélite da localização de Oriximiná, Pará.  
Fonte: ©2011 Google – Imagens © 2011TerraMetrics.

O município de Oriximiná está localizado na mesorregião do Baixo Amazonas e microrregião de Óbidos no Estado do Pará. A palavra Oriximiná é de origem indígena tupi e significa “o macho da abelha”, o zangão (TAVARES, 2006, p. 54). Limita-se ao Norte, com Guiana Francesa e Suriname; ao Leste, como o município de Óbidos; ao Sul, como os municípios de Juruti e Terra Santa e, a Oeste, com o município de Faro e Estado de Roraima. Encontra-se distante de Belém, capital do Pará, cerca de 810 km de distância em linha reta; por via fluvial, aproximadamente, 1.080 km e, por via terrestre, em torno de 4.409 km. Possui uma área de extensão territorial de 107.445,91 Km<sup>2</sup>. É, portanto, o segundo maior município em extensão territorial do Estado do Pará (SITE OFICIAL DE ORIXIMINÁ, 2011).

Possui uma população estimada de 60.000 habitantes, tendo por média a estimativa de 40.000 habitantes na área urbana e 20.000 na área rural. É etnicamente formado por remanescentes de povos: indígenas (kondoris, wai-wai); africanos (quilombolas) e europeus (portugueses e italianos) (SOARES, 2007, p. 25). Esse processo de mistura racial dos povos indígenas, segundo Tavares (2006, p. 56) ocorreu por volta de 1647, com a chegada dos primeiros negros fugidos dos engenhos de açúcar de Gurupá e do Xingu, originando o “cafuzo”. Em 1750, o branco também começou a fazer parte desta mistura de raças, devido à política de

Portugal de estímulo à miscigenação, originando o “caboclo”, considerado o típico filho da Amazônia.

Oriximiná é considerada patrimônio natural por possuir em seus domínios territoriais áreas indígenas, tais como: Nhamundá-Mapuera, Trombetas-Mapuera e o Parque Nacional Indígena de Tumucumaque. Encontram-se em seus territórios a Reserva Biológica do Trombetas, a Serra de Tumucumaque, com 800 metros de altitude e a Serra de Acarai onde está localizado o ponto culminante do Estado do Pará, com 906 metros acima do nível do mar (TAVARES, 2006., p. 11).

Do ponto de vista cultural, Tavares (op. cit., pp. 100-109) nos revela que a cidade de Oriximiná é rica em atrativos folclóricos, destacando-se os Festivais: das quadrilhas, da Castanha, da Cultura, de Verão das praias do Iripixi e lago Caipuru, e outras manifestações culturais, tais como: a pesca esportiva, a Feira Agropecuária, o Círio de Santo Antonio e a Encomendação das Almas (foto 2).



Foto 2 – Encomendação das Almas, Oriximiná – Pará.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Desde 1991 o município de Oriximiná, por intermédio do setor de cultura da cidade, vem promovendo a Semana Santa Cultural, que produz encenação de momentos importantes da tradição religiosa dos cristãos, como a via sacra de rua e a Exposição da Via Sacra realizada no Salão Paroquial da Igreja Matriz de Santo Antonio. Nesta exposição há elementos da cultura religiosa católica e da tradição popular de Oriximiná ligado a religiosidade cristã (op. cit., p. 106) (fotos 3, 4, 5).



Foto 3 – Painel Encomendação das Almas, salão paroquial da Igreja Matriz de Santo Antonio – Exposição da Via Sacra Católica (Semana Santa Cultural).  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Foto 4 – Igreja Matriz de Santo Antônio, Oriximiná – Pará.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.



Foto 5 – Vista do Salão Paroquial da Igreja Matriz de Santo Antonio – Exposição da Via Sacra Católica (Semana Santa Cultural).  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Tavares (op. cit., pp. 106-107) revela que faz parte desse evento à divulgação dos costumes populares ligados à Semana Santa, como a Encomendação das Almas, que considera uma espécie de “manifestação religiosa muito difundida no Município, praticada por grupos de rezadores que vão as portas

das casas, durante a noite, para orarem pelas almas ‘penadas’, para que encontrem a paz eterna”.

Segundo Tavares (2006), o início e o término do Ritual de Encomendação das Almas<sup>10</sup> acontecem no cemitério da cidade de Oriximiná, chamado Nossa Senhora das Dores (foto 6). O início começa à meia-noite da Quarta-feira da Semana Santa Católica, onde os Encomendadores de Almas, por meio de seu líder (Padre), realizam o levantamento<sup>11</sup> das almas que se encontram perdidas, ou em sofrimentos, a vagarem pelo planeta Terra em busca de salvação. O término acontece à meia-noite da Sexta-feira Santa onde ocorre a devolução das almas cativas pelos Encomendadores de Almas a um bom lugar de descanso.

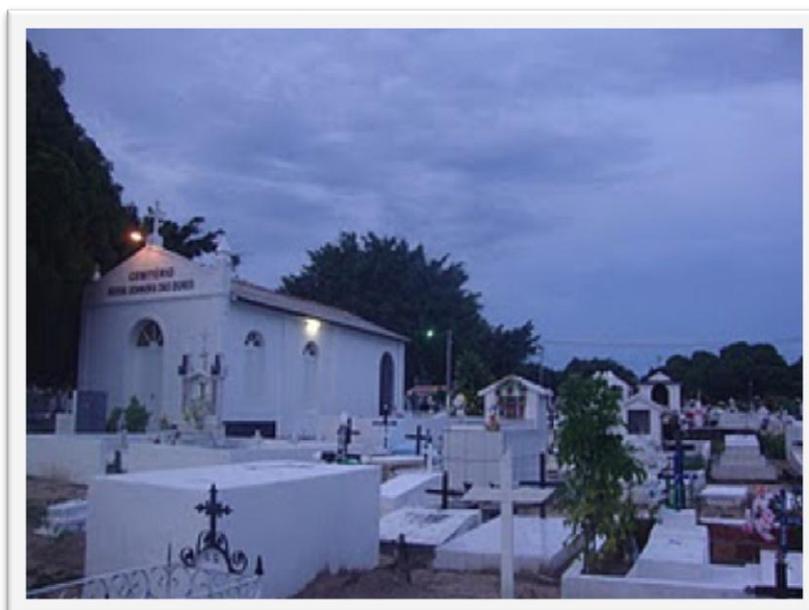


Foto 6 – Cemitério Nossa Senhora das Dores, Oriximiná – Pará.

Fonte: Arquivo de Márcio Couto Henrique, Dezembro de 2010.

### *1.5.2 A visita ao campo de pesquisa: Oriximiná – Pará.*

Em minha visita ao município de Oriximiná realizei uma incursão exploratória no lócus de pesquisa, essa procedeu por etapas: na primeira ocorreu a seleção de

---

<sup>10</sup> Uma descrição mais detalhada sobre todo o ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná será registrado no terceiro capítulo, intitulado: Educação e Saberes: A epistemologia da Encomendação das Almas.

<sup>11</sup> Levantamento, neste caso, significa chamar por meio das ladainhas as almas que estão no cemitério para receber as orações feitas pelos Encomendadores das Almas e convidá-las para acompanhá-los durante os três dias de orações pela cidade (nota da autora).

três grupos de Encomendadores de Almas da área urbana; considerando a acessibilidade aos grupos. Os primeiros contatados foram convidados a participar da pesquisa por meio de seu líder, o Padre. Segundo Soares (op. cit., p. 45), todo grupo de “Encomendador de Alma” possui um líder, que é denominado de “Padre”. Nesse caso, o líder do grupo e os demais Encomendadores de Almas receberam explicação detalhada sobre a pesquisa, seus objetivos e sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) que continham informações quanto o não recebimento de bônus ou ônus para a participação no estudo. E, que eles poderiam retirar o consentimento para a utilização de suas imagens assim como a sua participação na pesquisa, a qualquer momento. Foi esclarecido que não sofreriam qualquer tipo de dano ou sanção por minha parte ou da instituição educacional (UEPA) a qual está vinculada a dissertação de mestrado.

Após a anuência do líder, o convite foi estendido aos demais integrantes que, por livre e espontânea vontade, optaram por participar do estudo. Nesta pesquisa, cinco Encomendadores e três Padres consentiram em participar, totalizando oito sujeitos sociais entrevistados, o mesmo procedimento foi realizado com os dois moradores que aceitaram fazer parte da pesquisa.

Na segunda etapa, ocorreram as entrevistas, realizadas no período da manhã ou tarde, respeitando sempre a disposição e disponibilidade dos entrevistados. As entrevistas, o ritual de encomendação no cemitério e nas casas, assim como a procissão na cidade foram gravados e filmados com a anuência dos participantes da pesquisa, tendo por objetivo facilitar o momento da transcrição das entrevistas por acreditar que as imagens podem trazer dados novos que, muitas vezes, a palavra não é capaz de descrever e captar. Foi realizado também anotações, em caderno apropriado, de algum ponto da entrevista que se considerasse relevante.

Foi informada, aos sujeitos sociais da pesquisa, a necessidade de outro encontro para janeiro de 2011 onde seriam disponibilizadas aos entrevistados todas as imagens e, o que foi transcrito das entrevistas para apreciações, contribuições e aprovação dos mesmos, visando à publicação e defesa da dissertação, podendo haver nesse momento, possíveis mudanças ao que foi transcrito se o mesmo não refletisse o que foi dito pelo sujeito entrevistados em relação à pergunta contidas no roteiro de entrevistas.

Ficou acordado com os entrevistados que após a defesa da dissertação em agosto de 2012, um cópia da mesma seria entregue aos grupos participantes como forma de agradecimento aos conhecimentos por eles passados, além de um novo material com uma epistemologia da educação e dos saberes contido no ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná, assim como seria disponibilizado uma cópia da dissertação para a biblioteca pública municipal Enéas Cavalcante.

#### *1.5.2.1 Percursos de viagem, Trilhas no campo da pesquisa: Um Diário de Itinerância.*

Para se chegar a Oriximiná foi necessário fazer um planejamento de viagem, pois temos que pegar dois meios de transportes. Minha saída de Belém deveria ter ocorrido por via aérea às 21h40min de um domingo do mês de abril, às vésperas da Semana Santa Católica. Mas, a viagem atrasou duas horas, devido *blecaute* no aeroporto de Santarém, impossibilitando pouso e decolagem na localidade. Após essa espera, saí de Belém às 23h40min, com destino a cidade de Santarém, no Estado do Pará. Uma hora e dezenove minutos depois da decolagem, o avião pousou na cidade de Santarém e, após desembarque, despacho de bagagem e traslado para hotel, me instalei no hotel às 01h30min para uma noite de descanso.

Na manhã de segunda-feira fui em direção ao cais do porto de Santarém para comprar passagem de barco e seguir viagem por via hidroviária. Às 13h00min saí de Santarém em direção ao meu destino, no barco Cidade de Oriximiná. Navegar nas águas do rio Tapajós até o encontro com o rio Amazonas foi surpreendente devido ao encontro das águas desses dois rios, o rio Tapajós com águas escuras (cor de nossos igarapés amazônicos) e o Amazonas com suas águas barrentas (cor de café com leite) (foto 7). A navegação pelo rio Trombetas que margeia a cidade de Oriximiná foi tranquila, pois as águas do rio estavam calmas. No final da tarde, o pôr do sol estava maravilhoso, deixava o céu alaranjado servindo de prenúncio à lua cheia no céu estrelado que nos acompanhou em toda a viagem.



Foto 7 – Encontros das águas, Rios Tapajós e Amazonas.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

O que me chamou atenção durante a viagem foram os encontros com outras embarcações (foto 8), devido o entrelaçar de redes nos convés que proporcionavam uma imagem colorida nas embarcações. A companhia de botos, também foi marcante na viagem, eles davam saltos ao redor do barco quando o mesmo atracava em alguma cidade antes de Oriximiná. Em minha opinião os botos davam boas vindas e anunciavam um bom presságio às atividades que seriam desenvolvidas na cidade de Oriximiná.

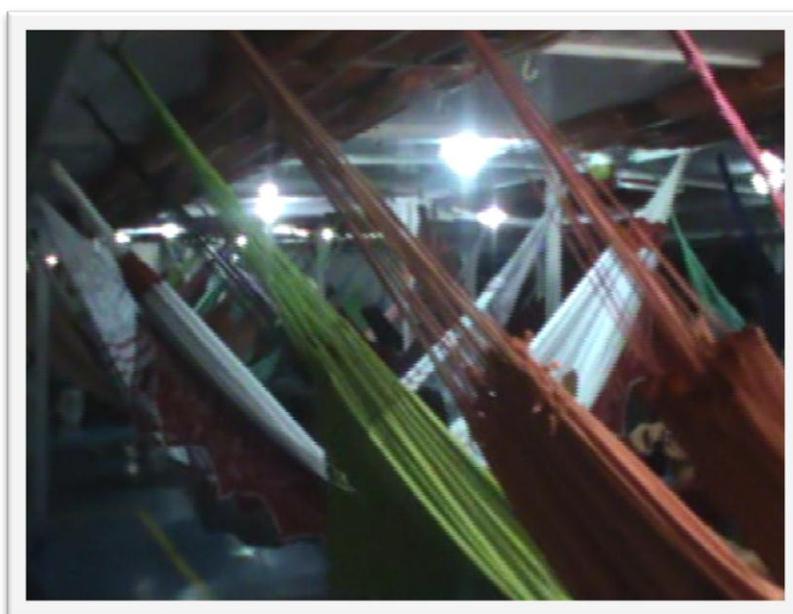


Foto 8 – Convés do barco Cidade de Oriximiná.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Após dez horas de viagem, cheguei a Oriximiná às 01h00min da madrugada de terça-feira. O barco atracou no porto da cidade que dormia, estava deserta, fiquei aguardando a condução que tinha agendado em Santarém. Após 20 minutos de espera, o taxi do senhor Alexandre chegou e me levou para o hotel Oriximiná, onde me hospedei por sete dias.

Na manhã de terça-feira, fui de moto-taxi em busca dos Encomendadores de Almas da cidade. Já tinha os endereços de cinco grupos recomendados pela antropóloga Mariana Pettersen. Decidi começar o contato pelos grupos que ficavam mais próximo do hotel onde estava hospedada. Neste caso, o grupo Fé em Deus, do senhor Raimundo Venâncio de Sousa, mais conhecido como Germano<sup>12</sup> na comunidade foi o escolhido, pois ficava no bairro São José Operário, próximo ao centro da cidade. Encaminhei-me para sua casa às 8h da manhã. Ao chegar, me apresentei como aluna do mestrado em Educação da UEPA, falei da pesquisa que estava desenvolvendo sobre o Ritual de Encomendação das Almas e do interesse em entrevistá-lo, assim como os demais componentes pertencentes ao seu grupo.

O rezador Germano de Sousa oriximinaense de 85 anos, lavrador aposentado, alfabetizado, católico, negro, de sorriso afável e olhar acolhedor quando me recebeu em sua casa, disse-me logo ao chegar que, pelo avançar da idade, este ano de 2011, não estaria mais no comando do grupo de rezadores, iria apenas orientar seu filho Abdias de Sousa, o novo Padre do grupo Fé em Deus. O encomendador Abdias é carpinteiro possui a 2ª série do ensino fundamental, católico e 1ª voz no grupo de Encomendadores de Almas que neste ano de 2011 comandaria pela primeira vez o grupo de rezadores. O senhor Germano, me disse que a entrevista teria que ser com senhor Abdias e, que ele apenas assistiria, pois era agora o orientador do grupo (foto 9).

A entrevista com o senhor Abdias ocorreu durante três horas com intervalo para cafezinho, água e prosas com a família sobre a cidade, filhos e a Encomendação das Almas. Notei que o senhor Germano estava curiosamente me olhando, e que algumas vezes tinha vontade de responder às perguntas feitas ao seu filho. No final da entrevista, perguntei mais uma vez se o senhor Germano gostaria de participar da pesquisa; depois de uma breve reflexão, concordou. Marcamos então a entrevista para o início da tarde do mesmo dia, por volta das 15h.

---

<sup>12</sup> Nesta pesquisa me referirei ao encomendador Raimundo Venâncio de Sousa como Germano de Sousa.

O encontro com o patriarca deste grupo mostrou-se proveitoso e surpreendente, me revelando fatos importantes sobre o Ritual de Encomendação das Almas ocorrido em Oriximiná. A entrevista durou três horas, que passaram rapidamente de tão gostosa e interessante que foi a conversa com este senhor.



Foto 9 – Senhor Abdias (à esquerda) e senhor Germano (à direita), Padre e Ex-Padre do Grupo Fé em Deus.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Na quarta-feira, continuamos a entrevista com o grupo Fé em Deus, só que desta vez com o senhor Mário Jorge Hipólito, genro do senhor Germano, pescador, 2ª série do ensino fundamental, católico, 2ª voz dos Encomendadores das Almas do grupo Fé em Deus, entrevista que também contribuiu para que eu conhecesse melhor o Ritual de Encomendação das Almas.

À noite, acompanhamos o grupo Fé em Deus para o levantamento das almas (foto 10). Marcamos como ponto de encontro o cemitério Nossa Senhora das Dores às 21h. Para minha surpresa, ao observar o grupo que se aproximava, nos deparamos com o senhor Germano todo de branco, com toalha branca na cabeça no meio do grupo de Encomendadores<sup>13</sup>. Ao perguntar sobre sua presença no cemitério, já que no dia anterior me disse que estava aposentado, ele com um sorriso no rosto falou que gostou da seriedade da entrevista e que sentiu que o

<sup>13</sup> Ao todo o Grupo Fé em Deus possui 10 rezadores, com idades que variam de 15 a 85 anos, este é o maior grupo de Encomendadores de Almas da área urbana da cidade de Oriximiná - Pará, segundo Soares (2007).

trabalho que eu estava desenvolvendo era sério e importante, por isso, refletiu e conversou com a família e então, decidiu acompanhar, apenas naquele dia, o Ritual de Encomendação das Almas.



Foto 10 – Grupo Fé em Deus, Oriximiná – Pará.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Adentramos no cemitério Nossa Senhora das Dores às 22h da quarta-feira da Semana Santa, rumo ao Cruzeiro. Lá chegando, começaram os preparativos para o início do ritual, com limpeza e colocação de velas acesas ao pé do Cruzeiro (foto 11). Para minha surpresa, estava presente no local uma equipe de filmagem da Casa da Cultura, vinculada à Secretaria de Cultura<sup>14</sup> da cidade de Oriximiná para fazer uma reportagem sobre o Ritual de Encomendação das Almas de 2011, aproveitei a oportunidade e entrevistei em *lócus* o secretário de cultura Cleonis Batista de Farias sobre suas impressões quanto ao ritual. Após alguns minutos deu-se início ao levantamento das almas com orações específicas para esse momento. Às 23h saímos em procissão rumo às casas que solicitaram encomendas de almas dos entes queridos. Neste dia, foram visitadas ao todo, cinco casas localizadas no bairro São José Operário, dentre elas estava à casa da moradora Maria Luiza Barreto de Souza (Neide) (foto. 19) que solicitou o ritual de Encomendação das Almas para os pais, aproveitei para entrevistá-la e assim colher suas percepções

<sup>14</sup> A Secretaria de Cultura de Oriximiná fica localizada na TV. Ângelo Augusto, Fone: (93) 3544- 2681. Bairro: Santa Terezinha (Disponível em: <<http://www.oriximina.pa.gov.br/secretaria>>. Acesso em: 25.05.2012).

sobre a encomendação. Neste dia a peregrinação dos Encomendadores das Almas acabou às três horas da madrugada de quinta-feira.



Foto 11 – Velas acesas no Cruzeiro do cemitério.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Após a reza, os Encomendadores eram recebidos com café, suco, biscoito ou o que os moradores da casa dispunham no momento. Não observei em nenhum momento a presença de bebidas alcoólicas durante todo o tempo em que fiquei com os rezadores do Grupo Fé em Deus o que vem ao encontro dos achados de Soares (2007) ao declarar que nem todos os grupos de encomendadores utilizam bebidas alcoólicas. Mas, em contraponto, a autora nos revela que “enquanto alguns ‘encomendadores’ não usam bebida alcoólica durante o ritual, outros o fazem e, em alguns casos, logo se percebe um ‘encomendador’ bêbado pelo forte cheiro do álcool” (op. cit., p. 50). E mais as bebidas alcoólicas, algumas vezes, são distribuídas durante o lanche dos Encomendadores das Almas junto com outros alimentos por algum morador que encomenda às rezas, tal como “o morador Zé Luiz Gato, que mora no centro, costuma oferecer todo ano os seguintes alimentos: tucumã, pamonha de milho, tambaqui, bolacha, pão, refrigerante, leite, cerveja e outra bebida alcoólica mais forte” (op. cit., p. 49).

Algumas vezes, após o lanche, os moradores saíam das casas para conversar um pouco e agradecer pelas orações feitas. Em outras, as casas se mantinham com as portas e janelas fechadas após a reza (foto12). Os

Encomendadores das Almas retiravam-se em silêncio respeitoso, rumo à próxima encomenda de alma.



Foto 12 – Encomendação das Almas em frente da casa solicitante de orações, Oriximiná – Pará.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Durante todo o Ritual de Encomendação das Almas, tanto no cemitério quanto na frente das casas, me senti em paz, pois notava no semblante de todos os Encomendadores, até dos mais novos, um respeito pelas Almas e um compromisso, levado a sério por todos os rezadores, com o Ritual de Encomendação das Almas.

Na manhã de quinta-feira, saí às 8h da manhã para a entrevista com o segundo grupo de Encomendadores de Almas, localizado também no bairro São José Operário, o Grupo do senhor Antonio Roque, já falecido. Atualmente, comandado por seu filho Floriano Andrade Soares, 2ª série do ensino médio, pedreiro, católico, 33 anos, é o padre no grupo, a 1ª voz. Novamente nos apresentamos e esclarecemos o nosso objetivo com a pesquisa. Ele falou que já estava sabendo do nosso trabalho, pois tinha falado com o senhor Abdias do grupo Fé em Deus e que tinha nos visto no cemitério no dia do levantamento das almas. Falou que estava disposto a dar a entrevista, assim como os demais integrantes do grupo: um irmão, um sobrinho e o senhor Raimundo (último integrante do grupo original, comandado pelo pai do senhor Floriano, o senhor Antonio Roque) (foto 13).



Foto 13 – Grupo Antonio Roque, Oriximiná – Pará (primeiro a esquerda Sr. Floriano (Padre), os rapazes ao meio são sobrinhos e irmão do senhor Floriano, o último à direita é o Sr. Raimundo).

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

O senhor Floriano pediu que a entrevista fosse à tarde, pois estava cansado da procissão da noite anterior, então, marcamos um novo encontro para as 15h deste mesmo dia. Nesta tarde a entrevista durou pouco devido o avançar da hora, pois os Encomendadores do Grupo do senhor Antonio Roque teriam que realizar os preparativos da Encomendação das Almas, sairiam às 19h00min em procissão pela cidade. Marcou-se outro encontro para o dia seguinte às 10h00min da manhã.

Partimos então para a casa do senhor Germano. No dia anterior ele relatou que havia um grupo de Encomendadores extintos, que não participava da Encomendação das Almas na Semana Santa há cinco anos, devido todos os integrantes, filhos de seu Lauro, terem se mudado da cidade. Chegamos à casa do senhor Germano às 09h00min, o senhor Abdias nos recebeu e falou que iria chamar o senhor Lauro, um vizinho Ex-Padre, que morava a duas casas passando a dele.

Lauro Soares Ribeiro, 77 anos, 1ª série do ensino fundamental, agricultor aposentado, católico, possuía o cargo de padre em seu grupo, senhor de aspecto franzino, cabelos brancos, chapéu de palha na cabeça, óculos de grau, camisa de tecido e calça comprida, todo perfumando, de bengala na mão; adentrou na sala todo brejeiro e bastante animado, contando piadas e perguntando pelo compadre Germano (foto 14). Ao ser apresentada pelo senhor Abdias, me olhou demoradamente, apertou minha mão com força, o que negava a primeira impressão de fragilidade, e disse que estava animado para a entrevista. Informei o teor da

pesquisa, liguei o microfone e a câmera e mais uma vez me perdi no tempo, vendo outro olhar do Ritual de Encomendação das Almas.



Foto 14 – Sr. Lauro Ribeiro, Oriximiná – Pará (Grupo Extinto).  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Na manhã de Sexta-feira Santa, lá estávamos na casa do senhor Floriano novamente para saber um pouco mais sobre o Ritual de Encomendação das Almas ocorrido em Oriximiná. Verificar um novo revelar sobre esse rito tradicional da religiosidade oriximinaense sob um olhar que mistura Encomendadores em diferentes faixas de idades.

Na Sexta-feira Santa, estávamos novamente no cemitério para a finalização do Ritual de Encomendação das Almas com a participação do grupo Fé em Deus e do senhor Floriano, que se reuniram no Cruzeiro do cemitério Nossa Senhora das Dores, cada um no seu tempo. Um pouco antes da meia-noite os grupos devolveram as almas que os acompanharam<sup>15</sup> nos três dias de peregrinação pela parte urbana da cidade de Oriximiná, com orações que continham lamento de fé, esperança e salvação pelas almas em sofrimento. E como diz o senhor Germano “*renovando a fé nas almas benditas [...] pedindo um mundo melhor para as almas perdidas e*

---

<sup>15</sup> Os encomendadores oriximinaenses acreditam sinceramente que durante os três dias em que realizam o ritual de encomendação, as almas em sofrimento os escutam e os acompanhando durante as peregrinações nas ruas da cidade. Para eles, as almas precisam ouvir as ladainhas para refletirem sobre os atos cometidos aqui na Terra e, dessa forma, reconhecer seus erros e buscar o arrependimento sincero, só assim, poderão obter por meio da intercessão das almas benditas, o salvamento dado por Deus (nota da autora).

*reafirmando o compromisso de no próximo ano, se Deus e as almas quiserem, estar lá novamente para repetir tudinho de novo”.*

O que mais me chamou atenção em Oriximiná, além do Ritual de Encomendação das Almas e de seu povo hospitaleiro, foram as imensas ladeiras da cidade. Apesar de ser considerado pela topografia um terreno plano com solo de várzea e de terra firme, há várias ruas com ladeiras que me deixaram sem fôlego para chegar ao seu topo, uma prova de resistência respiratória para os sem preparo físico. Outro ponto marcante da cidade são as recém-reformas dos espaços comuns da cidade, como na Igreja Matriz, na Praça Centenário, na Biblioteca Pública (foto 15), no asfaltamento das ruas da periferia e na reforma de escolas e da biblioteca pública. As reformas e o saneamento configuram a cidade uma aparência de organização, cuidado e respeito com o patrimônio público e aos seus moradores.



Foto 15 – Biblioteca Pública Municipal Enéas Cavalcante – Oriximiná – Pará.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

## Capítulo 2 – A morte como campo de estudo

*Tolerância é virtude. Por isso mesmo se a vivo devo vivê-la como algo que assumo. Como algo que me faz coerente, primeiro como ser histórico, inconcluso que estou sendo, segundo, com minha opinião político-democrática. Não vejo como possamos ser democráticos sem experimentar, como princípio fundamental, a tolerância, a convivência com o diferente.*

Paulo Freire (1993, p. 59).

Esta breve incursão exploratória no mundo dos símbolos e dos rituais mortuários tem como objetivo mostrar algumas concepções da consciência da morte, investigar as origens dos ritos funerários; mostrar o cuidado com o morto e com a vida no além-túmulo de acordo com as gerações, épocas, culturas e sociedades. Busco mostrar os diferentes pontos de vista das sociedades que se interessaram pelo tema da morte, desde o homem de Neandertal, passando rapidamente pela antiga Grécia e Idade Média, até o início da Idade Contemporânea.

Na história das sociedades encontramos referências sobre a cultura e, de como essa é inerente ao processo de civilização. É por meio da cultura que o povo vive sua relação com o mundo natural e social, tornando acessível a sua produção artística e cultural, que evidencia hábitos, costumes e práticas constantes nas inter-relações entre pessoas e instituições.

É por meio da cultura que a sociedade expressa sua mais íntima concepções de mundo, podendo construir e preservar os mitos, os ritos ou rituais. Para Soares (2007, p. 24) a cultura se constitui recurso primo na “construção de nossas identidades e, isso só irá acontecer, se tivermos consciência de que existem inúmeras formas de práticas culturais e religiosas”, assim como há diferentes maneiras de nos relacionarmos com a natureza, “pela simples razão de haver diferentes países nesse mundo, inúmeras nacionalidades e diversos grupos étnicos que explicam a pluralidade de manifestações culturais existentes”.

Nicholas Roerich (1996) define a palavra cultura como uma união sintética das palavras arte, ciência e religião, em cujo bojo está enraizado o relacionamento do homem *versus* natureza com as práticas religiosas inerentes aos homens do mundo. Por gerações, a magia, a ciência e a religião viveram suas histórias separadas, mas Peirano (2002, p. 20) revela que a partir do momento em que a linha da vida as uniu em um eixo civilizador, a dicotomia entre o primitivo e o

moderno estava definitivamente separada. E que a partir deste ponto horizontalizador, o caminho encontrava-se aberto para a desconstrução de categorias como o totemismo, a magia e a religião, em busca de fatos que religassem os saberes e os conhecimentos da sociedade.

Mas, como diz Peirano (op. cit., p. 21), o próprio Lévi-Strauss, em um comentário retrospectivo sobre a ligação entre os fenômenos da religião, mantinha em relação ao mito e ao rito uma dicotomia, exigindo um estudo separado entre ambos, de modo a “fazer dos mitos a via privilegiada de acesso à mente humana” (a que pensa) e, aos ritos a “execução dos gestos e a manipulação dos objetos, a própria exegese do ritual passando a fazer a parte da mitologia” (a que vive). Para Peirano (op. cit., p. 21), o rito possui uma mitologia subtendida nas interpretações, e em “estado puro [...] perderia a afinidade com a língua”, pois estaria intimamente relacionado com o viver. Entretanto, o mito ao se vincular com o “pensar pleno” seria em muito superior ao rito, que apenas se relacionava com a prática em si.

Paradoxalmente, temos como resultado dessa distinção, o reaparecimento da dicotomia “entre relações sociais (ou ‘realidade’) e representações” e, por conseguinte os mitos ficam associados às representações e os ritos às relações sociais empíricas (op. cit., p. 21). Com base em alguns estudos diria que rito e rituais são sinônimos, são costumes impregnados de simbologia, significado e importância para aqueles que os praticam. Normalmente, estão vinculadas as práticas religiosas, mas também podem referenciar outras práticas sociais.

Louis-Vicent Thomas ao prefaciar a obra de Bayard (1996, p. 7) nos revela que, se todas às vezes que “a significação de um ato reside mais em seu valor simbólico do que na sua afinidade mecânica, já estamos no caminho do procedimento ritual”.

Nos ritos existem hábitos paliativos que se apresentam com o objetivo de suavizar as dores ou enaltecer um sentimento. Para Thomas (op. cit., p. 8), os rituais de amor, iniciação, consagração, passagem, morte, por exemplo, são alguns representantes destes hábitos ritualísticos sociais, os quais em maior ou menor grau de importância afirmam ou reafirmam valores, crenças e ideologia de um grupo, mesmo sem esses terem clara consciência disso. O professor Thomas nos esclarece que o rito é considerado profano somente na aparência, pois se volta para o sagrado e possui função social quando o mito se enraíza, é codificado pelos dogmas religiosos e se realiza pelo conjunto da coletividade.

Muito embora alguns autores considerem que o rito e o ritual sejam sinônimos da palavra cerimonial, Thomas em uma visão positivista da sociedade diferencia seu significado em relação aos ritos funerários ao dizer:

Os funerais modernos, quando não são despachados rapidamente, procedem muitas vezes de um formalismo vazio de conteúdo. Nesse caso, o termo “cerimonial”, que conota o aspecto protocolar exterior de alguns enterros, será talvez mais adequado do que o termo “ritual”, o que engloba o fundo e a forma (THOMAS *apud* BAYARD, 1996, p. 8).

Além da função de formalismo dos cerimoniais, os rituais podem servir positivamente para a afirmação identitária de um povo ou grupo social.

### 2.1. *Concepções de uma nova consciência sobre a morte.*

A alma define bem, em cada indivíduo, o que ele verdadeiramente é. Mas, ao mesmo tempo, o número de almas, igual ao dos astros, permanece sempre o mesmo, sem aumentar nem diminuir nunca, a despeito do renascimento incessante das gerações humanas (VERNANT, 1990, p. 163).

Edgar Morin (2002a, p. 35) nos diz que o homem tem “uma história de vários milhões de anos, que nos fez evoluir e nos afastou de nossos primos primatas”, acrescenta que “a humanidade emergiu da biosfera” e que somos diferentes de outros animais, apesar de termos cultura, consciência e espírito fazemos parte da biosfera por nosso organismo. E quando fala sobre a ideia fundamental do sentido da palavra religião diz que esta deve assumir “um sentido mínimo: *o que liga*. Devemos nos conscientizar que estamos *ligados* à vida, de que a vida está *ligada* à Terra, de que a Terra está *ligada* ao seu Sol, e de que o próprio Sol está *ligado* a este imenso cosmo” (op. cit., p. 36).

E em relação à consciência do destino do homem, o pensar de Edgar Morin (op. cit.) vem ao encontro do que diz Rottenstein (2005, p. 1) ao referir que os seres humanos estão perdidos. Este diz que o destino do homem é morrer, aquele que “nascemos sem saber por que e morremos sem saber por quê. E, a meu ver, o imperativo religioso que se impõe é ter consciência deste destino em comum. Temos um destino em comum: nascer e morrer” (MORIN, 2002a, pp. 36-37).

Ao orientar sobre a importância de se ter uma consciência fundamental, Morin solicita que passemos a admitir que não estejamos sozinhos no universo por

que “talvez haja outras espécies pensantes e vivas que não conhecemos; são raríssimas, se existirem” (op. cit., p. 36). Por este prisma estudar os saberes que envolvem a morte é adentrar em um mundo espiritual, místico e pouco conhecido, que por séculos foi visto por algumas pessoas da sociedade antiga e contemporânea, como um tema macabro, sendo a visão da morte um ponto negativo e um destino de horror.

Contudo, a História da morte nos mostra diferentes pontos de vista de várias sociedades que se interessaram pelo tema da morte em diferentes épocas e contextos, como por exemplo, na antiga Grécia, na idade média e na idade contemporânea.

Jean- Pierre Vernant (1990, p. 143) ao falar dos mitos gregos diz que a *Mnemosýne*<sup>16</sup> privilegia o aedo, pois ao rememorar o passado o poeta entra no mundo dos mortos, e que a memória não constrói e nem anula o tempo ao separar o presente do passado, mas “lança uma ponte entre o mundo dos vivos e do além”.

A História da morte contada por Philippe Ariès (2003, p. 34) nos mostra que o ritual de morte já foi considerado na idade média uma reunião pública e social, onde o próprio “moribundo” coordenava o seu velório quando sentia a aproximação da morte. Anterior ao desencarne, o enfermo solicitava uma “reunião pública” e na presença de seus familiares, amigos, sacerdotes discutia o destino dos seus bens, dando sequência ao ritual, solicitava também o perdão das ofensas cometidas e a extrema unção, deixando pagas diversas missas a serem proferidas, por um longo tempo, após seu desencarne. Acrescenta que a “prece” feita pelo doente para a espera da morte era especial (op. cit., p. 33), pois as palavras continham lamentos de perdão e de intercessão dos anjos perante Deus para o recebimento de sua alma.

O padre Bettendorff (1990, pp. 620-622), em seus estudos sobre a Companhia de Jesus na Amazônia, mas precisamente no Estado do Pará, na cidade de Gurupá também faz alusão a esse rito de morte em que o doente diante de uma morte eminente designa o destino dos seus bens e desejos. Para isso relata a morte do capitão-mór do Pará, Hilário de Sousa, nos idos de 1696 após contrair uma grave doença.

---

<sup>16</sup> A *Mnemosýne* tem o poder de presidir à função poética que exige uma intervenção sobrenatural – ver mais em Mitos e pensamentos entre os gregos: estudos de Psicologia histórica de Jean-Pierre Vernant – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, pp. 143–166.

Só o capitão-mór ficou maltratado de tal sorte, que o padre João Maria lhe deu os sacramentos nos Tapajóz, [...], e chegando ao Gurupá fez seu **testamento**, [...]. Deixou por herdeiros Maria de Siqueira, sua mulher, e sua ermida de S. José aos reverendos padres Piedosos, para lá morarem, mandando se lhe fizesse convento para isso, deixou 20 peças a cada sobrinha de sua mulher e a seu sobrinho José de Souza, para ser clerigo, um caccoal e **quantidades de missas para sua alma**; e assim, **recebidos todos os sacramentos**, falleceu com a assistencia dos reverendos Piedosos. O governador que era muito seu amigo, o visitou e mostrou seus sentimentos, pondo-se de luto, porque além de ser seu grande afeiçoado, tinha recebido d'elle um signal de beneficio, e é que devendo-lhe muitos mil cruzados, conforme se diz, lh'os **perdoou por testamento** todos. Mandou-se o corpo morto em caixão para baixo e **enterrou-se com solemnidade** em S. José, logar já destinado por elle para sua sepultura, e **em demonstração publica do sentimento** acompanhou o corpo a soldadesca de noite e conforme o costume, que há nos fallecimentos dos capitães môres, houve toda noite de tempo em tempo tiros de artilharia da fortaleza da cidade [...]. Sentiu tanto Maria Siqueira, sua mulher, o fallecimento do seu marido [...] e poucos mezes depois falleceu tambem ella, [...], deixando [...] muitas esmolos e missas pela alma de seu marido defunto (BETTENDORFF, 1990, pp. 620-622) (Grifo nosso).

Para Reis (1991, p. 203) citado por Mariana Pettersen Soares (2007, p. 68), o destino do homem após a morte perpassa pelo julgamento individual que o morto é submetido para ascensão aos céus, diz ser um mecanismo indispensável da doutrina do purgatório. Acrescenta que o julgamento individual adquiriu relevante importância a partir do século XVI, quando a Igreja não tinha tanta preocupação com o julgamento universal, sendo que “o tempo de purgação podia ser abreviado pelos vivos por meio de orações e missas e pela intervenção direta (junto a Deus) de santos e almas benditas, durante e depois do julgamento da alma do morto”.

Nesse caso, a doutrina do purgatório intermediava a tensão entre tempo de purgação e tempo eterno, pois fornecia ao povo um mecanismo de comunicação entre vivos e mortos “por meio das orações e das missas dirigidas às almas do purgatório” promovendo nos fiéis uma cumplicidade pela busca da salvação (op. cit., p. 69).

Os etnólogos Margot e Jorge Dias (1953) *apud* Mariana Pettersen Soares (2007, p. 36) confirmam o desaparecimento das manifestações de devoções às almas, no caso do ritual da encomendação das almas dizem que é um costume característico “[...] e que está desaparecendo com o tempo” e que este é um “traço cultural que parece limitado ao país (Portugal) e ao Brasil”.

Para Geraldês (2004) as tradições e os cultos quaresmais<sup>17</sup> são antecessores ao aparecimento do cristianismo (op. cit., p. 37), porém Margot Dias e Jorge Dias (1953, p. 5) dizem que o ritual de encomendação das almas é, indiscutivelmente, um costume cristão misturado com alguns símbolos mágico-pagãos pelos povos. Mas, admitem que a crença na sobrevivência após a morte possui característica antiga à crença pré-cristã,

tanto os primitivos atuais como muitos povos da antiguidade criam que os mortos continuavam uma vida, de certo modo, semelhante à vida terrena. Os mortos tinham uma existência sobrenatural, mas em tudo idêntica à dos vivos; padeciam as mesmas necessidades, eram capazes de ódios e invejas, mas também eram dotados dum poder que é vedado aos vivos. Por isso era necessário acalmá-los ou captar-lhes a simpatia, mediante práticas mágicas, sobretudo de magia imitativa [...]. O cristianismo destruiu, em grande parte, esta crença primitiva (DIAS e DIAS, 1953, pp. 37-38).

Margot Dias e Jorge Dias (1953) esclarecem que alguns povos antigos acreditavam que os mortos possuíam um poder que os vivos não tinham. Mariana Pettersen Soares (2007) defende que esta crença perdura em muitos lugares na atualidade, exemplo disso é o Ritual da Encomendação das Almas, onde seus participantes acreditam que “a alma dos mortos tem um poder sobre a vida deles, ajudando-os na sua vida terrena”, porém acrescenta que essas antigas crenças hoje são visualizadas como algumas superstições (op. cit., p. 38).

Essa capacidade dos mortos de interceder e de até influenciar na vida dos vivos pode está relacionada à fé religiosa, ou ainda, na existência de vida após a morte, Allan Kardec (2009, p. 272) dá um exemplo sobre essa influência ao relatar que “a obsessão é a ação persistente que um mau Espírito<sup>18</sup> exerce sobre um indivíduo”.

Quando menciona o ensinamento dos Espíritos Kardec afirma que,

Deus quis que a nova revelação chegasse os homens por uma via mais rápida e mais autêntica; por isso encarregou os Espíritos de irem levá-las de

<sup>17</sup> No período da Quaresma está inserido a Semana Santa Católica que são os dias voltados para a realização dos rituais de Encomendação das Almas, no cemitério e nas residências da cidade de Oriximiná no estado do Pará – ver mais em Liturgias Ribeirinhas nº 1 – Encomendação das Almas. Belém: IAP, 2006, p. 2.

<sup>18</sup> Para Allan Kardec Espírito e Alma são palavras sinônimas, o estudioso ensina que “se a alma é imaterial, tem de passar, após essa vida, a um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, decompondo-se, volta à matéria. Muito importa, no entanto, distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimenta com Deus, de ciência e pensamentos, da alma mais ou menos maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a retêm nos lugares da sua estada na Terra (KARDEC, 2009, p. 49).

um pólo a outro, manifestando-se por toda parte, sem dar a ninguém o privilégio exclusivo de ouvir sua palavra [...]; podem-se queimar os livros, mas não se podem queimar os Espíritos; ora, queimem-se todos os livros, e a fonte da doutrina não seria, por isso, menos inesgotável, pelo fato mesmo de que ela não está na Terra [...]. Na falta dos homens para propagá-la, haverá sempre espíritos, que alcançaram todo o mundo e que ninguém pode atingir (KARDEC, 2009, p. 272).

Ao relacionar o pensamento da doutrina dos Espíritos traduzida por Kardec ao pensamento filosófico de René Descartes<sup>19</sup>, verifica-se que mesmo o racionalismo empregado por seu “método” rigoroso da verdade e da disciplina não exclui qualquer forma do pensar metafísico.

John Cottingham (1999, p. 22) relata que as últimas palavras de Descarte no leito de morte foram “agora, minha alma, é hora de partir” caracterizando mais uma vez o dualismo mente e corpo que ele por tanto tempo manteve. Mas, se me permitam dizer essas derradeiras palavras podem revelar, talvez, uma crença da existência da alma em outros espaços universais, pois pensar somente pela lógica da razão não se poderia acreditar na doutrina dos Espíritos revelada por Kardec (2009, p. 51) ao afirmar que os Espíritos existem e transitam na Terra com o corpo espiritual, o perísprito, local onde a alma habita.

Para o espiritismo Sócrates e Platão são os precursores da ideia cristã e do espiritismo, segundo ainda a doutrina dos espíritos, ambos compreendiam os “diferentes graus de desmaterialização da alma”. Assim, mais adiante, afirma Allan Kardec em *O evangelho segundo o espiritismo* (2009, p. 19) que “o homem é uma alma encarnada”, em outras palavras, isso quer dizer que “antes da sua encarnação, ela existia aos tipos primordiais, às idéias do verdadeiro, do bem e do belo; deles se separa em se encarnando e, recordando passado, está mais ou menos atormentada pelo desejo de a eles retornar” (op. cit., p. 19).

Ao mencionar os filósofos gregos, o representante da doutrina dos espíritos reitera que para eles havia grande preocupação com a alma, pois “é de tomar maior cuidado com a alma, menos por esta vida, que não é senão um instante, do que em vista da eternidade. Se a alma é imortal, não é mais sábio viver com vistas à eternidade?” (op. cit., p. 21).

---

<sup>19</sup> O nome René Descartes é sinônimo de nascimento da Idade Moderna. Os “novos” filósofos, nome pelo qual ele e seus seguidores eram chamados no século XVII, inauguraram um deslocamento fundamental do pensamento científico, cujo efeito ainda hoje está entre nós. Para saber mais ver obra *Descartes: a filosofia da mente* de Descartes de John Cottingham, 1999 (nota da autora).

O que me leva a indagar quais as leis que regem essa transição entre esses dois mundos, o espiritual e físico, Kardec esclarece que o conhecimento das leis que regem o universo espiritual e o mundo físico passa por duas forças fé e razão (religião e ciência), afirma que ao unirem-se, essas vencerão o materialismo, que o homem deve dar importância e valor a aliança entre ciência e religião, pois ambas “são duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra do mundo moral. *Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio que é Deus, não podem contradizer-se*” (op. cit., p. 27).

Kardec relata que a ciência não deve ser “materialista” e a religião deve aceitar as “leis orgânicas e imutáveis da matéria”. E como forças importantes na sociedade devem apoiar-se mutuamente para o concurso de esclarecimentos de fatos relacionados entre fé e razão (op. cit., pp. 60-61).

Edgar Morin em *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (2010, p. 26) defende que “as novas ciências, Ecologia, ciências da Terra, Cosmologia, são poli ou multidisciplinares: têm por objeto não um setor, ou uma parcela, mas um sistema complexo, que forma um todo organizador”.

Essa possibilidade não é restrita somente ao universo educacional e sim ao próprio pensamento sobre cultura, a interculturalidade<sup>20</sup>. Danieli Pimentel (2010, p.4) baseada nos estudos de Vera Candau, Boaventura Santos e Ilya Prigogine pensa que essa noção de intercâmbio cultural direciona-se para um caminho de superação das desigualdades sociais e intelectuais, pois como a autora refere a “hibridização cultural tende a se estender para outros aspectos, como a reunião e diálogo de saberes populares em contato com outras formas de saberes”.

É em Ilya Prigogine (2007) que podemos encontrar também um dos princípios de intercâmbios de saberes, pois o referido autor ratifica esse pensamento por meio de uma ideia, “reconciliação: essa é a palavra-chave de seu sistema. Reconciliação do homem com a natureza. Reconciliação da ciência com a filosofia”.

Acrescento neste intercâmbio a reconciliação entre ciência e religião, pois este provável inter-relacionamento cultural voltar-se-ia como um dos caminhos para superação de qualquer preconceito que o homem tenha ou venha a ter em relação à cultura de seu semelhante.

---

<sup>20</sup> Sobre o tema, ver o artigo “Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença”, de Vera Maria Candau (2008).

Tomando como base esses estudiosos, é possível afirmar que os saberes da morte podem se relacionar ao pensamento científico, para isso é necessário à aquisição de novos conhecimentos educacionais, numa possibilidade constante de reintegrar ao saber científico o que se manteve tão afastado, o senso comum. Para tanto, acredito que a reformulação da ciência, ou a reforma do pensamento a qual se refere Morin (2010, p. 32) se faz necessária, o autor chama a atenção para a existência do novo espírito científico ao dizer que a “reforma do pensamento está a caminho [...]”. É nessa mentalidade que se deve investir, no propósito de favorecer a inteligência geral, a aptidão para problematizar, a realização da religação dos conhecimentos”. Dessa forma, o saber tradicional experienciado e repassado pela voz ou pelo canto durante o Ritual de Encomendação das Almas, e, ainda mantido pela sabedoria popular, deve ser incluído na lista de itens fundamentais ao processo educativo de um povo.

## *2.2. Alguns indícios do destino do morto e a percepção do homem sobre a morte.*

O medo da morte sempre existiu e a percepção do homem em relação à morte vem sofrendo várias transformações ao longo dos séculos. Indícios dessas transformações podem ser encontrados nos estudos de Bayard (1996) que mostram registros arqueológicos que indicam sinais de preocupações da sociedade em relação ao destino do morto. A existência de ritos funerários pode ser observada desde o homem de Neandertal, há mais de 600 séculos. Exemplo desses sinais está na descoberta de oito esqueletos entre o cascalho de uma escavação, pela análise do pólen, detectou-se que um dos defuntos repousara entre flores. Louis-Vincent Thomas levanta a hipótese de que esse sinal pode ser uma forma especial da sociedade Neandertal de honrar uma pessoa (BAYARD, 1996, p. 9).

Outro indício são as sepulturas de pedras, descobertas em 1908 próximas às cidades de La Chapelle-aux-Saints (Corrèze) e Ferrassie, ambas localizadas na França, que testemunham os ritos funerários dos homens de Neandertal, há cerca de 450.000 anos (op. cit., p. 56). Essas sepulturas podem comprovar a preocupação do homem desde os primórdios de sua existência com o lugar destinado ao morto, pois se observa o cuidado com o posicionamento do corpo no leito de morte. Para Teixeira (2009) o homem de Neandertal e o *Homo sapiens* realizavam o

sepultamento de seus mortos por meio de processos e de ritos complexos, “muito antes do aparecimento das primeiras sociedades-estados” (op. cit., p. 2), e, que ainda hoje essas sepulturas escondem alguns mistérios em relação aos ritos mortuários.

A presença da morte também pode ser encontrada na história da antiga Grécia, a obra *Mito e pensamento entre os gregos* de Jean-Pierre Vernant (1990), ilustra muito bem a passagem da morte na sociedade grega, nesta obra o autor referenda que os mitos gregos já faziam alusão à morte e, *Mnemosýne*, a Deusa da memória, privilegiava o aedo (poeta) no momento em que este rememorava o passado para exaltação dos feitos de seu povo. Ao lembrar os grandes acontecimentos, o poeta entrava no mundo dos mortos e, ao adentrar neste novo mundo esquecia o tempo presente e se voltar para o futuro. Vernant (op. cit., p. 143) diz que a Deusa da memória lançava neste momento “uma ponte entre o mundo dos vivos e do além”, para que o poeta pudesse transitar nestes dois mundos.

Ariès (1981, p. 7), em seu estudo sobre a imagem da morte a partir de histórias da alta Idade Média, conta que alguns pressentimentos da época possuíam características premonitórias da morte que se aproximava sendo um recado do além-túmulo.

Essa peculiaridade de que a morte não chegava de forma abrupta na Idade Média, já que era anunciada, caracterizava os romances medievais. Os cavaleiros na *Canção de Rolando* ou dos romances da *Távola Redonda* não morriam de qualquer forma. Havia um aviso premonitório do mundo dos mortos. Normalmente, uma pessoa recebia uma visita em sonho de um ente que já falecera e esse presságio indicava que a pessoa teria, em pouco tempo, um futuro encontro com a morte (ARIÈS, 1981, p. 9). Exemplo que pode ser encontrado neste trecho do romance da *Távola Redonda*,

a viúva do rei Ban entrara para o convento depois da morte do marido e do misterioso desaparecimento do filho. Anos se passaram. Uma noite viu um belo jardim, em sonho, e os seus sobrinhos que se acreditavam estarem mortos: “Então compreendeu que o senhor atendera a seu desejo e que ela ia morrer” (ARIÈS, 1981, p. 8).

Os avisos premonitórios da chegada da morte eram enunciados, segundo Ariès (2003, p. 28), por meio de símbolos naturais ou por uma íntima convicção de que a vida estava em seus momentos finais, e não por “premonição sobrenatural ou

mágica”. Ariès (1981) comenta que entre os vivos, não há somente seus iguais, os mortos também transitam em certos lugares e momentos de nossas vidas e, somente nos apercebemos deles, minutos antes da passagem para o além-túmulo, uma vez que é nesse instante que a presença da morte é pressentida. Na Idade Média a anúncio da morte próxima era considerada um aviso, um pressentimento. No século XX este tipo de comunicação premonitória pode ser aludido apenas aos sinais naturais da presença próxima da morte, visíveis em fatos comuns do dia a dia.

Algumas perguntas em relação à morte ou à vida deram origem a um estudo mais detalhado de Ariès sobre o modo como as sociedades têm lidado com a morte, fenômeno sempre presente em suas histórias. No livro *História da Morte no Ocidente* (2006), Philippe Ariès trata a morte do ponto de vista histórico e sociológico e faz uma análise das atitudes diante da morte, desde a morte domada, da baixa Idade Média na qual as pessoas tinham uma postura religiosa, até a morte interdita ou selvagem como ele a denomina na Idade Moderna, na qual a percepção da morte é totalmente negada por parte da sociedade.

Em relação aos ritos mortuários exercidos pela sociedade medieval, Ariès (2003, p. 34) fala da preocupação com o destino da alma ou do homem após a morte, de acordo com Reis (1991, p. 203), esse caminho pelo julgamento individual (universal), é vivido somente pelo morto perante Deus o que definiria o destino desta alma a duas opções, a ascensão aos céus ou a decadência do inferno. Para Reis (1997, p. 97), tal destino resultava de uma “condenação no julgamento individual em seguida ao falecimento, que, além do Inferno, podia ter como resultado a absolvição absoluta, e então a alma alcançaria o Paraíso, ou a condenação mais leve e mais comum de expiar as culpas no Purgatório”.

O julgamento universal era importante, pois negociar esse tipo de estadia no “Inferno temporário” – denominação dada por Jacques Le Goff – era preferível à condenação eterna (op. cit., p. 97). Estes julgamentos ocorreram a partir do século XVI, quando a Igreja não tinha tanta preocupação com o julgamento universal, pois, entendia que de alguma forma a purgação das almas poderia ser abreviada por meios das orações que se tornaram comuns na região de Provença na França, pois eram muito solicitadas no século XVIII. A prática de solicitar missa de óbitos era chamada de trintenias, ou ainda “se denominavam de ‘missa de S. Gregório’ na

região de Nice” caracterizando um fervor popular e uma representação coletiva da imagem do purgatório (REIS, 1991, p. 203).

Desta maneira, o purgatório era uma local de passagem no mundo celeste e, para se escapar dele, era necessário, além do arrependimento na hora da morte, a intervenção dos vivos que solicitavam missas e promessas aos santos. Assim, “a existência do Purgatório permitia e promovia a relação entre vivos e mortos” (REIS, 1997, p. 97).

Para Fleck (2004),

as aparições das almas do Purgatório que vinham pedir aos vivos orações, coletas de donativos ou reparação de erros cometidos foram transformadas em uma crença de significação moral pela Igreja. Isso implicou uma nova atitude cristã a respeito dos mortos, na medida em que estes deixaram de fazer medo aos vivos e que se ampliava o apego ao dogma da ressurreição dos corpos. A ressurreição, por sua vez, esteve ligada até o século XIV a uma concepção judiciária do mundo, a do Juízo Final, na qual o moribundo se via diante de uma audiência solene, na presença de todas as forças do Céu e do Inferno, cabendo a ele vencer as seduções dos diabos com o auxílio do seu anjo da guarda (FLECK, 2004, p. 260).

Este modelo de intercessão para a salvação das almas perdidas pode estar relacionada à prática religiosa dos vivos que, segundo Soares (2007, p. 68) se dá por meio de “orações e missas e pela intervenção direta (junto a Deus) de santos e almas benditas, durante e depois do julgamento da alma do morto”. Essa solicitação de salvação para o morto muito se assemelha para Soares (op. cit., p. 69), aos rituais de Encomendação das Almas ocorridos a partir do século XIX na Amazônia, em relação às orações pedidas por amigos ou parentes do morto para as almas benditas, solicitando a elas que ajudem o morto que se encontra em sofrimento ou perdido, a chegar ao descanso eterno.

Soares (op. cit., p. 69) acrescenta que ao mesmo tempo em que as orações e missas salvavam a alma do morto, elas serviam, no século XIX, para intermediar a tensão entre purgação e eternidade, pois representavam uma forma de comunicação entre vivos e mortos. Ao mesmo tempo em que promovia nos fiéis uma cumplicidade pela busca da sua própria salvação. Tal intermediação entre céu e purgatório poderia ser encontrada, segundo a autora, no ritual de Encomendação das Almas realizado nesta mesma época, quanto ao encaminhar as almas em sofrimento para a paz eterna. O único lugar que interrompe a comunicação “entre vivos e mortos é o inferno” (BRANDÃO, 2007a, p. 342).

Mas se o morto estiver no céu, no purgatório ou vagando entre mundos, os mortos transformam-se em espíritos especialmente poderosos para ajudar os vivos. Mas eles são, ao mesmo tempo, especialmente dependentes dos vivos para a sua própria salvação, a menos que já tenham “chegado no céu pra sempre”. O ponto terminal do vivo é a morte, mas o ponto terminal do morto são outras vidas: no céu, “junto com Deus, os santos, os pais e os irmãos”, onde a pessoa “descansa dessa vida” e “recebe o prêmio por haver sido como foi”; ou o inferno, onde o mau “paga pelo que fez” (BRANDÃO, 2007a, p. 342).

Os mortos que estavam no purgatório necessitavam da ajuda dos vivos para terem esperança de salvação e para isso eram necessárias “orações de velório, “rezas pelo morto”, danças de São Gonçalo “pelo falecido”, encomendas de morto com padre e missa em latim, missas de sétimo dia (coisa “de rico”), visitas ao cemitério” e, se os mortos fossem atendidos, e seus pedidos e rituais fúnebres realizados, eles agradeciam “respondendo com o poder do morto às ajudas e aflições dos vivos” (op. cit., p. 343).

Partindo do pressuposto que, para os vivos, a memória dos mortos é protegida com todos os recursos simbólicos do imaginário social, veremos a seguir qual a concepção popular da morte e quais os ritos fúnebres presentes na história realizados para perpetuação da memória e para o encaminhamento da alma do morto para a vida eterna.

### *2.3. Alguns Rituais fúnebres contidos na História da Morte.*

Ao falarmos de morte e de ritos fúnebres, estamos falando de processos sociais de civilização e de cultura. Na história das sociedades encontramos referências sobre a cultura, que é inerente ao processo de civilização, pois a “cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social” (BRANDÃO, 2002, p. 24). É por meio da cultura que o povo vive sua relação com o mundo natural e social, tornando acessível a sua produção artística e cultural, que evidencia hábitos, costumes e práticas constantes nas inter-relações entre pessoas e instituições. Pela cultura, a sociedade expressa sua mais íntima concepção de mundo, construindo e preservando os mitos e os rituais (BRANDÃO, 2007a, p. 341).

Os seres humanos podem ocupar quaisquer posições na sociedade, tanto na vida quanto na morte, “há muitos lugares para os homens no mundo” (op. cit., p.

341). O lugar social do morto e o transitar no mundo dos vivos são, para Brandão (op. cit., pp. 341-342), todos os espaços sociais terrenos ou não terrenos.

Todos os seres vivos, mortos, encantados, estão em algum lugar social, de tal sorte que viver ou morrer são estados definidos como de passagem de um modo de vida de ser para um outro, e de um tipo de sociedade para um outro. [...]. A “alma do homem” depois de morto – sua pessoa transfigurada e que conserva sua identidade – existe em um modo de existência, ou atravessa um ou dois modos de existência, em espaços sociais não terrenos, onde vivem períodos de estágio (o purgatório) ou a eternidade (o céu e o inferno). Podem também ficar vagando entre outros mundos e sua sociedade terrena, quando aparecem como assombrações, “almas de outro mundo”, em sonhos, “avisos” ou “visões” (BRANDÃO, 2007a, pp. 341-342).

Ao longo da história da humanidade observei vários tipos de rituais mortuários, desde a preparação para receber a morte, a mumificação, a ingestão canibalesca até a cremação do corpo do morto como forma de liturgias codificadas por sociedades primitivas – africana, asiática ou indígena (BAYARD, 1996).

Para Thomas, deste o Paleolítico superior há presença de vestígios dos ritos de morte e cita como exemplo, o uso do ocre vermelho nos mortos como uma simbologia do sangue – líquido vital da vida. O estudioso diz que no início da Era Neolítica, foram encontrados em sítios arqueológicos mobiliários utilizados nos cemitérios, como machados, flechas e vasos usados durante os ritos de morte e, que somente a partir dos anos 4.000 surgem às sepulturas megalíticas<sup>21</sup>. Para o autor, todos esses indícios mostram que o homem, desde a origem dos tempos, se preocupa com a possibilidade de que há vida após a morte e, por este motivo cuida dos seus mortos para o bom viver no além-túmulo (op. cit., p. 9).

Em diferentes épocas, seja medieval ou contemporânea, a imagem da morte, os cuidados para a espera da morte com o corpo do morto, o velório, o cerimonial, as condolências e o sepultamento, ganharam dimensões estéticas, que vão desde a mumificação dos cadáveres, passando pelo sepultamento em tumbas luxuosas ou em terra batida, até a cremação do morto e a dispersão das cinzas na natureza. Independente da forma de cuidar do morto, a grande parte da humanidade realiza ritos fúnebres, nos quais a sensação de agonia diante da morte acompanha a

---

<sup>21</sup> Importantes monumentos cuja edificação implica forte coesão social. Os vastos *túmulos* (monte de terra ou pedras sobre a sepultura) cobriam esses monumentos formando pequenas colinas, típico da idade do bronze (BAYARD, 1996).

extrema-unção, o velório, o cerimonial, as condolências e o luto público, social e psicológico (op. cit., p. 9).

Para Ariès (2003) O último ato do cerimonial tradicional na Idade Média realizado pelo moribundo para a espera da morte começa pelo *lamento da vida*, que consiste em uma evocação, triste e discreta, pelos objetos e pessoas amadas que o moribundo irá deixar. Após o lamento da nostalgia da vida, segue-se o *pedido de perdão* para os companheiros e amigos que rodeiam o leito de morte, o moribundo recomenda os vivos aos cuidados de Deus. Chega o momento de *esquecer o mundo e de pensar em Deus*, o moribundo, através das preces, encomenda a sua alma. “Na França do século XVI ao século XVIII, essas preces, foram muito desenvolvidas eram chamadas de *commendaces*” (op. cit., p. 32), a primeira prece a ser executada servia para a confissão das culpas e a segunda para “*commendatio animae*”, encomendação da alma (op. cit., p. 33).

Logo em seguida chega o momento da absolvição sacramental que era dada pelo padre que lia os salmos, liberava e incensava o corpo do moribundo, além de aspergi-lo com água benta. Rito que era repetido perante o corpo do morto no momento de seu sepultamento. Após a recomendação, dava-se ao moribundo o *Corpus Christi*, “a extrema-unção era reservada aos clérigos e dada solenemente aos monges na igreja”. E, após a última prece, o moribundo esperava a morte em silêncio, sem pronunciar uma única palavra a mais (op. cit., p. 33-34).

Após a morte, dava-se início ao luto público que cabia somente às grandes personalidades, as que possuíam projeção social no mundo. O luto social também impunha certas proibições, mais ou menos obrigatórias, que deveriam ser cumpridas pelas pessoas das sociedades, tais como o uso de roupas pretas, brancas, amarelas ou azuis, as cores poderiam variar de acordo com o lugar em que viviam. O luto psicológico estava ligado ao sentimento da perda, ao reconhecimento da realidade da morte e no reencontro do gosto pela vida (BAYARD, 1996, p. 9).

Segundo Brandão (2007a, p. 344), no Brasil do século XX, na casa dos parentes vivos, a memória do defunto era guardada por uma simbologia particular do luto, no qual somente os bons atos e qualidades do morto eram ressaltados. Objetos pertencentes ao morto eram guardados, os retratos dos que se foram eram, e ainda são, colocados nas paredes da sala ao lado dos grandes santos, de acordo com o autor, esse fato ocorre com mais frequência nas regiões interioranas do Brasil. E que a memória do morto está presente em pequenos objetos espalhados por vários

ambientes da casa com o objetivo de lembrar o vínculo do morto com a família, pois a representação do laço familiar não é dissolvida com a partida do morto para o além-túmulo.

Os povos de diferentes culturas possuem particularidades próprias para velar, enterrar e cultuar seus mortos. A humanidade obedece a inúmeros modelos para ritualizar o cadáver. Para Thomas, os tipos de rituais de morte no mundo podem ocorrer de variadas formas, independente de época ou sociedade (BAYARD, 1996, p. 9): a primeira forma, chamada *Querida*, caracteriza-se pela recusa do funeral para o morto por parte do agressor, por motivo de vingança ou punição (Sófocles fala sobre esse tipo de ritual em *Antígona*).

A segunda forma de morte é a nomeada *Acelerada*, na qual corpo do morto é deixado exposto ao tempo com o objetivo de atingir de forma rápida o estágio de mineração óssea (op. cit., p. 9). A terceira forma de ritual mortuário é a *Corrupção consentida, mas ocultada*, para Thomas há varias formas desta ritualística, a mais comum é quando o morto é enrolado em panos e colocado no alto de árvores ou deixado dentro de barcos à deriva no rio ou mar. Ou ainda, quando o corpo é lançado ao mar com uma pedra amarrada nas pernas (entre os séculos XVIII e XIX os marinheiros mortos eram lançados em alto mar dessa forma) (op. cit., p. 10).

O quarto tipo de rito de morte é a *Inumação ou o retorno à terra-mãe*. Neste caso, há o uso de um simples lençol, para os povos mulçumanos, ou caixão, para outros povos, o morto é colocado em uma sepultura (abaixo da terra). Há também o uso de cerâmicas (índios da América) para o sepultamento do morto. O tamanho, a forma, a profundidade e riqueza da sepultura e da cerâmica variavam de acordo com a posição social do morto na sociedade em que viveu (op. cit., p. 10).

Segundo Teixeira (2009, p. 9), este último tipo de ritual de sepultamento em urnas funerárias em cerâmica cozida, era uma prática comum entre as populações indígenas do Brasil colonial. Atualmente, encontram-se diversas urnas funerárias de cerâmica nos Estados de Rondônia, Pará e Amazonas, que atestam algumas características das práticas funerárias dessas antigas populações ameríndias.

A *corrupção proibida* é a quinta forma mortuária. Nesse caso, há variações na modalidade do ritual funerário, a primeira é a *conservação*, que ocorre mediante a dessecação ou defumação do morto ao sol (múmias da América Latina, África), e o embalsamento que segue os preceitos das técnicas do Egito antigo para o possível retorno à vida (BAYARD, 1996, p. 10).

E a segunda modalidade é a *destruição*, também em duas formas: a primeira, e também a mais conhecida e praticada, é a *cremação*, na qual o cadáver é queimado em uma eterna simbologia do fogo ascensional e purificador (com flores e madeiras de sândalo), tendo as cinzas jogadas em rio sagrado. Para os orientais esse tipo de rito simboliza a ascensão ao nirvana, mas a cremação para os ocidentais possui apenas função higienista (op. cit., p. 10). A segunda forma de destruição, a *ingestão canibalesca*, tem a intenção de apropriação da força vital do morto, que poderia estar contida em diversos órgãos humanos, tais como, o coração, fígado e testículos, que por vezes eram ingeridos crus ou cozidos, ou ainda, ossos triturados que eram misturados com comida ou bebida – polenta, álcool (ritual encontrado entre os índios Tupinambá, no Brasil e os Somalis e Danaquis na África) com o intento de refeição mística e autêntica comunhão entre os indígenas (op. cit., p. 11). Teixeira (2009, p. 2) comenta que os rituais mortuários de algumas sociedades indígenas ameríndias consistiam no oferecimento de um banquete fúnebre para a tribo, como uma homenagem ao morto “devoravam seu cadáver mediante práticas e rituais mágicos e religiosos”.

Outros tipos de rituais de morte também são encontrados na história da humanidade, dentre eles, encontramos a existência dos ritos de *oblação* (oferenda, sacrifício a Deus), dos ritos de *passagem* (acontecimentos) e dos ritos de *encomendação*. Os ritos de oblação são todos os atos e preparativos que representam o respeito ao morto, por isso é que cabe às mãos femininas a realização da toaleta mortuária que se traduz em dois significados: dar aparência digna e purificada o cadáver, bem como providenciar o seu renascimento (BAYARD, 1996, p. 12).

Em relação aos ritos de passagem, estes representam o fim da vida e a consagração e separação do morto com o mundo dos vivos, além de assegurar ao cadáver a sua inclusão no estado de *post mortem*. Esse binômio, “*separação-integração*”, ocorre por um longo período e caracteriza todos os rituais de passagem, pois engloba desde os ritos funerários até os ritos de iniciação, nascimento e casamento (op. cit., p. 14). O Ritual de passagem visava orientar o futuro do morto, eliminando tudo que o ligasse ao mundo dos vivos. No Senegal, “a tradição queria que as pessoas fingissem quebrar uma perna do morto [...] para se certificarem de que não voltariam para assombrar os vivos” (op. cit., p. 15).

Os rituais de passagem, também se faziam presentes na história das famílias e das mulheres gregas que eram consideradas as fiéis depositárias do conhecimento ritualístico de lamentação e de passagem, sabiam como preparar o morto para o cerimonial de sepultamento, por este motivo coordenavam os eventos ligados ao ritual mortuário (op. cit., p. 15). Ao realizar as lamentações ou canções de lamento, as mulheres louvavam e confirmavam a existência e a preservação na memória do *oikos* e dos ancestrais (STEARNS, 1998, p. 123).

Os ritos de encomendação ocorrem por meio de orações proferidas pelos vivos, que de alguma maneira possuem algum elo com o morto para qual está sendo realizadas as preces. Estas rezas possuem o objetivo de intermediar a estada da alma do morto do purgatório para o céu ou paraíso, com o intuito de que essa alma não fique em pena eterna (REIS, 1997, p. 97).

#### *2.4. Ritos de Morte e a Intermediação das Almas no Brasil e na Amazônia.*

Para José Carlos Rodrigues (1983), a morte não é um evento solitário, para a humanidade, há em cada tipo de morte um sentido social partilhado e relacionado ao sentimento interior, e é por meios desses sentidos, que o homem constitui ritos e símbolos quanto à existência da alma no além-túmulo.

Susnik (1983) nos revela que os índios sul-americanos não possuíam o medo da morte, diante de uma morte eminente mantinham atitudes que se baseavam em duas concepções: a primeira na crença da existência da alma do morto no *post-mortem* e a segunda que a existência no plano espiritual favoreceria o encontro com as almas dos vivos durante o sono. Susnik nos diz que a alma do morto busca a companhia dos vivos (parentes, amigos), logo essa sociedade indígena não tinha medo da morte, mas das almas dos mortos. Devido a este temor aos mortos foram constituindo-se na história da humanidade, rituais fúnebres de homenagens, cuidados com o corpo do morto, aquisição da força vital do morto, intercessão e encomendação da alma do defunto para uma boa vida no além-túmulo.

### 2.4.1. Os ritos mortuários em algumas regiões do Brasil.

Dentre os rituais mortuários encontrados no Brasil está o canibalismo. Este rito antropofágico pode ser observado em várias sociedades do mundo, principalmente dentre as tribos africanas e ameríndias no período de suas colonizações. Essas tribos possuíam o hábito de destruir o corpo do morto consumindo suas partes com o escopo de obter a energia vital do cadáver, acreditava que ao ingerir a carne humana absorveriam as qualidades do inimigo morto, a força, a coragem, a vitalidade. Este tipo de rito fúnebre é conhecido como *ingestão canibalesca* de acordo com Louis-Vincent Thomas (BAYARD, 1996, p. 11).

Exemplos de endocanibalismo ou exocanibalismo<sup>22</sup> aparecem em diversos momentos da história da humanidade. No Brasil, há relatos de caso de exocanibalismo nas cartas jesuíticas. Na carta *Informações das partes do Brasil*, datada de agosto de 1549, o padre Manuel de Nóbrega informa aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Coimbra sobre os costumes dos índios nativos em relação à antropofagia ocorrida durante as guerras entre colonos e colonizados (índios – gentios). Nóbrega descreve que os gentios, ao capturarem o inimigo, um dia antes de o matarem, “lavam-no todo, e no dia seguinte tiram-no para um terreiro, [...]. E, morto, cortam-lhe logo o dedo polegar, porque com ele atirava suas flechas, e o demais fazem em pedaços, para comê-lo assado ou cozido” (NÓBREGA, 1549, In HUE, 2006, pp. 37-38).

Mas, quando morre um dos índios da tribo dos gentios, o ritual de morte é diferenciado, os índios colocam sobre o túmulo do morto “pratos cheios de viandas, e uma rede em que eles dormem, mui bem lavada. Isso porque creem, [...], que depois que morrem tornam a comer e descansar sobre a sepultura” (op. cit., pp. 38-39).

Encontramos outros exemplos de antropofagia no Brasil colonial nos relatos do padre José de Anchieta para os padres e irmãos da Companhia de Jesus em Portugal. As cartas do padre Anchieta foram escritas em 1555 e continham as seguintes informações:

---

<sup>22</sup> O endocanibalismo é a prática do canibalismo entre os indivíduos da mesma tribo; é o antônimo do exocanibalismo. O canibal é o animal que come outros indivíduos da mesma espécie (FERREIRA, 2010).

Piratininga [...], é por trezentas léguas povoada de índios que têm por sumo deleite comerem-se uns aos outros. E, muitas vezes, vão à guerra e, havendo andado mais de cem léguas, se cativam três ou quatro, regressam com eles, e com grandes festas e cantares os matam usando de muitas cerimônias gentílicas e assim os comem, bebendo muito vinho que fazem de raízes. E os miseráveis dos cativos se têm por mui honrados morrer morte que a seu parecer é muito gloriosa (ANCHIETA, 1555, In HUE, 2006, pp. 117-118).

As informações que Porro (1992, p. 37) baseado nos estudos de Heriarte (1975, p. 180) traz sobre a vida religiosa dos índios da Amazônia vêm pelas cartas dos primeiros cronistas que trazem dados sobre as cerimônias e rituais dos indígenas. Em relação às práticas funerárias a mais utilizada era a ingestão de cinzas do morto pelos familiares e amigos. Os índios Tapajós, por exemplo, colocavam o morto com o rosto coberto por uma máscara de tecido em uma cabana especialmente preparada para essas ocasiões, local em que eram colocados os bens pessoais do falecido, após a decomposição da carne os ossos eram moídos e deles se eram fabricados uma bebida. Baseado nos estudos de Bettendorff (1910, p. 354) o estudioso Porro (1992, p. 37) fala, ainda, de outra maneira dos gentios cultuarem seus mortos pelos idos do século XVII. Eles, os índios Tapajós, guardavam o corpo de um dos antepassados, os *Monhangarypy* – primeiro pai, já ressecado, pendurado na cumeeira<sup>23</sup> de uma casa como forma de túmulo, que por muitos anos ficava a receber honras por meio de ofertas e danças.

Outras formas de morrer e de cultuar seus mortos, também, foram encontradas no Brasil, no período do apogeu do colonialismo português, na região Norte do país. Nessas épocas ocorreram vários óbitos de pessoas durante exploração da borracha na Amazônia e nas primeiras tentativas de construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Segundo Teixeira (2009) o doente pressentindo a sua morte,

recolhia-se em seu quarto ou local de repouso e passava a ser assistido por parentes próximos e, residindo em alguma comunidade que dispusesse de um rezador ou benzedeira, por este, até o momento de sua passagem. A partir daí, iniciavam-se os preparatórios para seu velório e sepultamento [...] quando a morte é detectada, ainda durante os estágios finais da vida do moribundo, tem início o conjunto de rituais de morte. Um parente próximo do doente assume as tarefas de velar e cuidar dele até o último suspiro. Geralmente é uma mulher, uma filha, esposa ou mãe. Na medida em que a situação se agrava, são chamados os parentes e, ainda, caso exista nas proximidades, uma rezadeira ou benzedeira, que permanece ao lado do

<sup>23</sup> Cumeeira ou cume significa a parte mais alta do telhado de uma casa (FERREIRA, 2010, p. 213).

leito, deixando à disposição vela e crucifixo, ou ainda uma imagem ou quadro de santo, caso exista alguma dentro de casa (TEIXEIRA, 2009, p.6).

As primeiras atitudes para uma boa passagem do moribundo para o outro mundo eram providenciadas, segundo Teixeira (op. cit., p. 7), pelas mulheres que tinham a função de preparar o corpo do moribundo para o velório e o sepultamento. Esses eram os procedimentos sociais em relação à morte.

Durante o velório as rezadeiras ficavam encarregadas de proferirem um repertório de orações para o encaminhamento da alma do moribundo para o céu. Elas ficavam comprometidas em realizar as “preces finais, colocando uma vela na mão do moribundo, para que a luz eterna possa iluminá-lo, e ainda um crucifixo, para que ele esteja protegido no último combate pela salvação de sua alma” (op. cit., p. 7).

Reis (1997, pp. 106-107) assevera que no Brasil urbano do século XIX (1812 – 1885) a sociedade foi assistida de alguma forma pelos padres na hora da morte (apesar da existência de padres chamados pelo arcebispo da Bahia, d. Romualdo de Seixas de “indignos mercenários”), pois havia objetivos específicos a serem cumpridos, como por exemplo, nos doentes que não “tinham força para morrer”, esses precisavam de ajuda para abreviar a agonia da morte, neste caso era necessário acender velas, administrar beberagens e, aos presentes que assistiam o enfermo restava orar com fé para ajudar o moribundo a aceitar a morte e, deixar de forma pacífica o mundo dos vivos,

chegava um momento em que a agonia do doente exauria aqueles reunidos em volta dele, os quais, para aliviar a todos os presentes, inclusive o próprio doente, deixavam de pedir por sua saúde para solicitar sua morte. Nesse instante se reconhecia que o moribundo teria chegado a um estado de morto-vivo, uma zona liminar, perigosa, que precisava atravessar com urgência. Os vivos podiam ajudar com um empurrão final (REIS, 1997, p. 108).

Para Teixeira (2009) este momento final do moribundo era perigoso para o morto e para o vivo, algumas providências deveriam ser tomadas: dever-se-ia fechar a casa para evitar a penetração de maus espíritos que poderiam perturbar a passagem do moribundo para o além-túmulo de forma tranquila. Depois do falecimento, o corpo deveria ser,

lavado, higienizado e vestido, preferindo-se as cores escuras para os adultos casados e viúvos e cores claras ou roupas de anjinhos para as crianças. Quando não existem roupas específicas para o sepultamento, o morto é enterrado com qualquer outra, bastando que esteja limpa e engomada. Se não houver roupas próprias, estas serão oferecidas pela comunidade. É indispensável que o morto esteja calçado e que seu calçado esteja limpo. É costume beijar o solado do calçado do morto, a fim de que ele leve consigo a morte e o medo a ela associado (TEIXEIRA, 2009, p. 7).

O guarda roupa fúnebre era especial, em particular nos meios urbanos. [...] as roupas de uso vestiram apenas 13% dos mortos [...]. Os demais defuntos iam à sepultura vestidos principalmente de mortalhas de santos (57%) e em cores (13%). Entre as mortalhas de santos, destacavam-se, para as crianças, a de Nossa senhora da Conceição, para os adultos o hábito de santo Antonio. [...]. O interior fluminense [...], vestia seus escravos para morte sobretudo de branco (55%), fossem com mortalhas ou lençóis. [...] Mortalhas brancas de tecido de algodão ordinário eram populares entre africanos no Rio de Janeiro e em Salvador, pois o branco é a cor fúnebre de muitos grupos étnicos da África, como os nagôs, jejes, angolas, congos e os mulçumanos em geral (REIS, 1997, pp. 110-111).

Reis (1997) relata que “quando a morte chegava, muitos ritos domésticos eram imediatamente executados com o corpo do morto ou em torno dele, objetivando afastar os espíritos malignos e garantir uma partida tranquila para o defunto” (op. cit., p. 109) “rico ou pobre, carecia que até a hora do enterro o morto ficasse protegido pelo ambiente lutuoso, mas sobretudo por agentes do luto. Ele não podia ser deixado só, pois solitário tornava-se presa fácil de maus espíritos” (op. cit., p. 114).

Essa proteção humana que cercava a hora da morte, na antiga cultura funerária brasileira, representava para Reis (1997), uma sociedade pouco individualista em que a vida e a morte eram tidas como coletivas e, que a privacidade burguesa ainda não havia sido instaurada nessa época, mas alerta que o longo do século XIX se instalaria com características individuais a cada região, seja ela urbana ou rural do Brasil, onde o culto e o cuidado com o morto seria restrito apenas a família e amigos mais íntimos.

Para Reis (1997) o anúncio da morte em algumas regiões do nordeste do Brasil oitocentista era realizado pelas carpideiras que possuíam a função (remunerada) de prantear, em auto e bom som, a morte de um membro de sua comunidade. O pranto público de forma exagerada era realizado somente por mulheres e, quanto mais auto a choradeira dizia-se que mais importantes era o morto. Mas, essa forma de prantear o morto não era bem visto Igreja católica, segundo o padre pernambucano Lopes Gama (1832) “via nisso um costume indesejado, sem nenhuma vantagem para os mortos e que apenas se somava as

outras vaidades dos enlutados. Mas o costume, além de difundido, tinha funções rituais no catolicismo tradicional e resistia ao tempo” (REIS, 1997, p. 109).

#### 2.4.2. *Intermediação para a salvação do morto – A Encomendação das Almas.*

A Encomendação das Almas pode ser considerada uma herança dos tradicionais rituais de lamentação do mediterrâneo. Segundo Pedreira (2010b, p. 2), este ritual adentrou nas Américas, mas precisamente no Brasil, por meio do colonialismo português dos missionários jesuítas. Um relato da carta escrita pelo jesuíta Antonio Pires, em 2 de agosto de 1551, intitulada *Uma viagem da capitania de Pernambuco*, pode conter na minha opinião uma possível herança deixada pelos missionários jesuítas no Brasil, em relação ao ritual de lamentação,

Um dia, com grande urgência e eficácia, pediu o batismo, [...], e daí a seis ou sete dias adoeceu de câmaras; [...], e duas noites antes que morresse mandou chamar o padre Navarro para acompanhá-lo e **ensinar-lhe como havia de morrer**, e pedia-lhe que dissesse muitas vezes o nome de Jesus e o Santa Maria Nossa Senhora, e também dizia com o padre esses santos nomes até perder a fala, [...], e deu o espírito a Deus, estando o padre Navarro **dizendo missa por ele**, pelo que não pôde estar presente à sua morte (PIRES, 1551, In HUE, 2006, p. 49). (Grifo nosso).

Também são encontrados traços deste rito de encomendação nos escritos do Pe. João Felipe Bettendorff – 1627-1698 (1990, pp. 433-434) quando o mesmo comenta sobre a morte do gentílico Canariá, em Tabarapixy – Cabo do Norte em novembro de 1682. Canariá foi condenado a morte pelo capitão mór Antonio de Albuquerque, devido ter sido reconhecido como principal assassino do padre Antonio Pereira. O padre Aluizio Conrado teve a incumbência de preparar o índio Canariá para o batismo e a boa morte. E como diz Bettendorff (op. cit. p. 434) “encommendaram logo todos a alma a Deus, como bons christãos”.

Com isso o instruiu o Padre Aluizio em os mysterios de nossa fé e preparou-o com actos de fé, esperança e caridade, e arrependimento de suas culpas quanto bastava, no fim de tudo o baptisou, chamando-o Francisco Canariá. [...], morreu santamente, assistindo-lhe o padre e repetindo-lhe o santo nome de Jesus e Maria, até que disparada a peça, voou o corpo despedaçado pelos ares, e, como piamente se pode crêr, a alma para o Céu (op. cit., 1990, pp. 433-434).

Essa característica de lamentar ou encomendar o homem na eminência de uma morte próxima, ou o morto em missas no Brasil colonial muito se assemelha aos Rituais de Encomendação das Almas encontrados no Brasil entre os séculos XIX e XXI. Os rituais de lamentação ou encomendação possuem várias denominações no mundo. Sobral (2009, p. 4) revela que no Brasil, em grande parte do vale do Rio São Francisco e imediações, encontram-se indícios do ritual de lamentação, recomendação ou Encomendação das Almas. A historiadora relata que o antropólogo Donald Pierson encontrou sinais de existência dessa procissão, na região do vale do Rio São Francisco, datados do início dos anos 50.

O ritual de encomendação realizado no Vale do Rio São Francisco no período da Quaresma, é feito de curtas jornadas que, ao longo do trajeto, são feitas sete paradas em que são oferecidas orações semelhantes à executada na Via Sacra Católica. As preces pronunciadas são cantadas em vez de faladas; em determinados intervalos usa-se um instrumento musical chamado matraca que acompanha o som das vozes. Essa dedicação por parte dos encomendadores é considerada por Pierson (1971, p. 146) um esforço da parte dos vivos para auxiliar as almas dos mortos no purgatório. Essa característica de ajudar as almas perdidas assemelha-se muito à ritualística encontrada no Terno das Almas da Vila de Igatú de Chique-Chique no sertão baiano, principalmente “nas paradas, no uso da matraca, na tradição das preces cantadas [...] e no objetivo religioso, qual seja, auxiliar as almas dos mortos” (SOBRAL, 2009, p. 4).

O ritual de Encomendação das Almas já foi muito frequente no século XIX, mas, está em declínio neste século XXI. Entretanto, ainda pode ser encontrado em alguns municípios de Minas Gerais, como Caeté e Campo Belo (OLIVEIRA & ARAÚJO, 2011, p. 93). A Encomendação das Almas encontrada em Minas Gerais, no Brasil é um,

ritual religioso composto de cantos lamentosos, em que se reza pelas almas dos muitos tipos de morte que ainda necessitam de oração. Os participantes vestem-se de branco, cobrem a cabeça e comportam-se como penitentes. O ritual acontece à meia-noite, em todas as sextas-feiras da Quaresma e, ainda, nos dias da semana das dores e na quarta ou sexta-feira santa. O local de início e encerramento é o cemitério [...]. Pelo ritual revivem-se os sete passos da Paixão de Cristo. Durante a caminhada, as pessoas fazem orações e pedidos especiais para as almas dos amigos e parentes. Através dessas orações, as almas más são exorcizadas e as boas, celebradas com fé, por atenderem aos pedidos dos vivos (OLIVEIRA & ARAÚJO, 2011, p. 93).

Para Geraldês (2004), as tradições e os cultos Quaresmais são antecessores ao aparecimento do cristianismo (op. cit., p. 37). Dias e Dias (1953, p. 5) dizem que o ritual de Encomendação das Almas é, indiscutivelmente, um costume cristão misturado com alguns símbolos mágico-pagãos do povo, e admitem que a crença na sobrevivência após a morte possui característica antiga à crença pré-cristã.

Tanto os primitivos atuais como muitos povos da antiguidade criam que os mortos continuavam uma vida, de certo modo, semelhante à vida terrena. Os mortos tinham uma existência sobrenatural, mas em tudo idêntica à dos vivos; padeciam as mesmas necessidades, eram capazes de ódios e invejas, mas também eram dotados dum poder que é vedado aos vivos. Por isso era necessário acalmá-los ou captar-lhes a simpatia, mediante práticas mágicas, sobretudo de magia imitativa [...]. O cristianismo destruiu, em grande parte, esta crença primitiva (DIAS e DIAS 1953, pp.37, 38).

Brandão (2007a) referenda que no Brasil oitocentista havia frequentes rituais por mortos (conhecidos ou anônimos) e, que nos dias atuais, ainda, existem em algumas regiões brasileiras. Na cidade de Capela do Alto – São Paulo, no período da Quaresma e na Semana Santa, grupos de violeiros cantores encapuzados saem no meio da noite pelos bairros rurais tocando e batem na porta das casas solicitando orações pelos mortos que morreram afogados, atirados ou por outros tipos de morte. Os violeiros ficam à espera que os vivos sussurrem orações pelos mortos de dentro das suas casas, em agradecimento tocam, cantam “e saem em busca de outra casa, em um ritual de ‘encomendação de almas’ que termina cada dia ao nascer do sol” (op. cit., p. 344).

Nos idos dos anos 40-50, durante o período da Quaresma, era comum realizar a “Encomendação das Almas”, também conhecida como “lamentação” ou “reza” das almas. O rito de encomendação podia variar entre as regiões, mas as características principais eram preservadas, tais como: o momento de contato entre os vivos e os mortos e a reafirmação dos valores religiosos e sociais (GOMES & PEREIRA, 1994, p. 368).

Dentre os vários rituais de morte que existiram e ainda existem no mundo, destaco um rito em particular que acontece no Brasil, mais precisamente, na região da Amazônia, no estado do Pará – o Ritual de Encomendação das Almas, manifestação cultural religiosa que sobrevive através dos tempos no município de Oriximiná, o qual será mais detalhado no próximo capítulo intitulado: Educação e Saberes: A Epistemologia da Encomendação das Almas.

### Capítulo 3 – Educação e Saberes: A Epistemologia da Encomendação das Almas

*A cultura “está aí” em todas as dimensões da sociedade, como um conjunto complexo e diferenciado de teias – de símbolos e de significados – com as quais homens e mulheres criam entre si e para si mesmos sua própria vida social.*

Carlos Rodrigues Brandão (1995, p. 86).



Foto. 16. Encomendadores de Almas de Oriximiná – Pará.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Neste capítulo tracei uma Epistemologia da Encomendação das Almas presente em Oriximiná-Pará direcionando um breve olhar para a historiografia da origem do ritual no município oriximinaense, além de delinear um perfil do encomendador de almas com suas concepções sobre religiosidade e tudo que está inerente a ela, em busca de esclarecer os tipos de educação que emergem dessa manifestação e que saberes perpassam o rito.

O entrecruzar dos depoimentos dos encomendadores e dos moradores da cidade de Oriximiná com os ensinamentos dos teóricos da educação, imaginário, cultura e saberes alicerçaram este capítulo, o que me proporcionou uma base para a elucidação do processo de construção social e histórico da emergência dos saberes presentes na Encomendação das Almas. Além de proporcionar um esclarecimento de como ocorreu os processos de transmissão intergeracional dos saberes desse rito desde sua origem em Oriximiná até os dias atuais, século XXI.

Dessa forma, os depoimentos por mim colhidos adquirem *status* documental e passam a ser valorizados, pois no entendimento do estudioso Brandão (2007, p. 22) “nos depoimentos, o leitor encontra a poesia do dado puro, livre da maldição da análise” e que “o rigor da análise nunca roube do texto a própria vida das pessoas e dos fatos” (op. cit., p. 23). Assim, foi por meio das vozes dos rezadores oriximinaenses que visualizei os tipos de educação contidos no ritual de Encomendação das Almas e os saberes que perpassavam tal rito religioso.

### *3.1. Origem da Encomendação das Almas em Oriximiná - Pará: A propagação da cultura, do simbolismo e do imaginário caboclo.*

Segundo Soares (2007, p. 31) são poucos os registros na literatura sobre a origem do ritual dos “Encomendadores de Almas” na Amazônia. Contudo, há indícios de que tenha sido introduzido pelos frades franciscanos de Portugal, da ordem dos Capuchos da Piedade, que aportaram na Amazônia no final do século XVII, por volta do ano de 1693 com objetivo de evangelizar os gentios. A importância do trabalho missionário na Amazônia pode ser encontrada em alguns trechos de um documento datado de 1603, enviado à administração central do Estado Português:

A conversão dos índios é o maior serviço que se possa dar a Deus. A ação missionária é indispensável neste Estado e ela deve estender-se por toda parte. O capitão-ouvidor deve favorecer e ajudar os esforços dos missionários nestes rios. [...]. Este exemplo levará os índios a respeitar a Deus (HOORNAERT, 1992, p. 57).

Para Hoornaert (1992) após chegarem a Belém, os frades dirigiram-se para Gurupá, centro coordenador das atividades missionárias, expandindo rápido suas atividades pela região, como se pode comprovar pelas informações obtidas na Carta Régia de 19 de março de 1693 que versa sobre a divisão das localizações de cada ordem missionária na região amazônica.

Aos religiosos da Província da Piedade, que hão de assistir no Gurupá, mando assinalar por distrito todas as terras e aldeias, que estiverem junto da fortaleza e assim todas as demais terras, que ficam para cima da aldeia de Urubucuará e subindo o rio das Amazonas se compreenderão no seu distrito os rios do Xingu, das Trombetas, e do Gueriby, que têm muitas aldeias em paz, e muito mais por domesticar (HOORNAERT, 1992, p. 93).

De acordo com Ferreira Reis (1942, pp. 36-37), os frades da Piedade obtiveram êxito nas suas missões de evangelização dos gentios, explorando os rios, tais como o Trombetas e o Nhamundá. Reis fala sobre os documentos escritos por D. Frei João de São José Queiroz, então bispo do Pará, que dizem que somente em 1727, os franciscanos da ordem dos Capuchos da Piedade, conseguiram dominar os índios no Trombetas, a partir de então foram formados povoados e vilas que representavam a atuação dos frades, principalmente nas cidades de Monte Alegre (Gurupupatuba), Óbidos (Pauxys), Faro (Nhamundá), Porto de Mós (São Braz) e Alenquer (Sorobiú).



Imagem 2. Mapa Político do Estado do Pará. Localização das cidades de Oriximiná, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre e a Ilha Grande de Gurupá.

Fonte: BOCHICCHIO, 2003.

Em relação à criação da cidade de Oriximiná, me aproprio dos estudos de Tavares (2006, pp. 46-47), o qual nos revela que o padre José Nicolino, descendente da tribo indígena Uaboys da região do Alto Rio Nhamundá – município de Faro, lançou em 1877 uma expedição pelo Vale do Trombetas e seus afluentes com o objetivo de pregar a mensagem do evangelho aos habitantes dos grandes mocambos espalhados pela região, habitados por negros fugidos talvez de Gurupá e Xingu. Na manhã de 12 de junho de 1877 o referido padre chega a um pequeno povoado localizado às margens do rio Trombetas, em frente à foz do Rio Nhamundá, após limpar e delimitar a área marcou simbolicamente o local com uma cruz, dando

origem ao povoado de Santo Antonio de Uruá-tapera ou Mura-tapera, atual município de Oriximiná.

Por essas informações e pela localização atual das cidades conquistadas pelos frades, todas próximas à região de Oriximiná, levanto a hipótese que a cultura religiosa oriximinaense pode ter sofrido forte influência dos rituais católicos dos franciscanos da Piedade. De tal forma que a prática de Encomendação das Almas, nos dias de hoje, preservam traços de ritos católicos do passado, tais como as orações cantadas em uma analogia às missas em latim, a roupa e o manto brancos em alusão as batinas usadas pelos padres em eventos importantes, o sino ou campa que sinalizam o início do ritual de Encomendação das Almas, este, em referência ao sino da igreja convidando os fiéis à missa, a saudação e o respeito pelo cruzeiro do cemitério referendando a cruz que representa a igreja católica, as vela acesas para as almas em associação às velas acesas nos ritos católicos. Essas referências aos símbolos dos rituais católicos podem ser observadas na fala do encomendador Lauro Ribeiro de 77 anos.

*A minha equipe não tinha roupa específica, agora a do Germano tem, eles são mais antigos por estas bandas, eles se vestem de branco, mas nós tínhamos que usar a toalha branca (manto) pra cobrir a cabeça pra poder rezar, como os padres faziam antigamente, quando rezavam em latim [...] tudo isso serve para o povo saber que aquele é Encomendador das Almas como Jesus que usava o manto quando ia pregar e, os padres também, os padres vão celebrar a missa no tempo, não vão! Tem que botar a batina e o manto na cabeça pra poder rezar. O manto é uma forma de proteção, aquele manto está protegendo o rezador pra ele não errar, rezar tudo certo, cantar todas as letras e no tom certo. Por que se ele está rezando pras almas, então tem que respeitarem elas, se tu não respeitas acabar vendo alguma alma penada (Entrevista cedida por Lauro Ribeiro em abril de 2011).*

E na do rezador Mario Jorge Hipólito:

*Paramos somente nas casas que solicitaram a encomenda, mas quando a gente vê uma vela acesa na porta de uma casa, a gente para e reza para aquela alma que a família tá pedindo. [...] a vela acesa representa um pedido de oração, que naquela casa alguém morreu e que a família esta pedindo oração para ela, igual como a gente faz no dia de finados, a gente não acende velas para rezar pros mortos, pois é a gente faz a mesma coisa na Semana Santa, e gente a as pessoas que encomendam as rezas (Entrevista cedida por Mario Jorge em abril de 2011).*

Ou ainda, na fala do encomendador Germano Sousa:

*O sino serve pra dar o sinal que a gente chegou na frente da casa pra rezar pro pessoal que pediu que nem na missa, o sino da igreja não toca? Pois é! Quando a gente toca a campã no cemitério, na frente do serve pra avisar as almas que estamos lá para buscá-las e quando a gente toca na frente das casas avisa aos familiares que a gente chegou pra rezar pras almas solicitadas, nos estamos fazendo a nossa penitência (Entrevista cedida por Germano Sousa em abril de 2011).*

Observo nas falas dos encomendadores oriximinaenses três símbolos importantes do ritual: o manto, a vela e o sino todos possuem uma grande significação ritualística, daí estarem incorporados ao processo de Encomendação das Almas. O manto é dotado de um simbolismo que integra o ritual, pois contém a metamorfose pela qual sofre o homem comum e do povo. Ao colocar o manto o rezador passa a assumir perante aos olhos de todos os mortais a personalidade de um Encomendador de Almas, um intermediador divino que junto como as almas possuem a missão de levar as orações ao divino mestre da salvação, Deus. Ao se utilizar desse artifício, do ato de colocar o manto, o rezador passa a simbolizar também uma reflexão íntima do homem comum, que começa a imergir para dentro de si mesmo e conseqüentemente para junto de Deus em busca de conhecimentos que o elevem como ser humano. Portanto, vestir o manto se constitui um ritual para a aquisição da sabedoria, onde o rezador passa a assumir uma função, um papel que simboliza a absorção de conhecimentos que visa à melhoria de sua vida individual e da vida coletiva dos encomendadores por meio da religiosidade e da propagação da cultura e da manutenção da tradição do povo.

A vela é outro símbolo que perpassa a Encomendação das Almas, para os rezadores essa luz que é refletida pela chama da vela ilumina o verdadeiro caminho em que as almas devem seguir para chegar à salvação. Serve também como uma proteção e uma forma de saudação as Almas Benditas, os rezadores ao acenderem uma vela se envolvem de luz protetora que lhes conferem imunidade contra os maus espíritos e, assim podem se comunicar com as almas bondosas para solicitar ajuda e encaminhamento das almas sofredoras ao encontro com Deus.

O som do sino (campã ou sineta) tem o poder estruturante de exorcismo e de purificação, afronta as influências malignas ou a adverte da sua aproximação. Ele é outro símbolo da comunicação entre o Céu e a Terra, ao mesmo tempo em que entra em contato com o mundo subterrâneo, avisando por meio de sua sonoridade a chegada os intermediadores da salvação, os Encomendadores das Almas, evoca os mortos e junto com a simbologia da chama da vela mostra a esses um novo

caminho para a redenção de suas almas sofredoras. Os alertam que podem de acordo com o merecimento e a compreensão de seus pecados obterem o perdão divino, deixando de vez o purgatório e o inferno, rumo aos campos celestiais ganhando assim uma nova chance de renovação e a oportunidade de melhorar como ser humano em outro corpo e em outra de vida terrena, uma nova reencarnação.

Galvão (1976) e Maués (1990) em suas pesquisas sobre a religiosidade dos caboclos amazônidas afirmam que se perguntado a um pajé qual sua religião, automaticamente ele responderá que é a católico. Tal similaridade ocorreu nesta pesquisa, pois a grande maioria dos Encomendadores das Almas alegou também serem católicos praticantes, participantes das missas e dos folguedos relacionados ao Círio de Santo Antonio, padroeiro da cidade de Oriximiná, apenas um disse ter somente como religião a das almas. Para o encomendador Floriano Soares a Encomendação das Almas é uma religião pra quem a traz como uma tradição, dentro do coração e *“tem uma ligação com o catolicismo, pois uma parte dele, do ritual é representado no ensaio da Via Sacra, o martírio de Cristo, onde há um pedaço que pega as rezas das almas”*.

O rezador Abdias de Sousa quando indagado se o ritual pertencia a alguma religião responde,

*acho que pertence, é da religião católica. Ela reconhece a Encomendação das Almas, porque durante a semana tem missas. O padre fala durante a missa que antes a Semana Santa era mais respeitada que devemos respeitar as tradições da cidade.*

*Na exposição da Via Sacra da igreja eles falam dos Encomendadores das Almas, como uma tradição, um ritual que acontece na Semana Santa. No interior a gente participava com o pessoal da igreja católica na caminhada que faziam na Sexta-feira da Paixão, que é a procissão da Via Sacra, a gente ia cantando as nossas rezas durante todo o caminho (Entrevista cedida por Abdias de Sousa em abril de 2011).*

Apesar das afirmações feitas pelos encomendadores, a igreja católica, entretanto, não reconhece as práticas das encomendações das almas como católicas, pois de acordo com Cândia (2007) ausentou-se da participação do ritual já algum tempo. Porém, na exposição de 2011 sobre a Via Sacra Católica realizada no salão paroquial da Igreja Matriz durante a Semana Santa, encontrei um painel sobre os Encomendadores das Almas (o qual foi mostrado anteriormente nas fotos 3 e 4). Portanto, cria-se um conflito entre as concepções do catolicismo popular e o oficial

que precisam ser esclarecidos. Ressalto que não consegui obter informações por parte do representante local da igreja católica quanto ao reconhecimento ou não do ritual.

Dessa forma, digo que a cultura aqui representada expõe a mais profunda significação do que somos, pois ela é “como a natureza onde vivemos e de quem somos parte, também a cultura não é exterior a nós. A diferença está em que o ‘mundo da natureza’ nos antecede, enquanto o ‘mundo da cultura’ necessita de nós para ser criado” (op. cit., p. 22). Para tanto, cabe à cultura enquanto processo social a realização da ação, a representação do simbólico, pois “antes de ser memória, a cultura fala, classifica, estabelece pautas de legitimidade, orienta a conduta e significa a ação realizada” (op. cit., p. 230).

A possibilidade de enraizar no passado a experiência atual de um grupo se perfaz pelas mediações simbólicas. É o gesto, o canto, a dança, o rito, a oração, a fala que evoca, a fala que invoca. No mundo do arcaico tudo isto é fundamentalmente religião, vínculo do presente com o outrora-tornado-agora, laço da comunidade com as forças que criaram em outro tempo e que sustentam a sua identidade (BOSI, 1992, p.15).

Para Geertz (1989, pp. 103-104), os símbolos sagrados, ligados aos rituais, servem para “sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo”. Na crença e na prática religiosa, os valores de um povo ajudam demonstrar a vida de uma sociedade adaptada ao seu cotidiano.

A busca incessante por novas almas, como diz Loureiro (2001), assim como a propagação do catolicismo nas terras amazônicas recém-conquistadas e incentivadas pelo governo português, fez com que os padres convertessem o maior número possível de nativos ao catolicismo, introduzindo na cultura local, novos símbolos e mitos relacionados à religiosidade, à cultura e à moral. A estudiosa Josebel Akel Fares ao falar sobre religiosidades mestiças no prefácio do livro organizado por Oliveira (2008b) *Cartografias Saberes: Representações sobre práticas religiosas educativas populares* revela que o Ex-Padre Giovanni Gallo<sup>24</sup> ao presenciar um ritual de pajelança, observou que lá se encontravam “coroinhas, puxadores de terço, muitos paroquianos: ‘A casa está cheia de devotos. Encontro

---

<sup>24</sup> Para a estudiosa Josebel Akel Feres, o italiano Giovanni Gallo foi o criador do museu do Marajó, em Santa Cruz do Arari e, por problemas políticos foi transferido para Cachoeira do Arari no Marajó, estado do Pará (nota da autora).

todos os que aparecem na minha missa. Quem puxa a reza lá, puxa a toada aqui. Deus é grande” (op. cit., p. 5). Tal sincretismo religioso em relação aos símbolos e ao imaginário pode ser observados, no meu ponto de vista, na Encomendação das Almas de Oriximiná, principalmente nas falas dos encomendadores, quando estes fazem analogias aos ritos da igreja católica e ao respeito em relação aos elementos utilizados no ritual, bem como o respeito e a fé dos rezadores durante a realização de suas penitências com as almas e com os preceitos da fé católica.

Para o encomendador Raimundo Elói o respeito durante as rezas é importante, pois Deus está ouvindo as orações e as almas também, afinal, a encomendação é para salvar as almas do sofrimento. Caso ocorra desrespeito durante o processo por parte da população e até mesmo por parte de um encomendador, ambos poderão receber reprimenda das almas.

*Olha! Antigamente eu ouvi falar por um tio meu que as pessoas não abriam a porta e nem a janela com medo de elas enxergarem alguma alma penada. Esse meu tio me contou que uma vez que eles foram rezar logo depois que eles acabaram e iam saindo à dona da casa foi abrir a porta e ela viu uma procissão em frente da casa dela, aí uma pessoa dessa procissão deu pra ela uma vela acesa [...], a mulher agarrou a vela, apagou e guardou em cima de uma mesa [...] quando foi de manhã à mulher foi rezar e viu em cima da mesa uma canela, um osso [...] é isso que significa não poder abrir as portas e as janelas, é pra não ver coisa ruim ou alma dos que já morreram (Entrevista cedida por Raimundo Elói em abril de 2011).*

O rezador Abdias Sousa, Padre do grupo Fé em Deus, nos relata que muitas pessoas gostam de ver os encomendadores das almas passarem pelas ruas da cidade, mas que outras não, talvez por medo ou desconhecimento do ritual de encomendar almas. Ao acompanhar esses encomendadores logo na saída do cemitério Nossa Senhora das Dores, no primeiro dia do ritual, observei que algumas senhoras pararam o grupo para solicitar orações e dizer que estavam esperando eles por esses dias nas suas casas. Outras senhoras que estavam em frente de suas casas localizadas no percurso dos encomendadores, faziam o sinal da cruz e abaixavam a cabeça. Perguntei para uma delas por que ela faziam isso, a mesma me respondeu que era em respeito a tradição da região, ao grupo e às almas, pois aprendeu com sua mãe que não devia olhar para os encomendadores diretamente, pois corria o risco de ver alma penada ou outra coisa mais feia.

Essa estrutura social que vemos manifestada pelos moradores de Oriximiná, em relação aos Encomendadores das Almas e a ritualística em si,

representam uma conjuntura de relações tipificadas da vida cotidiana, bem como nos mostra um relacionamento estabelecido entre antepassados contemporâneos, e sucessores. De acordo com Berger e Luckmann (2003), as experiências do indivíduo se associam às instituições. Essa interação, entre experiência e instituição, objetiva obter uma significação que deve ser compartilhada socialmente, sendo desta forma, transformada em regras institucionais e organizacionais em que os procedimentos adotados podem ser utilizados como instrumentos para justificar o conhecimento e as ações do homem. Portanto,

as instituições incorporam-se à experiência do indivíduo por meio dos papéis. Estes, linguisticamente objetivados, são um ingrediente essencial do mundo objetivamente acessível de qualquer sociedade. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele (BERGER e LUCKMANN, 2003, p. 103).

Dessa forma, baseado nos ensinamentos de Berger e Luckmann (2003) se concebe que o mundo da vida real e cotidiana do Encomendadores das Almas com a sociedade torna-se foco de uma interpretação dos seres humanos que lhe conferem significado e sentido, de tal maneira que a consciência do sujeito dirige-se continuamente em direção aos objetos físicos e/ou interiores de suas vidas de forma intencional. Dessa realidade da vida e do cotidiano emerge a consciência de forma determinada e simbolicamente ordenada pela linguagem, marcando uma fase decisiva na socialização.

Outro ponto de vista esta apoiado em Soares (2007, p. 32) quando referenda que essa conduta respeitosa da sociedade e dos encomendadores está alicerçada pelo catolicismo introduzido durante o período de colonização da região amazônica e que esses novos elementos ocidentais no “imaginário indígena [...] passariam a compor, no processo de assimilação cultural, os fundamentos da cultura própria da expressão amazônica cabocla”. A autora ainda revela que esses novos elementos introduzidos pelos missionários no imaginário religioso dos caboclos amazônidas podem ser transfigurados e exemplificados em símbolos e mitos encontrados no ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná, tais como o purgatório, a vela, a vestimenta, o manto, a obrigação de ser encomendador por sete anos. Ouso acrescentar o cruzeiro, a comida, a bebida, a transmissão oral das orações, além da crença da existência das almas e da punição, caso faltem com respeito às

sacramentos da igreja, ou neste caso, com o rito de encomendar as almas. Um exemplo de mito inserido na cultura local pode ser encontrado nos depoimentos dos encomendadores de Oriximiná quando falam da existência de visagens e das almas penadas.

*Eu já vi, um ano que a gente estava rezando, faz mais de vinte anos, a gente estava rezando em uma casa lá pras bandas do Perpétuo Socorro. Eu sentir me baterem no ombro, eu não liguei, aí me bateu do outro lado, eu virei a cabeça e olhei pela beira do olho, não virei o corpo todo, eu pressenti que era uma mulher, ela estava toda de roupa branca e com o cabelo solto e comprido todo espalhado na frente, só aparecia um pedacinho do rosto. Quando nós paramos de rezar, eu virei pra olhar não vi mais ninguém. Quando eu vi primeiro ela não falou nada, só estava olhando, depois sumiu. Pra mim era uma alma que estava nos acompanhando querendo as orações.*

*Tem outra, que aconteceu aqui na Cidade Nova, faz uns quatro pra cinco anos, à gente estava rezando na frente de uma casa, estava uma turma lá, estava à dona Mariana<sup>25</sup>, estava o pessoal da cultura<sup>26</sup>. Eles começaram atirar foto de todos nós e, a dona Mariana veio por trás de nós e tirou uma foto para aparecer à frente da casa, acabou tudo e nos voltamos para a nossa casa.*

*De manhã a dona Mariana veio mostrar a foto pra nós, porque apareceu um vulto de um homem todo de branco, sem toalha na cabeça ela estava caída nos ombros dele e ele estava sentado na nossa frente nos olhando bem do meu lado. Não era nenhum de nós, não. Eu acho que era umas almas que estava acompanhando a gente, nós temos a foto aí, a senhora quer vê? (Entrevista cedida por Abdias de Sousa em abril de 2011).*

---

<sup>25</sup> Antropóloga Mariana Pettersen Soares, Mestre em Ciência da Arte, realizou um trabalho de pesquisa por ± 3 anos com os encomendadores de Oriximiná, pesquisa que originou sua dissertação de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte da Universidade Federal Fluminense em 2007 (nota da autora).

<sup>26</sup> Casa da Cultura está vinculada a Secretaria de Cultura do município de Oriximiná (nota da autora).



Foto 17 – O vulto do homem sentado sem a toalha branca na cabeça, no lado direito da foto, representa na concepção do senhor Abdias uma alma que estava acompanhando o ritual.  
Fonte: Arquivo pessoal do Grupo Fé em Deus – Oriximiná, Pará, 2007.

Essa influência do catolicismo que Soares (2007) diz estar presente no imaginário dos caboclos amazônidas, Galvão (1976, p. 66) também acredita existir, pois para ele algumas crenças caboclas podem ter sido derivadas de tradições europeias ou dos ancestrais ameríndios, sendo conservadas e transmitidas pelos padres e pelos colonizadores dos povoados ou vilas no interior das florestas, ou ainda, trazidas pelos escravos africanos que também compunham a comitiva invasora no momento da colonização da Amazônia, ou até mesmo pode ter sofrido influências dos imigrantes recentes. O mais importante é que “essas crenças se modificaram e se fundiram ao catolicismo constituindo a religião do caboclo” (op. cit., p. 66).

Este conjunto de símbolos, mitos, práticas ritualísticas não precisa existir por séculos para ser considerado tradicional. Para Loureiro (1995, pp. 56-57) basta eles possuírem uma ligação dos seres entre si com o imaginário local, indicando uma íntima relação do homem com a sua realidade, “o que se percebe é que as circunstâncias da vida amazônica vêm regulando peculiares relações entre os homens e com o meio” (LOUREIRO, 1995, pp. 56-57).

Esse mergulho na realidade e no imaginário dos encomendadores me fez refletir sobre os ensinamentos de Carvalho (2006, p. 127) baseados em Marcel

Postic (1993) quando fala do imaginário social. Para a autora, “imaginar é evocar seres, e ao mesmo tempo colocá-los em uma determinada situação, e fazê-los viver como se quer. É criar um mundo, de acordo com sua vontade, libertando-se de certas amarras, e onde tudo é possível acontecer” (op. cit., p. 127), pois na vida do dia a dia, imaginar, é um ato que corre paralelo a uma ação ligada à realidade. É esse imaginar entre ação e realidade que é observado nos rezadores de Oriximiná, afinal eles acreditam nos seus credos, tanto que ficam contratados com as almas por um período de sete anos, os quais são cumpridos fielmente com todos os ritos impostos pela tradição da Encomendação das Almas, bem como o respeito que se deve ter para com Deus e com as Almas Benditas. Pelo menos é o que crê o rezador Raimundo Elói.

*O meu tio me disse que quando a gente aceita ser um Encomendador de Almas a gente faz um contrato com as almas, com as sete Almas que a gente reza no Pai e Nosso (Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, pras almas santas benditas, as necessitadas, as do purgatório, em pecado mortal, nas ondas do mar e as almas de pai e mãe) e que depois dos sete anos o contrato se desfaz e a gente tá livre pra ir embora ou continuar rezando por elas, o que normalmente acontece. A maioria das vezes a gente entra devido um pedido feito pra que elas, as almas benditas, nos ajudem, pois são as únicas em condições de ajudar a nos a obter algo, proteção e saúde, por exemplo. Aquelas pessoas que desistem antes dos sete anos não vivem bem, não. Eu sempre ousou falar que as pessoas que abandonaram vez por outras são perseguidos por elas que ficam cobrando as orações prometidas e eles têm que dar o jeito deles de se livrar do contrato e só há um meio disso, cumprir os sete anos prometido se não vão ter uma vida muito sofrida mesmo (Entrevista cedida por Raimundo Elói em abril de 2011).*

Esse novo ritual caboclo surgido do sincretismo de ritos africanos, católicos e indígenas, segundo Galvão (1976) passou a ser rica em lendas, mitos e superstições onde a noção do bem e do mal, permitido e proibido, luz e treva, céu e inferno, seres amigos e seres inimigos, almas benditas e almas sofredoras, sagrado e profano passaram a ser bem definidas e respeitadas pelos amazônidas. Esse aspecto sincrético religioso se vê entre os encomendadores de Oriximiná, por meio do respeito pelas almas, pois o contrato alinhavado com elas deve ser cumprido, é uma obrigação que deve ser honrada. Essa penitência só termina após os setes anos de efetiva participação no ritual de Encomendação das Almas ou deve ser realizado pela vida toda, se o contrato for feito com as almas Benditas para pedir proteção individual. Caso contrário os rezadores ou o devoto das almas ficam passíveis de sofrer punições se houver quebra do contrato firmado.

Em relação ao vínculo eterno com as Almas Benditas, em troca de favores das almas, o rezador Raimundo Elói acrescenta:

*Nós temos uma afinidade muito particular com as almas Benditas, porque a gente faz um contrato com elas pra rezar toda segunda-feira e acender uma vela pra elas ajudar a gente, agora não é muito bom, porque quando for pra ti morrer tem que ter uma pessoa que saiba a reza delas, o Ofício das Almas Benditas, ele aqui não sabe (Floriano) tenho certeza que não sabe, só quem sabia era o pai dele (Antonio Roque) e um senhor que mora ali pra cima que sabe o ofício das Almas.*

*Se não rezar quando ele tiver moribundo, a alma dele vai e volta, vai e volta, agora rezou pronto, quem rezou da às costas e a pessoa se aquieta, vai e morre. Por isso eu digo que não presta fazer contrato com as almas, só faz quem é fiel e tem alguém sabendo disso.*

*O lado bom é que quando vai acontecer alguma coisa com a gente elas vêm e avisam. Elas vêm de noite e avisam “olha, não vai pra tal parte que vai acontecer isso e elas descrevem tudinho”.*

*Todo mundo pode fazer contrato com as almas, só basta querer, ter coragem e ter responsabilidade com as suas obrigações, não é restrito só as rezadores não, o contrato se resume assim, sempre que eu estiver em perigo elas vem me avisar e em troca eu rezo Ofício das Almas Benditas e acendo velas para elas todas as segundas-feiras até o fim da vida, já o Encomendador de Almas tem a obrigação de rezar pra elas somente na Semana Santa e por sete anos, mas depois se quiser pode continuar rezando (Entrevista cedida por Raimundo Elói em abril de 2011).*

Quanto ao contrato com as almas ou com os santos, em troca de benefícios particulares, Soares (2007, pp. 73-73) referenda baseada nos estudos de Reis (1991) que no período de 1800-1836, crescia no Brasil a prática de solicitar ou encomendar missas para os familiares como uma forma de solidariedade dos vivos para com os mortos. Para a autora as missas ocorridas na Bahia nessa época eram intermediadas pelos santos católicos e tinham destinatários certos, as almas dos familiares, “com exceção dos ex-escravos que lembravam as almas do purgatório. Segundo Reis, pode-se supor que isso talvez ocorresse pelo fato deles fazerem ‘uma associação entre a experiência do Purgatório e da escravidão’” (op. cit., p. 217).

Já os Encomendadores das Almas de Oriximiná, parecem rezar, tendo como base os próprios depoimentos, por todas as almas, desde as benditas até as que estão sofrendo. Nesse caso os encomendadores acreditam existir almas de pessoas mortas<sup>27</sup> em outros planos de existência que possuem índoles bondosas, o que

<sup>27</sup> Vale ressaltar que neste caso as almas de pessoas mortas nada mais é que a crença da existência do corpo espiritual em outro plano/lugar/espaço, o qual não é definido claramente pelos rezadores. Para os encomendadores de Oriximiná as almas podem ser bondosas, pois durante sua existência na Terra foram exemplos de virtudes e até de sacrifícios, tornando-se igualmente aos santos católicos mártires da fé. Mas, se possuírem índole maldosa durante sua existência terrena, ao morrem não

favorece uma melhor intermediação das preces com Deus para a salvação das almas dos mortos que estão sofrendo por não terem sido corretas enquanto vivas ou por não terem sido merecedoras da salvação na passagem para a morte.

Soares (2007, p. 72) levanta a hipótese de que talvez isso ocorra porque os rezadores não estão à beira da morte. Tendo como base o depoimento acima descrito, do rezador Raimundo Elói, contratar as almas por toda vida requer ter consciência da responsabilidade, ter conhecimento do Ofício das Almas Benditas e estar ciente do compromisso de acender uma vela e rezar por elas todas as segundas-feiras, pois caso haja falha neste rito ocorrerá ruptura do contrato sendo o contratante passível de punições das almas. O encomendador ressalta que é necessário que outra pessoa saiba desse contrato particular, assim como terá que saber rezar o Ofício, pois se o contratante ficar doente, a beira da morte, esse conhecedor do acordo tem a função de liberar a alma do moribundo para o descanso em paz. Caso contrário, o contratante fica a mercê das almas no momento do seu falecimento e não consegue se desprender do corpo físico.

Tais concepções me fazem crer que o homem de uma forma inata acredita que a morte não é o último ato da existência humana, pois crê que aquele por quem chora não está perdido para sempre, de uma forma empírica tem a intuição que os mortos existem em outra dimensão, o que para muitos é impossível existir além do plano terreno. Talvez as ladainhas proferidas pelos encomendadores seja, também, uma forma de intermediar uma futura passagem para o mundo espiritual, pois eles acreditam que se forem solidários, caridosos, benevolentes como os mortos, proporcionaram uma espécie de bônus hora que tem por objetivo estabelecer um passe tranquilo entre o mundo dos vivos e os dos mortos, bônus que utilizaram quando chegar o momento de se desligar da matéria (morrer).

Percebe-se, também, que os santos são peças importantes na intermediação da salvação das almas ocorrida em Oriximiná. Tal fato pôde ser observado na análise das orações pronunciadas durante o ritual. Os achados encontrados nesta pesquisa coadunam com os estudos de Soares (op. cit., p. 72) em que a autora revela que as missas ocorridas na Bahia afirmam que a “virgem Maria era um dos

---

serão salvas e poderão coabitar o inferno ou o purgatório necessitando nestes casos de uma intermediação de salvação perante Deus, talvez essa possa ser proferida por meio das orações dos encomendadores que acreditam que seus louvores servem para a salvação das almas ou do corpo espiritual dos mortos sofredores e perdidos (nota da autora).

santos mais pedidos na hora da morte<sup>28</sup>. No caso do ritual em Oriximiná, percebe-se nas letras das rezas e ladainhas que a Virgem Maria também é muito invocada, assim como Jesus Cristo”.

Outra hipótese a ser levantada na crença dos santos como intermediadores da salvação se encontra nos estudos de Oliveira e Araújo (2011, pp. 81-82). Esses autores alertam que para o catolicismo popular latino-americano os santos são reconhecidos como *peessoas*, ou seja, divindades dotadas de “liberdade, vontade e capazes de se relacionarem. São habitantes do *céu* e, por estarem junto a Deus, gozam de certos poderes sobrenaturais” (op. cit., p. 81). Eles interligam a terra e o céu de modo particular, pois antes de estarem no paraíso foram santificados na terra. Esse prévio conhecimento dos santos facilita a intermediação dos que continuam vivos na terra com Deus, pois eles conhecem as mazelas humanas e como dizem os autores “o fazem com conhecimento de causa: tendo vivido aqui, conhecem bem a luta diária, as fragilidades e os dramas da vida humana” (op. cit., p. 82).

Para Maués e Villacorta (1998, p. 10) os santos católicos são tão importantes no imaginário popular do caboclo amazônida que estão presentes na maioria dos rituais populares sejam eles xamanísticos ou não. Para os autores,

uma típica sessão de cura é realizada à noite, [...] começando por volta de 8 horas e prolongando-se às vezes até a madrugada do dia seguinte. O pajé inicia a sessão fazendo orações católicas diante de imagens de santos e ‘entregando’ seu espírito a Deus (MAUÉS; VILLACORTA, 1998, p. 10).

Tal como foi observado na Encomendação das Almas de Oriximiná, o rito também se inicia cedo, mais ou menos às nove horas da noite e só termina próximo ao nascer do sol, por volta das quatro ou cinco horas da manhã. Também são proferidas orações ou ladainhas de cunho católico em que as divindades ou santos católicos são aclamados e chamados para intermediar as Encomendações das Almas. Fato que pode ser observado em alguns trechos das ladainhas, tais como:

---

<sup>28</sup> Segundo Reis, “O apelo à Virgem Mãe parece ter sido generalizado na cristandade, como p.ex., entre os parisienses do séc. XVI estudados por Chaunu” (REIS, 1991, p. 223).

**Salve a Cruz Bendita**<sup>29</sup>

*Deus vos salve! Oh, Cruz Bendita,  
Dentro de um campo sereno,  
Onde foi crucificado,  
O Jesus e nazareno.*

E na ladainha,

**Bendito Seja o Rosário de Maria**<sup>30</sup>

*Bendito, Louvado Seja  
O Rosário de Maria!  
Se ela não viesse ao mundo,  
Ó de nós, o que seria!  
Se ela não viesse ao mundo,  
Ó de nós, o que seria!  
[...]  
Senhora do Remédio  
Mandou-me um recado  
Que nunca esquecesse  
Do Bendito e Louvado!  
Que nunca esquecesse  
Do Bendito e Louvado!*

Quanto ao ritual na região, percebo que por ser antiga, a Encomendação das Almas é considerada uma tradição popular da cidade, pelo menos assim consideram os rezadores locais. Acredito que uma educação que vem do povo está impregnada de lutas e transformações que moldam a valorização do saber inerente da população, saber esse que independente da desigualdade social “incorpora um saber como ferramenta de libertação” (BRANDÃO, 2006, p. 85), levando o saber

---

<sup>29</sup> A importância dos símbolos católicos nas ladainhas proferidas pelos encomendadores significa a meu ver uma relação íntima dos rezadores com o catolicismo ou até mesmo um resquício da colonização onde predominava a imposição da religião católica nos caboclos amazônida. A Cruz Bendita representa ao mesmo tempo um instrumento da fé católica para a salvação da humanidade dos pecados mortais, assim como, o martírio de Jesus. Essa salvação dos homens só foi possível porque Jesus, o cordeiro de Deus foi martirizado e morto, limpando com o seu sangue a Terra de todos os pecados humanos. Após a crucificação Jesus pode ascender aos céus para se tornar um novo símbolo de fé, o salvador nazareno. A cruz passa a ter um poder simbólico muito grande para a fé católica e, na minha concepção para os encomendadores, pois significa elemento da redenção da humanidade e das almas por meio do sofrimento de Jesus, por este motivo a cruz e o Jesus Nazareno passam a símbolos constituintes de salvação e fazem parte das ladainhas proferidas na Encomendação das Almas (nota da autora).

<sup>30</sup> Na ladainha, *Bendito Seja o Rosário de Maria*, observo o surgimento de outro símbolo de salvação, pois de forma subjetiva os encomendadores de Oriximiná rogam a Maria, a mãe de Jesus e de todos os homens, que essa seja a intermediadora das almas e da humanidade perante Deus. Esse novo percurso utilizado pelo fiel caracteriza uma busca da salvação pela fé em Maria, pois esse acredita na capacidade dela como grande advogada dos aflitos, e desse modo o fiel poderá obter a redenção das almas pecadoras e o conforto aos homens diante da morte (nota da autora).

popular a um *status* de saber formal, onde as práticas cotidianas ricas em processos educativos e saberes do senso comum representam o povo e, trazem a tona uma sapiência secular baseada na cultura e na tradição popular. O que pode ser confirmado pelas palavras do secretário de cultura Cleonis Batistas de Farias (foto 18).

*Não só considero uma tradição popular como nós estamos resgatando um trabalho de valorização com os Encomendadores de Almas que estão presentes aqui na nossa região de Oriximiná desde o século XIX.*

*O governo municipal sempre deu total incentivo para que nos priorizássemos isso, no ano de 2010 nos buscamos vários grupos que já não estavam ativos e neste ano de 2011 resgatamos mais um grupo e, todos eles estão fazendo essa peregrinação com o objetivo de realizar esta cultura tão particular e tradicional daqui de nossa região.*

*A secretaria de Cultura fomenta essa política porque achamos que é de suma importância essa tradição religiosa para o município de Oriximiná e para o Brasil inteiro, nos temos várias pesquisas que indicam que aqui é um dos poucos municípios do país que ainda tem essa tradição secular (Entrevista cedida por Cleonis Farias em abril de 2011).*



Foto 18. Cleonis Batistas de Farias - Secretário de Cultura de Oriximiná em 2011.

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Quando o secretário Cleonis Farias revela que a Encomendação das Almas é uma tradição particular da região oriximinaense, o mesmo toma como base alguns estudos feitos pela Secretaria de Cultura de Oriximiná na sua gestão que revelam que esse ritual, atualmente, só existe na região norte com essas características particulares (homens, roupas brancas, uso do sino, manto na cabeça, entre outros)

na cidade de Oriximiná e, que o mesmo vem se perpetuando ao longo do tempo devido o repasse do conhecimento entre as gerações de encomendadores de forma familiar e pela oralidade.

Todavia, para Cândia (2007, pp. 7-8) a carência de registros sobre a história dessa manifestação no município, “impede de qualquer aprofundamento histórico” sobre o ritual na localidade. Essa falta de dados sobre a história do ritual pôde ser observada durante a pesquisa na fala de Floriano Soares ao afirmar que biblioteca da cidade oferece poucos recursos à pesquisa.

*Até meu sobrinho ontem estava falando pra gente que na biblioteca da cidade tem pouca coisa. Ele disse que foi emprestar um livro, um histórico sobre a Encomendação das Almas e eles disseram que não poderiam, pois o livro tinha sido doado pela Cultura, e que ele tinha que fazer procuração dos Encomendadores das Almas pra que liberasse pra ele o livro porque eles não poderiam liberar aquele de lá, porque só tinha um exemplar, então ele tinha que pedir força pra gente pra ele fazer aquele trabalho dele, se ele quisesse saber mais sobre a Encomendação das Almas, e não quiseram que ele fizesse a pesquisa com o livro que tinha lá porque não podiam emprestar pra ele trazer para casa. Eu falei pra ele que quando ele precisasse ele poderia ir lá em casa ver o livro e me fazer as perguntas que quisesse, se eu soubesse eu responderia (entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

Porém, o secretário de cultura de Oriximiná, Cleonis Farias, quando questionado sobre o que estaria sendo feito pela gestão do seu partido quanto ao interesse em se obter publicações de mais livros ou artigos que falem sobre o assunto, além de se fazer uma maior divulgação dessa tradição nas escolas, haja vista existência de apenas dois livros publicados sobre a Encomendação das Almas de Oriximiná, um dando enfoque às ladainhas cantadas durante o ritual, e, o outro, se reportando à cultura local, citando em apenas um parágrafo o ritual. O secretário argumentou que tudo vem sendo feito pela atual gestão para sanar esse impasse da falta de livros e que pesquisas vêm sendo realizadas pela Secretária de Cultura sobre a cultura local e a valorização das tradições do povo oriximinaense, como no caso o ritual de Encomendação das Almas.

Dessa forma, levanto a hipótese de que por ser uma tradição cultural passada pela oralidade por meio dos encomendadores, talvez esse fato seja um dos motivos referente a pouca literatura sobre o assunto, tal como a falta ou a pouca divulgação desse ritual secular no âmbito escolar e social por outras gestões do município. Em uma pesquisa que Pádua realizou em 2007 ressaltou-se que o conteúdo ministrado

nas escolas de Oriximiná não valorizava o ritual e que muitas pessoas desconheciam a Encomendação das Almas como uma tradição popular e cultural da cidade. Para o secretário, essa questão dependia da gestão política em que estava inserida a Educação do momento – referindo-se aos estudos de Pádua (2007).

*Isso depende muito da gestão onde esta inserida a educação, pelo que eu estou sabendo, o que está programado para os anos de 2011 e 2012 é que não só a cultura religiosa como também a cultura musical estão inseridas no contexto escolar, sendo estas inseridas em temas transversais de todos os colégios do município. Esse fato pra nos já é realmente um sinal que a cultura está inserida dentro da educação. Afirmo que a nossa cultura religiosa, não só dos encomendadores como, também, o Círio de Santo Antonio vão estar no contexto para os temas transversais da educação das escolas do município para o segundo semestre de 2011 e para o ano de 2012 (Entrevista cedida pelo secretário de Cultura Cleonis Farias em abril de 2011).*

Apesar da falta de livros, artigos ou pesquisas relacionadas ao tema na região oriximinaense, chego a conclusão que a Encomendação das Almas possui provavelmente suas raízes vinculadas à colonização da região, especificamente na Região Norte, pois a colonização interiorana foi marcada pela presença dos missionários católicos, aos quais se credita a introdução desse ritual na Amazônia.

Dados que coadunam com as pesquisas de Soares (2007) e de Câncio (2007) ao falarem que a origem dessa expressão religiosa confunde-se com o processo de colonização da Amazônia pelos missionários Capuchos da Piedade que adentraram cada vez mais ao interior da Amazônia. E que a Encomendação das Almas de Oriximiná teve origem na região interiorana do município, nas comunidades ribeirinhas, como por exemplo, de Acapu, Iripixi e Cachoeri<sup>31</sup>. Quanto a exploração da Amazônia Gruzinski (2001, p. 34) afirma que as extensões gigantescas dessa terra despertaram a curiosidade dos europeus, pois os “exploradores [...] e missionários, em busca de almas a salvar, de eldorados a conquistar ou de escravos a apresar, deixaram inúmeros testemunhos”.

Testemunhos esses que ecoaram pelo tempo até os dias atuais, a maioria dos encomendadores entrevistados também dizem que este ritual surgiu primeiro no interior de Oriximiná, nas comunidades ribeirinhas, entre os moradores próximos do

---

<sup>31</sup> O município de Oriximiná possui uma bela natureza nativa, é margeado por lagos e rios, dentre eles estão os rios Acapú e o Cachoeiri que serve de limite natural para fronteira do Estado do Pará com Estado do Amazonas. O lago Iripixi é um dos mais importantes da região devido a sua extensão, o volume de água, os acessos e a navegabilidade, além da expressão econômica (nota da autora).

lago Sapucuá e somente depois foi trazido para a cidade de Oriximiná. É o que afirma Floriano Soares:

*A encomendação começou lá no interior, no Acapú, só era o grupo do papai que existia, nos rezávamos nas comunidades de Acapú e Jarauacá<sup>32</sup> comunidade vizinha, foi o tempo em que nos mudamos pra cá pra cidade (Oriximiná) em 1994 e nos ficamos aqui (entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

E Raimundo Elói,

*quando eu me entendi já existia isso e, eu não sei da onde veio, o primeiro contato que eu tive foi com os meus tios lá no Rio Cachoeri em meados de 1959, eu me criei lá, me lembro de que quando eu contava com a idade de oito anos eu já via existir a Encomendação das Almas que os meus tios rezavam.*

*Um deles morreu com 96 anos e eles já sabiam e aprenderam com os pais deles. Hoje eu tenho 59 anos por aí a senhora tira que rezar pras almas aqui em Oriximiná e no interior é bastante antigo. Quando eu vim pra cá fui morar lá no Iripixi foi quando eu participei do meu primeiro grupo de encomendadores que foi do Felipe, eu contava com 35 anos (entrevista cedida por Raimundo Elói em abril de 2011).*

Para Loureiro (1995, pp. 30), a cultura amazônica é representada na maioria das vezes e mantida pelos caboclos, mesmo nas cidades, na tentativa de manter a origem cultural. A cultura rural é expressamente representada pela cultura ribeirinha “seja quanto aos seus traços de originalidade, seja como produto da acumulação de experiências sociais e da criatividade dos seus habitantes” (op. cit., p. 55). Carvalho (2006, p. 5) afirma que “o caboclo ribeirinho, enquanto caboclo amazônico, ainda consegue manter vivo diversos aspectos de sua cultura nativa, que pode ser observado no seu modo de ser e de viver.” E que mesmo atualmente o caboclo conserva os valores e os conhecimentos passados pelos seus antepassados, pais ou avós, pois “é um aprendizado herdado pela oralidade, e por um acúmulo de experiências” (op. cit., p. 6).

Essa relação intergeracional que Carvalho afirma existir no repasse de conhecimento pelo caboclo ribeirinho pode ser encontrada nas palavras de Abdias de Sousa quando fala sobre quantas gerações de sua família participaram ou ainda participam do ritual de Encomendação das Almas.

---

<sup>32</sup> A comunidade de Jarauacá localiza-se em Oriximiná na região do Pará conhecida como Baixo Amazonas. É uma das 60 comunidades registradas pela comissão pró-índio de São Paulo com a existência de remanescentes de quilombos na região, há ainda remanescentes localizados nos municípios de Óbidos, Santarém, Alenquer e Monte Alegre (nota da autora).

*Um das quatro, meu bisavô, meu avô, meu pai e eu. Daqui de casa agora só eu, o papai agora já saiu, mas tenho primo, sobrinho, cunhado tudo participa das rezas do grupo, alias tudo é família, só tem um que é amigo, mas também faz parte da família. Olha, na verdade quando o papai começou já veio do avô do meu avô, ele aprendeu com o meu avô que aprendeu com o avô dele lá no interior. Daí ele, o meu pai, aprendeu com o meu avô e nós já aprendemos com ele, com meu pai Germano, tudo que sei das rezas e de como fazer as encomenda das almas (entrevista cedida por Abdias de Sousa em abril de 2011).*

Thompson (1998, p. 18) em *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional* diz que as práticas e as normas culturais se propagam ao longo tempo pelas gerações em um ambiente calmamente diversificado dos costumes. Relata que as tradições se fixam em grande parte devido à transmissão oral, onde essas propagam repertórios exemplares de narrativas. Ideias que se coadunam com as de Loureiro (1995, p. 55) quando o autor revela que a cultura ribeirinha está envolvida em um ambiente que predomina a transmissão dos saberes pela oralidade, o que para ele, reflete a relação do homem com a natureza, ambas imersas no imaginário popular, privilegiando o sentido estético dessa realidade cultural.

E como ensina Vannucchi (2006),

o ser humano [...] é também e principalmente uma agente de cultura, ainda que, muitas vezes, não tenha consciência disso. E agente cultural de atividade incessante, seja caçando, para matar a fome, seja recorrendo a divindades, em oração, [...] são agentes de cultura tanto um lavrador quanto um diplomata [...] toda ação humana na natureza e com a natureza é cultura, [...] tudo que é produzido pelo ser humano é cultura (VANNUCCHI, 2006, pp. 21-23).

Dessa forma, os saberes são produtos de uma cultura, que podem ser identificados como um “sistema simbólico de um grupo humano, sistema que só poderá ser apreendido por outro grupo por meio de interpretação e não por mera descrição” (VANNUCCHI, 2006, p. 28). Orlandi (2009, p. 26) no meu ponto de vista compartilha desse pensamento ao afirmar que interpretar é encontrar sentido nas coisas, é encontrar respostas objetivas, advindas de uma interpretação consciente e responsável e que produza sentido.

Ao realizar uma interação do sistema simbólico, do imaginário e da cultura da sociedade oriximinaense, ligados a Encomendação das Almas, me reporto a Brandão (2002) que fala do resultado do trabalho humano como um conceito das ciências que nem sempre são aceitos pelas sociedades que o tentam decodificar

seu conteúdo e sua significação que “misteriosamente existe fora de nós, em qualquer dia de nosso cotidiano, quanto dentro de nós, seres obrigados a aprender, desde criança e pela vida afora, a compreender as suas várias gramáticas e a “falar” as suas várias linguagens” (op. cit., p. 16).

Os ensinamentos de Vannucchi (2006) lembram os de Brandão (2002) quando aquele aponta várias definições de cultura, uma delas referenda que a cultura é como um sistema estruturado no campo que se privilegia o imaginário social, esse, com todo arcabouço mitológico e de representação artística que identifica os grupos sociais, bem como a utilização da linguagem como fator de socialização das várias ideias que evidenciam o relacionamento entre cultura e natureza.

Aproximando-se dessa concepção, Loureiro (2001, p. 52) descreve a cultura como um agrupamento de formas e expressões artísticas mentalmente elaboradas que promovem concepções de cunho moral de um determinado grupo, construídas historicamente ao longo dos tempos. Talvez o “*recommendaces*” realizado na França no período do século XVI ao século XVIII seja a origem do ritual de Encomendação das Almas que encontramos atualmente em Oriximiná, pois para os encomendadores essa prática ocorre há mais de 300 anos. Ao ser perguntado sobre a origem da Encomendação das Almas o senhor Lauro responde,

*não sei dizer não, sei que chegou por estas bandas com os padres que vinham uma vez por mês prestar os sacramentos, nos evangelizar [...] na época do meu avô. Olha! Eu tô com 77 anos [...] tem cinquenta e sete anos que rezo pra almas. O meu pai e meus tios rezaram também até velhinhos, uns oitenta pra noventa anos e, começaram mais cedo que eu, com uns quinze pra dezesseis anos, eu não sei como começou e onde começou a Encomendação das Almas, mas estimo que seja muito antigo, **mais de trezentos anos**, e que veio de fora, antes as rezas todas eram em latim, a senhora tira pela nossa idade. Isso tudo aconteceu lá no Sapucal onde eu nasci e aprendi, fica lá no interior aqui em Oriximiná (Entrevista cedida por Lauro Ribeiro em abril de 2011).*

Segundo Soares (2007) “A hipótese levantada sobre a vinda do ritual da ‘Encomendação das Almas’ ao município de Oriximiná, é a de que os frades capuchos da Piedade [...] trouxeram esse costume para a região” a mais de trezentos anos (op. cit., p. 33). Essa informação condiz com as repassadas pelo senhor Lauro, bem como, pelo secretário de cultura do município em 2011, Cleonis Batista de Farias, que com base em pesquisas realizadas pela secretaria ao qual coordena afirma a presença secular dos Encomendadores das Almas na região.

Tendo por base Brandão (2002), afirmo que as relações sociais dos Encomendadores das Almas com o povo oriximinaense existem há várias gerações e se encontram impregnadas de culturas e saberes característicos e particulares da região. Dessa forma, o entrecruzamento dos elementos simbólicos com o imaginário local, objetiva promover uma relação de convivência, construída em bases definidas na educação que impulsionam o desabrochar de vários conhecimentos seja social, cultural, econômico, religioso ou político.

### *3.2 Quem são os Encomendadores de Almas: a hierarquia, a vida religiosa e a família na perpetuação do ritual.*

Os Encomendadores das Almas são homens, em sua maioria com o ensino fundamental, nascidos em Oriximiná, aposentados, pescadores, carpinteiros, estudantes, na faixa etária de 15 a 85 anos. Os mais velhos possuem filhos entre 04 a 44 anos, a maioria são casados ou viúvos. Possuem como religião a católicas e a das Almas. Dos três grupos entrevistados, dez pessoas pertenciam ao grupo Fé em Deus, quatro ao grupo do Antonio Roque e apenas um do grupo extinto do senhor Lauro desses, somente oito rezadores se disponibilizaram a me conceder entrevista.

Não há proibição quanto à participação de mulheres ou crianças no ritual como encomendadores e as exigências para participação são poucas: primeiro deve possuir a vontade de querer participar, segundo ter o entendimento do significado do que é ser um encomendador, terceiro ter a autorização dos pais no caso de ser criança. Por isso, alguns grupos limitam a idade de iniciação para 15 anos, quando se inicia a penitência com as almas só pode sair depois de sete anos, decorridos esse tempo pode ficar até quando quiser.

Em resposta a pergunta sobre qual a idade certa para ser tornar um encomendador, quantas pessoas deve compor o grupo e por quanto tempo deve permanecer no ritual o rezador Floriano Soares responde,

*o meu pai só gostava de aceitar dos quinze anos pra frente porque ele dizia que muito jovem não tinha aquela responsabilidade, muitas vezes leva como uma brincadeira e, que para rezar com ele só com quinze anos pra cima. E eu levo no mesmo cortado, só grupos pequenos com quatro até cinco pessoas e, de quinze anos pra cima. Fica até quando quiser depois dos sete anos, não tem uma idade limite pra sair a pessoa é que dá o seu tempo certo (entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

O rezador Raimundo Elói acrescenta “*podendo andar, participa [...]. Eu conheci um velho daqui que andava todo curvado, o seu Assis, que participou até bem velhinho, ele foi até a capa do livro Liturgias Ribeirinhas de 2006 esse foi o último anos dele, parou de rezar por que morreu*”. E quanto à participação de mulheres e crianças como Encomendadores das Almas o rezador Abdias de Sousa comenta,

*participa mulher também, depende delas queira também, antes logo que nós nos passemos pra cá pra Oriximiná (± 20 anos), antes a gente estava no interior, ai quando nos passemos pra cá, tinha um turma aqui que era de mulher, mas acabou não existe mais. Porque o chefe deles morreu e elas abandonaram, tinha um homem e três mulheres, o grupo acabou. Era o grupo do Sérgio Cane, um pessoal que morava perto da beira do rio, mas não tem mais ninguém vivo não.*

*Criança também pode desde que ela tenha entendimento do que tá fazendo e queira participar. Mas os pais têm saber e autorizar, como normalmente é da família, não tem problema, não. No nosso grupo tem meu sobrinho que tem 15 anos e tá começando este ano a rezar com a gente. Ele me pediu para fazer parte porque quer um dia ficar no meu lugar, como eu fique no lugar do avô dele, ninguém forçou, ele quis por vontade mesmo, diz que tem que continuar as rezas. A idade máxima pra ficar depende da pessoa, se quiser ficar até o final da vida da pessoa pode ficar (entrevista cedida por Abdias de Sousa em abril de 2011).*

Porém, na opinião do senhor Lauro Ribeiro só os homens, podem ser encomendadores, posição que ele afirma com veemência “*somente homens! [...] olha! Patroa desde que eu me entendo só pode homem [...] e só não participa aquele que não quer e que não sabe. Mulheres aqui em Oriximiná eu nunca vi, elas são cheias de regras todo o mês, por isso não pode*”, apesar da fala do senhor Lauro não observei conflitos de gêneros quanto à participação de mulheres no ritual, contudo, não visualizei tão pouco, a presença das mesmas durante o rito nos três dias de Encomendação das Almas realizado na cidade.

Essa divergência de opiniões quanto à participação feminina na Encomendação das Almas pode estar relacionada há vários fatores, tal como as regras que o rezador Lauro Ribeiro comenta e que Koss (2004) revela ao dizer que a mulher proporciona na mente masculina ao mesmo tempo o encanto e o pavor. Encanto devido à beleza corpórea e o pavor relacionado às secreções que saem do corpo feminino, principalmente o sangue menstrual que é dotado de simbolismo e que geram tabus, diferenciando a mulher do homem em diversas sociedades. Para Delumeau (1989, p. 321) “a mulher que suas regras era tida como perigosa e impura. Corria o risco de trazer toda espécie de males. Então, era preciso afastá-

las”. Talvez essa teoria de que a mulher durante o ciclo menstrual possa trazer malefícios, seja aceita pelo encomendador Lauro Ribeiro de forma empírica como uma maneira de proibição da mulher como uma Encomendadora das Almas.

Outro ponto a ser questionado pode estar relacionado ao poder que a mulher possa vim a assumir neste contexto dominado até então pelos homens. Ressalto também os resquícios do advento do cristianismo da Idade Média que considerava algumas práticas executadas pelas mulheres como magias<sup>33</sup>, bruxarias ou práticas pagãs. Segundo Costa (2011, p. 5), as mulheres sofreram há muito por heresias, foram acusadas por bruxarias, tiveram de deixar muitas práticas e sabedorias populares que estavam presentes em seus imaginários, como as práticas de cura e conhecimentos sobre ervas, porque tais práticas eram encaradas como influência do mal. A autora alerta que todos os que não comungavam da mesma opinião dos tidos cristãos eram intitulados hereges e banidos da sociedade e, que a Santa Inquisição em sua época de controle punia as manifestações consideradas heréticas, pois os que não se enquadravam aos padrões impostos pela igreja passavam a ser vistos como ameaça contra a ordem social e religiosa da Igreja Católica.

Entretanto, essa contradição observada entre os encomendadores de Oriximiná quanto a participação das mulheres no ritual pode estar vinculada, também a uma nova formação de encomendadores, pois a maioria é jovem, entre 15 e 45 anos, fator que pode ter influenciado na divergência de opiniões com os mais velhos. Os jovens podem possuir uma concepção de igualdade entre os sexos, desvinculada de preconceitos ou de influências religiosas, talvez por esses motivos autorizem as mulheres a participarem da Encomendação das Almas.

Em relação à participação da família no ritual, a maioria dos encomendadores possuem filhos que quando crescidos fazem também, a exemplo dos mais velhos, a escolha de se tornarem um encomendador de almas. Durante esta pesquisa havia dois meninos que estavam iniciando o aprendizado para se tornarem encomendadores, William de 18 anos e Maison de 15 anos. Quando indagados sobre o porquê da participação no ritual de Encomendação das Almas, ambos responderam que é para manter a tradição da família do rezador Germano e

---

<sup>33</sup> Segundo Nogueira (2004) a palavra magia tem origem iraniana e era aplicada aos sacerdotes masdeístas, relacionadas ao zoroastrismo. É usada tanto em grego quanto em latim para designar uma relação com o sobrenatural. Para o autor a magia na antiguidade se ajustava a uma determinada concepção de mundo, onde os homens, os deuses, os planetas, os elementos, os animais, as plantas, se associavam, por intermédio de relações especiais e muito concretas constituindo o universo um todo simpático.

que é bom ser rezador, “é sim a minha primeira vez, eu tenho 15 anos, a sensação é boa, pois estou aprendendo algumas coisas pra substituir os velhos quando eles saírem. É importante fazer parte por que assim se mantém a tradição e aprendo tudo com eles, os mais velhos”.

Estas palavras lembram os estudos de Ecléa Bosi (1994, p. 75) em *Memória e Sociedade: lembrança de velho*, quando a estudiosa diz que a essência da cultura não existe sem os velhos, pois a fidelidade de sua memória marca a educação das crianças e, que sem a memória dos mais velhos não se alcança plenamente o reviver do que se perdeu das histórias e das tradições, além dos exemplos de vida dos que já viveram a história e com elas obtiveram as experiências. O aprendiz de encomendador William reflete sobre esse ponto ao dizer:

*Tenho 18 anos, ser um encomendador nos faz aprender várias coisas, a ter respeito com os outros principalmente com os mais velhos, eles me educam. Os encomendadores mais antigos do nosso grupo me ensinam a não fazer coisas erradas, a não fazer maldade, a não roubar, a não beber. Eu bebo ainda, mas vou controlar, pois tenho que ajudar as almas e a gente bebendo não tem a moral pra isso, pelo menos é o que eu acredito e é o que foi ensinado pelo meu avô (entrevista cedida por Willian em abril de 2011).*

Ecléa Bosi (op. cit., pp. 74-85) nos diz que para Hengel “é o passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento” (op. cit., p. 74) e que a idade adulta é direcionada pelo o que acontece no presente. Quando um adulto volta ao passado é “para buscar nele o que se relaciona com suas preocupações atuais” (op. cit., p. 75), este fato fica bem claro na fala de aprendiz de encomendador William quando diz que é por meio dos ensinamentos passados pelos encomendadores mais velhos que busca corrigir seus defeitos e não lograr pelo mau caminho. Dessa forma, a tradição fica preservada, pois quando o rezador transmite suas lembranças ele fala da sua vida, ele vence a distância do tempo quando transforma suas próprias experiências em experiências dos que o escutam, a meu ver, uma forma de educar o outro, de transmitir saberes por meio dos exemplos de boa conduta e pela oralidade. Para Bosi (op. cit., p. 85) “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral”.

É interessante perceber que a maioria dos participantes das equipes de Encomendadores das Almas de Oriximiná observados em 2011 é composta por parentes, sejam eles ascendentes ou descendentes do Padre (líder). Esse fato

demostra que pode ser, ao mesmo tempo, uma espécie de salvação individual e familiar<sup>34</sup>, assim como, uma forma de perpetuação da tradição desse ritual. Soares (2007, pp. 72-73) em referência a esta tradição familiar nos revela que o senhor “João Felipe, ex-diretor da Biblioteca Municipal de Oriximiná, diz que ‘na família de um rezador, todo mundo praticamente tem sua devoção com as almas porque conseguem ver os benefícios que elas dão’ (Entrevista, Abril de 2005)”. Para a autora esse depoimento do ex-diretor revela uma possível explicação das pessoas que tem a possibilidade de se tornarem encomendadores, basta à descendência em uma raiz familiar.

Em relação à hierarquia no ritual de Encomendação das Almas, há vários cargos, dentre eles, a função de Padre é a mais importante. Nesta pesquisa dois dos entrevistados eram Padres e dois Ex-Padre (1ª voz), dois eram acompanhantes (2ª e 3ª voz) e 2 eram aprendizes, sem cargos definidos. Para o Padre Abdias, do grupo Fé em Deus, o Padre tem a função de coordenar o grupo, de iniciar e terminar a encomendação. Pois ele é o responsável pelo grupo:

*Eu coordeno o grupo, eu respondo por eles, nos sai na rua pra fazer o ritual e o pessoal que participa vem atrás de mim, eu vou na frente do grupo, depois que eu entro em uma casa pra rezar, eu uso a campã<sup>35</sup> dando um toque de aviso na frente da casa, um dos participantes acende a vela na frente da casa, eu toco a campã e começo a cantar as orações, o resto do pessoal não pode começar antes de mim, só depois que eu dou a introdução da primeira reza o resto do grupo continua. Por exemplo, o Pai e Nosso, é assim:*

*Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)  
 Para a sagrada morte e paixão de nosso senhor Jesus Cristo, (todos)  
 Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)  
 Para as almas santas benditas, (todos)  
 Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)  
 Para as almas necessitadas, pelo amor de Deus, (todos)  
 Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)  
 Para as almas que estão na pena do fogo do purgatório, (todos)  
 Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)  
 Para as almas que estão em pecado mortal, (todos)  
 Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)  
 Para as almas que estão nas ondas do mar, (todos)  
 Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)*

<sup>34</sup> A salvação individual e familiar, neste caso representa a salvação do rezador na hora da sua morte ou ainda na passagem para a morte dos outros membros da família que participam efetivamente da Encomendação das Almas, eles acreditam que por meio de suas penitências podem facilitar a intermediação da própria salvação por meio das suas orações que são levadas pelas Almas Benditas para Deus (nota da autora).

<sup>35</sup> Campainha em forma de sino serve pra avisar aos moradores que os encomendadores estão em frente da casa e, que irão iniciar ou terminar as orações solicitadas para as almas dos mortos daquela família. É utilizada também no cemitério (nota da autora).

*Para as almas de nossos pais e de nossas mães (todos)  
(Entrevista cedida por Abdias de Sousa em abril de 2011).*

Quando perguntamos para o rezador Raimundo Elói porque o responsável pelo grupo de encomendadores era chamado de Padre, ele responde,

*é por causa que ele é o começante da reza, então nos colocamos ele chamado de Padre [...] pois é ele quem inicia e quem manda no grupo, é o que tem a responsabilidade pela gente, o que ele disser nos temos que fazer e obedecer e assumir a responsabilidade junto com ele [...] eu não sei se tem haver com o Padre da Igreja Católica, acho que não.*

*As pessoas podem achar que sim porque a gente reza também quando uma pessoa morre igual ao padre da igreja católica, a gente vai à casa do morto e, reza as nossas ladainhas as mesmas que a gente faz na Encomendação, a gente não reza que nem o padre não, porque não reza o terço, reza as ladainhas da Encomendação das Almas, o Pai e Nosso, o Saclário, o Bendito, as rezas principais. Mas temos que rezar a Sexta Santa e o Saclário, pois elas levam a salvação da pessoa. O saclário chama a salvação da pessoa e a Sexta Santa é pra pedir que Jesus Cristo aceite aquele que morreu, pois o corpo de quem morreu ficou aqui na Terra e a alma dele está viva, acredito eu, que foi para o lado de Deus para que ele a coloque em um bom lugar (entrevista cedida por Raimundo Elói em abril de 2011).*

Tendo por base os estudos de Cândia (2007, p. 7), normalmente um grupo com seis ou sete pessoas participam do ritual de Encomendação das Almas, porém nesta pesquisa foram observados grupos de quatro e até dez integrantes, sendo que nesse grupo dois eram aprendizes e um era Ex-Padre. Segundo Floriano Soares, seu pai, o rezador Antonio Roque, não gostava de ter equipes grandes, “*papai nunca gostou que o nosso grupo tivesse mais que quatro pessoas, pois um poderia discutir com o outro e assim com muita gente ficaria mais difícil pra ele controlar. Mas, eu aceito até seis pessoas*”, a função deles, dos outros encomendadores, é compor as vozes que acompanharam a primeira voz que é o Padre. O rezador (Padre) Floriano Soares em relação aos demais rezadores revela que,

*a função deles é rezar junto com o Padre, nos temos a primeira voz. Tem a segunda voz que a gente não tem, tem a terceira voz que é o Raimundo, a quarta voz que é o baixo que a gente também não tem porque o meu irmão não consegue acompanhar e a quinta e sexta voz que é o coro serve pra acompanhar quem faz essas são o meu irmão e sobrinho. O mais importante é até a quarta voz, o resto serve pra aprender e se preparar para quando alguém faltar ter quem possa substituir (entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

Os encomendadores alegam não haver uma preparação especial para iniciar a Encomendação das Almas na quarta-feira de Trevas, a maioria se reúne em frente

à casa do Padre do grupo, com objetivo de traçarem o percurso a ser feito durante a madrugada. Esse roteiro de peregrinação segue de acordo com os pedidos recebidos de encomendações. Além disso, durante essa reunião os rezadores aproveitam para aquecerem as vozes proferindo algumas ladainhas que serão realizadas durante o ritual.

*Bem, antes de sairmos à gente se encontra lá na casa da mamãe, local onde tudo começou com o meu pai aqui em Oriximiná. Antes de a gente rezar a meia-noite de quarta-feira da Semana Santa Católica, a gente faz uma oração e um treino de voz, pra aquecer a voz e não ter problema de rouquidão, depois nos coloca nossa roupa calça, camisa e o manto branco que a gente coloca na cabeça pra poder sair e ir para o cemitério da cidade (entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

Divido o ritual das almas em etapas para uma melhor compreensão do processo ritualístico. A primeira parte tem início na Quarta-feira das Trevas<sup>36</sup> da Semana Santa Católica, às oito horas da noite, momento em que os Encomendadores das Almas se reúnem todos vestidos de branco, com um manto igualmente branco na cabeça e dirigem-se ao cemitério da cidade para dar início ao levantamento<sup>37</sup> das almas que é realizado em frente ao cruzeiro do cemitério Nossa Senhora das Dores. O segundo momento ocorre em frentes às casas da cidade (na quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira) local onde são proferidas ladainhas para as almas sofredoras. No terceiro momento ocorre a devolução das almas para o cemitério, local em que são proferidas orações de agradecimento às almas benditas e de salvação para as almas sofredoras. Esse último momento ocorre na Sexta-feira da Paixão à meia-noite. Para cada etapa do ritual existe uma oração específica. Em frente ao cruzeiro do cemitério e diante das casas que solicitam orações para seus mortos são usadas velas<sup>38</sup> que podem ser acesas por qualquer um dos encomendadores. Loureiro (1995) compara este tipo de manifestação como um grupo de folia no estilo luso-brasileiro, quando pessoas da comunidade invocam o

---

<sup>36</sup> Até o ano de 2007 o levantamento das almas ocorria à meia-noite no cruzeiro do cemitério da cidade de Oriximiná, atualmente ocorre por volta das vinte e uma horas. Alguns Padres alegam que devido a violência urbana é difícil ficar perambulando pela cidade até muito tarde, por isso optou-se por iniciar a Encomendação mais cedo (nota da autora).

<sup>37</sup> Orações proferidas pelos encomendadores no cemitério para chamar as almas que estão em sofrimento e as almas benditas (nota da autora).

<sup>38</sup> As luzes das velas têm como objetivo iluminar os caminhos das almas para um bom destino no mundo dos mortos. Diante das casas que solicitam a Encomendação das Almas somente uma vela é acesa (nota da autora).

perdão e a piedade de Deus pelas almas sofredoras e de pecado mortal. O Ex-Padre Lauro Ribeiro assim descreve o ritual:

*Não tem tempo certo pode ser tanto no mês de março quanto em abril, coincide com a semana da Páscoa, com a Semana Santa Católica. A Encomendação das Almas começa na quarta-feira das Trevas, nos íamos para o cemitério rezar pra buscar as almas, o primeiro Pai e Nosso que eu pedia era pra Sagrada Morte e Paixão, segundo era pra Almas Santas e Benditas, terceiro para as almas que estão em pena no fogo do purgatório, quarto nas almas que estão nas ondas do mar, quinta as almas que estão em pecado mortal, sexta as almas que estão em última agonia e sétima as que estão em agonia pela morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.*

*Quando a gente chegava lá acendíamos a vela no cruzeiro depois pedíamos o Pai e Nosso e rezávamos o Saclário e só depois disso é que saímos do cemitério e íamos pelas casas até quando fosse umas quatro ou cinco horas da manhã depois íamos pra casa descansar. Fazíamos a mesma coisa na quinta-feira pra amanhecer sexta, a meia-noite dessa virada de dias rezávamos a Sexta Santa e parávamos íamos pra casa descansar de novo.*

*Na sexta-feira rezávamos até a meia-noite, rezávamos a Sexta Santa de novo durante as todas as encomendas das casas, depois quando dava a hora, meia-noite, voltávamos para o cemitério para entregar as almas lá na frente do cruzeiro onde tudo começou (entrevista cedida por Lauro Ribeiro em abril de 2011).*

Para o encomendador Floriano Soares, o ritual de Encomendação das Almas é assim descrito:

*Lá no cemitério a gente bate campã pra saudar o cruzeiro e rezar Salve a Cruz Bendita pra chamar todas as almas pra nos acompanhar, faz as orações o Pai e Nosso para Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, pras almas santas benditas, as necessitadas, as que estão na pena do fogo do purgatório, as que estão em pecado mortal, as que estão nas ondas do mar e as almas de pai e mãe e depois nos reza o Saclário ou a Sexta-Santa e bate a campã de novo. Assim que termina a gente sair com as almas que querem nos acompanhar pra fazer as encomendações das almas que foram solicitadas nas casas das pessoas.*

*Quando chegamos na casa que a gente vai rezar, na maioria das vezes eles já estão todos acomodados. Mas se tiver alguém acordado, eles entram, apagam as luzes e ficam orando lá de dentro, principalmente quando a gente reza o Pai e Nosso pras almas, ele atendem e rezam lá de dentro da casa o Pai e Nosso e a Ave Maria... a pausa na oração e justamente pra isso, pra que eles respondam o que a gente pediu pras almas.*

*O Padre dá inicio quando ele bate a campã e faz as orações, reza o Pai e Nosso e normalmente reza o Saclário ou a Sexta Santa, tem casa que eles escolhem qual a oração que é pra gente fazer e conforme eles pedem a gente reza. Quando acabamos de rezar as orações o Padre novamente bate a campã anunciando que terminou a encomendação almas naquela casa, às vezes a família sai para falar com a gente, pra agradecer e oferecer um lanche refrigerante, bolacha, bolo, às vezes é comida mesmo frango, peixe frito depois do lanche a gente sai de nova pra outra casa.*

*O nosso grupo não para em casa que colocam uma vela acesa na porta, porque nos temos muito pedidos e por isso não dá pra atender todos, mas a gente sabe que tem grupo que para e reza por aquelas almas.*

*Depois da nossa peregrinação e penitência a gente volta pra casa de madrugada umas três ou quatro horas da manhã. Na quinta feira a gente faz a mesma coisa, só não vai mais ao cemitério, sai direto de casa e na sexta-feira também só que a gente volta no cemitério meia-noite pra entregar as almas e reza desta vez o Saclário e a Sexta-Santa, nesses três dias as almas nos acompanham.*

A importância do significado do uso da roupa branca pelos encomendadores é descrita pelo Padre Floriano Soares:

*A gente usa uma roupa branca, por que antigamente as pessoas quando morriam usava branco para serem enterradas, então, a gente usa também branco pra nos definir como um Encomendador de Almas. A calça, camisa e o manto todos são brancos.*

*O manto a gente coloca na cabeça como uma forma de respeito, como o meu pai dizia “para nos definir como um apóstolo de Deus, como Jesus. Pois, quando Jesus ia salvar as pessoas ele sempre colocava um manto na cabeça” e, é por isso é que a gente usa esse manto, porque ali a gente também tá tentando salvar uma alma, então a gente tá sendo um apóstolo de Deus ajudando uma alma que tá sofrendo e precisando de uma ajuda.*

*Além, disso ajuda a aliviar do sereno da noite que às vezes é muito grande e serve, também, como proteção pra não vê o que vem por traz da gente durante as rezas, evita que a gente veja alma penada (entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

De acordo com a antropóloga Soares (2007), vestir-se de branco e colocar um manto branco sobre a cabeça é uma possível mudança introduzida pelos grupos da área urbana, pois na área rural de Oriximiná se usa roupa de qualquer cor clara podendo ser lençol, chapéu ou toalha sobre a cabeça. Essa mudança, segundo a autora, pode ter sido incentivada pela antiga Secretaria de Cultura na pessoa do Ex-secretário de Cultura, Adélcio Júnior ou até mesmo pelos encomendadores urbanos como uma forma de apoio e estímulo para a não extinção do ritual na cidade.

Soares (op. cit.) baseada nos estudos de Eric Hobsbawm (1997, p. 9) fala que este se vestir de branco por parte dos rezadores de Oriximiná pode ser na concepção do autor uma tradição inventada, e que essa prática pode ser controlada “por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado”. Acrescenta que para religião católica a cor roxa ou preta é a cor do período da quaresmal e não o branco, como observado nas vestes dos encomendadores urbanos atuais. Referenda, ainda, que em Óbidos, quando existia

este ritual na cidade os encomendadores se vestiam de preto pelo menos é o que diz o senhor Jorge Luiz, funcionário da Casa de Cultura desse município.

Dessa forma, chego à conclusão que a cor branca não é a cor utilizada na Quaresma, nem tão pouco, a cor utilizada no passado desse ritual em Oriximiná. E igualmente a Soares (2007, p. 66) recorro a Hobsbawm (1997, p. 10) para dizer que “O ‘costume’ não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades tradicionais” e que a modificação de uma tradição pode ou não causar a decadência de um costume.

Outro ponto a ser considerado é que esse gesto de trocar a cor das roupas talvez seja uma forma utilizada pelo governo local e até mesmo pelos encomendadores para dar uma continuação a este rito que estava em vias de ser extinto. Mas, porque a cor branca? Essa explicação pode ser simplificada pelas palavras do Padre Floriano Soares quando esse diz que se usa o branco em alusão as pessoas mortas de antigamente que usavam roupas dessa cor para serem enterradas, dessa forma o branco os define como Encomendadores das Almas.

Porém, Soares (2007) alerta sobre a existência de Encomendadores de Almas na área urbana que, ainda, mantém a tradição da área rural, pois se vestem com roupas comuns e chapéu de palha ou com uma toalha clara na cabeça, tal como ilustra a foto 19. Contudo, durante esta pesquisa esse fato não foi observado.



Foto 19. Diferença da vestimenta entre o grupo do José Moraes e o grupo do Germano - grupos Urbanos.  
Fonte: Arquivo pessoal de Soares, 2007.

### 3.3 *Do luto a Encomendação das Almas: o porquê de se encomendar as Almas.*

Comunicar-nos com nossos mortos! Saber o que se passa além da cortina espessa que nos separa, se existe outro mundo e como estão nele nossos parentes e amigos... Velho sonho que a necromancia<sup>39</sup> não soube desvendar! (BAYARD, 1996, p. 262).

O mais antigo sonho da humanidade é saber como e onde estão os entes familiares quando deixam o invólucro corpóreo na mais temida passagem para o mundo dos mortos. Na busca desse saber, a humanidade tem ao longo dos anos instituído vários rituais de luto, sempre na busca de encomendar as almas dos familiares a um bom destino, a salvação dos pecados e a saída do purgatório. Bayard (1996, p. 263) nos diz que “segundo a Igreja católica romana, é possível comunicar-se com os mortos, mas espiritualmente”, acredito que por meio de rezas e solicitações de missas para as almas dos mortos de acordo com o concílio de Trento. E que para a doutrina espírita os “espíritos gostam de voltar aos lugares conhecidos, [...] parecem reconstituir o clima no qual viviam” (op. cit., p. 263).

Bayard (1996) revela que o mundo imaginário que projetamos é uma forma de satisfazer os nossos mais íntimos desejos de perpetuação da vida fora do corpo físico, de tal forma, que criamos representações sociais diversas quanto ao dever de cuidar dos mortos, por meio de orações e rituais de passagem para o outro mundo, pois,

as almas justas atingem o Paraíso, lugar de seu primeiro nascimento [...] seja qual for o lugar geográfico, as numerosas lendas ensinam que a alma viaja perigosamente: os vivos devem levar-lhes conforto e meios materiais como comida, armas, ferramentas, roupas e amuletos. No tempo de nossa existência terrestre aprendemos a **rezar**, a nos munirmos de fórmulas “mágicas” e de **palavras** de passe, para conseguirmos transpor os obstáculos, mas podemos ter esquecido essas lições (BAYARD, 1996, p. 260. Grifo nosso).

Resta então duas concepções diante da morte: encarar o fim da vida, onde o corpo volta para o pó de onde veio e as almas desaparecerem no cosmo ou considerar apenas a morte do corpo físico que liberta a alma para um novo mundo, uma nova existência, sendo essa uma forma que conforta, pois dá a sociedade uma maneira de acreditar que o morto ainda vive (BAYARD, 1996, p. 259). A partir dessa

<sup>39</sup> Adivinhação pela evocação dos espíritos (FERREIRA, 2010, p. 528).

concepção de que a alma existe em outros espaços, que o ser humano institui o luto como sendo uma representação social do seu imaginário de como cuidar do morto após sua passagem pela terra, é necessário perceber que antes desse momento o homem deve conhecer os ritos fúnebres e iniciá-los imediatamente quando percebe que a alma do moribundo poderá abandonar o corpo físico a qualquer momento, tendo em vista a preparação do seu espírito para a chegada da morte.

O homem, enquanto vive, deve preparar sua viagem póstuma e munir-se de receitas que possibilitem transpor os obstáculos. Antes da morte carnal, prepara-se por uma morte imaginária, na qual entrevê o estado no qual se encontrará; antecipando a morte real por uma procura consciente, espera chegar, sem temor, ao além. Assim os ritos iniciáticos **educam** o homem (BAYARD, 1996, p. 159). (Grifo nosso).

Para Raimundo Elói a Encomendação das Almas é um rito de passagem, pois quando uma pessoa morre na cidade eles são chamados para rezar por eles. O mesmo ocorre quando uma pessoa está para morrer, eles também são solicitados para chamar as almas Benditas para acompanhar o indivíduo que está abandonando o corpo físico. Às vezes eles são chamados para rezar pelas almas quando a família está de luto, nos sete dias após a morte do familiar, igualmente como fazem os padres e os católicos.

*A gente é solicitado pra rezar não só pras almas que morreram há muito tempo, mais também pra quem tá com passamento ou pros que acabaram de morrer, igual o terço que os católicos fazem (Entrevista cedida por Raimundo Elói em abril de 2011).*

Bayard (1996) nos revela que na sociedade humana, “o luto é ‘estado fora do normal’ tanto para os vivos quanto para os mortos. O viúvo (ou a viúva), aquele que tem ligação mais estreita com o defunto, vê parte de sua vida social temporariamente suspensa das atividades” (op. cit., p. 182) sociais. Segundo Bayard (1996), quando uma pessoa da sociedade falece, os parentes, amigos e vizinhos apropriadamente trajados, com semblantes compenetrados e silenciosos desejam à família, vestida de preto, condolências pelo passamento do morto. É a partir desse momento que se dá início ao tempo de luto da família que, dependendo da sociedade, pode perdurar por poucos dias como é o caso das mulheres de Rondônia entre os séculos XVIII e XX onde:

A escassez de mulheres, segundo os relatos da época, provocava enormes tensões psíquicas e sociais entre a população masculina. A venda

de mulheres que haviam esgotado seu tempo nos cabarés da região era um artifício, mas que não chegava a satisfazer a procura dos seringueiros. Por outro lado, a disponibilidade de uma viúva, mesmo por ocasião do velório do marido, era um fato capaz de causar sérios problemas de tensão nos seringais. Para minimizar o efeito da disponibilidade momentânea da mulher, o coronel ou seu administrador mandava recolher à recém viúva, enquanto o corpo do marido morto era preparado para o velório, geralmente muito simples e de ritos sumários. Nesse ínterim, o coronel resolvia com qual novo seringueiro a viúva deveria se casar e a apresentava ao noivo. As narrativas falam que por ocasião de morte dos seringueiros casados, inúmeros pretendentes afluíam ao velório, na esperança de conseguir a mão da viúva em casamento. Somente depois do anúncio oficial do noivado, ainda durante o velório, é que a viúva voltaria ao lado do corpo do marido morto para pranteá-lo e velá-lo, até o momento de seu sepultamento (TEIXEIRA, 2009, p. 16).

Outras sociedades, segundo Bayard (1996), podem levar meses no preparatório para o sepultamento como forma de prantear o morto, dando início aos rituais de separação. O luto marca uma prática de isolamento em que “os parentes próximos entram em ‘estado à margem’; depois dos ritos de separação e de purificação, vêm ‘os ritos de reintegração’ e ‘ritos de agregação’, porque o morto não aceito no mundo dos mortos tem a possibilidade de reencarnar-se” (op. cit. p. 43), sabendo que todos os ritos devem ser realizados com o intento de salvar a alma do morto.

Bayard (1996) nos alerta que na idade moderna esse costume do enlutamento é cada vez menos praticado. Esse rito de cessação do luto fica cada vez mais restrito às missas de sétimo dia, trinta dias e de aniversário, quando a família se reúne para lembrar e proferir orações e cantos que se entrelaçam com salmos em favor da alma do morto. Essas lamentações ou encomendações das almas podem exprimir um sentido de obrigação social por meio da dor dos parentes no momento dos ritos de luto. O ritual de cessação do luto encerra essas atividades de enlutamento e a vida normal para os vivos volta a recomeçar.

De acordo com Soares (2007) e Cândia (2007), a Encomendação das Almas realizada na cidade de Oriximiná tem a finalidade de recomendar as almas benditas as almas cativas, em sofrimento, necessitadas e as do purgatório ao progresso espiritual e ao alívio das penas. Para os encomendadores de Oriximiná a finalidade se resume em rezar para que as almas sejam salvas e encaminhadas para um bom lugar. Para o encomendador Lauro Ribeiro, 77 anos (57 anos só de rezador) “a finalidade é rezar para as almas que estão em sofrimento e para aquelas que um dia fizeram parte de nossa família. A encomendação se destina às pessoas que já

*morreram e não estão mais entre os vivos*”. Além disso, ele afirma que as rezas servem também para a obtenção da salvação deles próprios.

*A gente tá encomendando as almas para poder a gente ter primeiro a nossa salvação, **para elas dar uma ajuda pra nós**, nos nossos trabalhos, nas nossas criações e tudo mais. Nos não devemos só pedir para Deus as coisas, por isso ele deixou os apóstolos dele, os santos e as almas que é pra gente se pegar com eles para ajudar e não sobrecarregar Deus com pequenos pedidos. Por isso quando a gente encomenda as almas que estão em sofrimento nós nos pegamos com as almas benditas para poder ver se salva as que estão perdidas, entendeu? E ao mesmo tempo quando nos rezamos estamos pedindo que as **almas Santas Benditas nos salvem também quando chegar a nossa hora** (Entrevista cedida por Lauro Ribeiro em abril de 2011).*

Os Encomendadores oriximinaenses direcionam seus pedidos às Almas Benditas em busca da salvação dos mortos, cujas almas consideram estar em pior estado. Por meio de orações são pedidos a elevação espiritual dessas almas em direção ao paraíso ou a um bom lugar, o que para Pedreira (2010b) configura-se, como prática religiosa de intercessão pelas almas do purgatório, ocasião em que os rezadores pedem a Deus a salvação delas.

De acordo com Soares (2007), a prática de encomendar almas é uma expressão popular de origem secular que reúne em seu interior valores artísticos, religiosos, históricos, que juntos integram-se de modo indissociável, assumindo uma característica importante na identidade cultural do povo amazônico. Para a autora, a paisagem amazônica e “sua natureza oferece aos seus habitantes um local cheio de praias de rios, igarapés, várzeas, sendo nesse cenário que o homem se expressa” (op. cit., p. 23) e que por meio dessas práticas culturais e dos recursos simbólicos “os indivíduos participam de uma forma de vida, de uma práxis social” (op. cit., p. 23), sendo a prática de encomendar almas uma forma de expressão da visão de mundo desses caboclos, o que para Soares dá materialidade ao imaginário amazônico.

Sob o ponto de vista estético, Soares (op. cit., p. 31) diz que o Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná constitui-se como uma prática cultural religiosa que possui uma dimensão artística marcada pela musicalidade presente durante todo o ritual, desde o cemitério às casas que solicitam a encomenda das almas. Ao realizar as orações para as almas, os rezadores vivenciam uma experiência de transformação em suas vidas, na medida em que suprem por meio do ritual, a necessidade íntima de cunho religioso de conexão com Deus e com as

almas Benditas. Tais sensações também foram observadas com os encomendadores durante essa pesquisa, quando indagados sobre o que sentiam durante o ritual, relataram que sentiam medo, paz, alegria, arrepios na pele e na espinha. O rezador Abdias de Sousa descreve o seguinte:

*Sinto uma diferença no meu corpo, logo que começa a gente vai a modo sentido uma espécie de medo, sente um arrepio no corpo. Depois que está mais de um ano ou dois anos não sente mais nada de medo. Às vezes sente mudar alguma coisa porque a gente sente tipo pessoas andando atrás gente, faz aquele movimento, corre um arrepio na espinha, sente que bate no nosso braço, se a gente olhar para o lado, não vemos nada, ninguém do meu grupo viu, só sente que tem pessoas próximas, às vezes o corpo fica gelado (Entrevista cedida por Abdias Souza em abril de 2011).*

Para o encomendador Germano de Sousa o sentimento é de felicidade na alma, de poder conseguir tudo que quiser na vida “*quando a gente reza pra almas a gente sente aquela alegria, mais disposição de conseguir sempre tudo que quer, de ir mais pra frente, de vencer sempre na vida, de ter saúde pra prosseguir sempre com a nossa devoção*”. O rezador Raimundo Elói refere se sentir feliz também, principalmente com as Almas Benditas que são a sua proteção, esclarecendo que é por intermédio delas que ele pode “*tentar salvar as almas perdidas e em sofrimento*” e se sente feliz porque com sua fé e oração “*pode salvar quem pede ajuda*”.

Uma moradora da cidade, dona Maria Luiza (foto. 20) mais conhecida por Neide solicita as rezas dos encomendadores todos os anos desde que seus pais morreram. Ela nos revela o provável sentimento que acha que os pais mortos devem sentir quando estão sendo homenageados pelos encomendadores, estejam eles onde estiverem “*acho que eles sentem felicidade*”. Professora a certeza que os rezadores possuem o poder de trazê-los do cemitério para frente de sua casa com o objetivo de escutarem as rezas que ela pediu. Fala ainda dos próprios sentimentos que emergem ao ouvir as orações solicitadas e que tudo melhora após a passagem dos encomendadores.

*Eu acho que quando a gente pede essas orações para aqueles que já foram eles ficam alegres, satisfeitos, eles usavam isso também, pediam orações pros encomendadores para os parentes deles, então quando a gente pede pra os encomendadores virem rezar aqui, eles ficam felizes porque eles vão pegar eles lá no cemitério pra ouvir as orações aqui em casa, então eu acho que eles ficam satisfeitos por ver a gente aceitar os rezadores como eles aceitavam e eu gosto muito mesmo.*

*Durante a reza eu sinto saudade do meu pai, da minha mãe, às vezes eu sinto remoço, tenho vontade de chorar, mas eu me controlo porque eu*

*sinto falta dos meus pais, das coisas que deixei de fazer. Mas, depois que eles passam por aqui eu me sinto em paz e a vida melhora, no outro dia aparece comida, dinheiro, tudo vem e melhora muito (entrevista cedida por Maria Luiza (Neide) em abril de 2011).*

Esse sentimento de paz para as Almas e de progresso para os vida dos encomendadores foi encontrado na pesquisa de Soares (2007, p. 69) em que a autora revela que a realização do ritual todos os anos “traz paz para as almas que sofrem [...], elas os ajudam nas suas vidas aqui na Terra. Um dos integrantes do grupo do Euclides disse que depois que começou a rezar, ele parou de beber”, e que o encomendador José Moraes diz “eu estando rezando, [...] tudo melhora para mim... Eu me sinto feliz. Eu sinto que elas (as almas) me ajudam, me dão força (Entrevista, Abril de 2005)”. Durante a pesquisa de 2011, observei que surge neste cenário de benefícios alcançados mais um contemplado pela bondade das almas, a figura do solicitador das encomendas como se vê no depoimento de Neide.

Na visão de Durand (1997, p. 404) existe no ser humano o poder de enxergar o mundo sobre várias óticas, prevalecendo no homem a capacidade de sempre ver o lado bom da coisa, observar a melhoria do mundo afastando sempre do seu entorno o destino mortal. Oliveira (2006) baseada nos estudos de Durand (1997) afirma que,

*todos aqueles que se debruçaram de maneira antropológica, quer dizer, simultaneamente com humildade científica e largueza de horizonte poético, sobre o domínio do imaginário estão de acordo em reconhecer à imaginação, em todas as suas manifestações, (religiosas e míticas, literárias e estéticas), esse poder realmente metafísico de erguer as suas obras contra a podridão da morte e do destino (OLIVEIRA, 2006, p. 94).*

Dessa forma o ritual para Oliveira (op. cit., p. 94) tem um papel uno que é domar o tempo e a morte e, conseguindo esse intento garante-se aos seres humanos e à sociedade a eternidade e a esperança. A meu ver essa perspectiva de Oliveira pode ser observada no ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná, pois acredito que o mesmo proporciona essa visão de esperança por dias melhores no imaginário dos três personagens aqui relatados: o encomendador, as almas sofridas e o solicitante da encomendação, pois todos visam o cenário de benefícios que a priori pode ser alcançado com a realização do rito de se encomendar as almas.

Dos oitos encomendadores que entrevistei em 2011, todos foram unânimes em dizer que continuarão no ritual até estarem bem velhinhos rezando para as almas dos mortos. Esses dados coadunam com os de Soares (2007) que também obteve a mesma resposta dos rezadores que entrevistou em Oriximiná no período 2003-2006. Essa resposta me faz supor que esse rito desperta em seus integrantes uma forma de negociação com as almas que são as intermediárias de Deus para não passem pelo purgatório e irem direto para o céu, pois por meio dessa penitência tentam purgar seus pecados para purificação de suas almas após a morte. É o que também supõe Soares (op. cit. p. 70), pois a autora afirma que os trabalhos que os rezadores realizam “na época da Semana Santa é uma forma de penitência que fazem aqui na Terra [...] esperam que Deus e que as santas almas os ajudem, os perdoem, [...] nesta vida, pelos seus pecados, os conduzindo para o paraíso celeste”. Reis (1991) acrescenta que esse tipo de intermediação no Brasil do século XIX, era feita pelos testamenteiros, com o objetivo de abreviação das penas do morto e da família dele.

Enquanto que no texto de Reis percebe-se que a maioria dos testamenteiros (brancos e negros) encomendava mais missas de corpo presente (para a própria alma da pessoa e para parentes já falecidos), nota-se que o objetivo era abreviar o tempo a passar no purgatório caso sua alma fosse para lá, principalmente, os que estavam devendo dinheiro a alguém e os senhores que haviam maltratado seus escravos ou ex-escravos. Reis alerta que naquela época: “Cuidar da própria morte implicava cuidar dos já mortos, para que estes, em troca, intercedessem em favor do novo finado” (REIS, 1991, p. 211).

Em relação ao medo que o rezador Abdias de Sousa disse sentir no início de seus serviços como Encomendador das Almas, observei que muitos dos oriximinaense sentem o mesmo receio e medo das almas e, por conseguinte dos encomendadores, e que preferem não vê-los nas ruas e nem os chamam para rezarem em suas casas. Exemplo disso está na fala do moto-taxista que durante esta pesquisa, me conduziu ao encontro dos encomendadores, ao me perguntar: “A senhora não tem medo não? Eu tenho! E nem gosto de ver, dizem que a gente pode ficar com panema e com mal olhado<sup>40</sup>”. Talvez esse medo relatado tenha dado origem ao que Cândia (2007, p. 9) chama de olhar interdito, onde os

---

<sup>40</sup> Panema, feitiço, mau olhado, quebranto são doenças consideradas como não naturais e foram ouvidas por Maués e seus pesquisadores em 1990 durante suas pesquisas em Itapuá, sendo comum em toda a região do Salgado no Estado do Pará (MAUÉS e VILLACORTA, 1998).

encomendadores não podem ser observados quando estão entoando as ladainhas em frente as casa que estão encomendando uma alma. Os rezadores também são proibidos de olhar, pois correm o risco de verem assombrações ou algo pior.

A superstição de não poder olhar para trás foi incorporada também à população. Se tal fato acontecer no momento em que eles estiverem rezando, o desrespeitoso enxergará corpos em decomposição. É uma espécie “do interdito do olhar para traz” na história cultural de tantos povos, como, por exemplo, no retorno ritual de Orfeu do inferno, ao resgatar das trevas Eurídice, a bem-amada ou, na tradição bíblica, a fuga de Sodoma a Gomorra, na hora da destruição (CÂNCIO, 2007, p. 9).

A estudiosa Soares (2007) cita a obra de Bronislaw Malinowski (1984, p. 158), intitulada: *Baloma: os espíritos dos mortos nas Ilhas Trobiand* para comparar o medo de alguns oriximinaense em relação às almas dos mortos com a dos nativos Trobiand.

Os nativos sentem medo do *kosí*, [...] o espírito do morto, o qual leva após a morte ‘uma existência curta e precária próximo da aldeia e em torno dos lugares habituais do morto [...]’. Os nativos [...] possuem um medo genuíno pelo *kosí* e posso comparar aqui ao medo que os oriximinaenses têm pelas almas do morto (SOARES, 2007, p. 70).

Porém, encontrei uma moradora que não possui esse medo manifestado pelo moto-taxista, a Neide, que diz que eles fecham as portas e janelas e não olham para os rezadores em sinal de respeito, pois é uma tradição fechá-las e, não por medo (foto 20).

*É tradição quando os encomendadores chegam à gente fechar a porta e a janelas da casa e se aquieta lá dentro pra escutar as rezas e ficar orando, fazendo o que eles pedem como o Pai e Nosso [...] eu me acostumei assim então não vou deixar a porta aberta. Deste os tempos dos antigos, do papai eram assim, lá no interior a gente já fazia isso. Eu acho que o significado é ter respeito com eles e com as almas, já ouvi falar que se a gente abrir a janela às almas vem e dá uma coisa pra gente, vai saber a gente não tem nem que vê eles entrando [...]. Não é medo, essas coisas têm que ter respeito, desde o tempo do meu pai era assim e a gente mantém a tradição (Entrevista cedida por Maria Luiza (Neide) em abril de 2011).*



Foto 20. Maria Luiza Barreto de Souza (Neide) solicitou o ritual de Encomendação das Almas para os pais.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

Como pensava Certeau (1994), o invisível é o que interessa ao pesquisador do cotidiano. Então porque não acreditar nas afirmações obtidas pelos moradores e rezadores de Oriximiná, dando neste caso o devido crédito ao imaginário social, ao mito e ao simbolismo presentes nas comunidades ribeirinhas da Amazônia?

O culto aos mortos é, a meu ver, um veículo da expressão religiosa e pode ser observado não apenas na Amazônia, mas em quase todas as culturas. Para Louis-Vincent Thomas, o imaginário popular nos mostra que o morto está destinado à vida eterna para os cristãos; a ser um antepassado tutelar para os africanos; à espera da reencarnação para os budistas; e, para os agnósticos<sup>41</sup>, os mortos são guardados como modelos na memória dos vivos. Já para os encomendadores de Oriximiná, podem ser almas bondosas ou que estão em sofrimento na espera da salvação onde estiverem. Portanto por meio das crenças populares, da magia, do simbolismo, do imaginário e do rito, a morte pode ser transfigurada em acontecimento benéfico, perene e de esperança para todos que acreditam que as almas vivem após a morte.

---

<sup>41</sup> O agnosticismo é uma doutrina filosofia que nega ao conhecimento humano a capacidade de ir além dos fatos materiais (FERREIRA, 2010).

### 3 4. O preconceito em relação aos ritos de encomendar as almas em Oriximiná.

É válido ressaltar que durante a pesquisa em 2011 ouvi alguns moradores de Oriximiná falarem que os encomendadores estavam sofrendo represálias por parte da população mais jovem da cidade por não respeitarem a Encomendação das Almas como os antigos, os moradores mais velhos. Tal fato foi comprovado durante a entrevista com o rezador Floriano Soares que diz nunca ter sofrido qualquer tipo de preconceito por parte da população, mas alerta que conhece outros grupos que já passaram por tal situação vexatória.

*Nunca enfrentei preconceito de ninguém, mais sei de alguns grupos que enfrentaram por parte de algumas pessoas, elas ficaram xingando quando eles passavam na rua. Mas, a solução é não ligar, fazer de conta que não é com a gente, temos que tomar tento com as coisa da gente e cumprir com nossas obrigações que é rezar para as almas, temos que cuidar da devoção da gente (Entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

O encomendador Raimundo Elói diz que pessoas de outras religiões não respeitam os encomendadores, acreditando ser a delas a correta. Ele alega que não gosta de críticas infundadas, pois todos têm o direito de professar a fé em Deus a seu modo, principalmente respeitando a crença de cada indivíduo.

*Cada um cuida da sua religião e a gente cuida da nossa. Só que eu não gosto é de crítica infundada, como uma vez nos vínhamos passando ali de frente da Assembleia de Deus, dos crentes, e eles vinham saindo do culto deles, então eles começaram a fazer crítica da gente pelo o que nos estávamos fazendo, eu não gostei, eu queria responder, mas ele (Floriano) não deixou. Eu não gosto de crítica, eu não crítico ninguém, eu respeito todo mundo, principalmente sobre religião, cada um faça a sua parte e todo mundo tem o direito de ter a sua, independente se a outra pessoa goste ou não (Entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

O encomendador Jorge Hipólito diz que o grupo deles (do senhor Germano) já foi agredido verbalmente por algumas pessoas quando passavam pelas ruas, porque elas se incomodavam com o que eles faziam com o que eles rezavam, mas não chegou a ter briga como ele mesmo fala: “a gente não dá confiança e deixa eles pra lá. Nunca tivemos nenhum problema porque a gente não revida e, olha que nós andamos muito e vai até a madrugada, mas nunca fomos agredidos fisicamente não”. Para ele a responsabilidade de não revidar as agressões deve partir do Padre

do grupo, é ele que deve “*dar a moral para o grupo não se meter em bagunça, não revidar provocação e não deixar ninguém fazer nada de errado*”. O rezador Jorge ainda levanta outro lado do preconceito que é a não valorização por parte da comunidade, no sentido, do não reconhecimento do ritual como uma cultura local e tradicional de Oriximiná, levando os encomendadores a se sentirem esquecidos e desprezados pelo povo oriximinaense.

*Mas, tem o outro lado do preconceito, é o que mais dói. E por parte da comunidade, que é a falta de reconhecimento da população, pois a cada ano que passa menos gente procura a gente pra solicitar as rezas. Antigamente nos tínhamos 30, 50 casas pra rezar e de ano a ano as casas vem diminuindo os pedidos de rezas ficaram hoje só dez, doze casas. A gente se sente esquecido e desprezado pode assim se dizer pelo povo daqui de Oriximiná (Entrevista cedida por Jorge Hipólito em abril de 2011).*

Talvez esse sentimento professado pelos encomendadores de se sentirem esquecidos e do preconceito que sofrem por parte da sociedade, do desprezo e da não valorização dessa cultura secular, seja um dos motivos do interesse da secretaria de cultura em valorizar esse ritual, mas acredito em outra possibilidade do interesse dessa gestão política, a de que o ritual de Encomendação das Almas passe a *status* de atração turística da cidade, atraindo para a região oriximinaense turistas religiosos sequiosos em conhecer uma tradição secular que possui uma provável origem milenar vinculada a Igreja Católica, datada do século XVI (França), onde as preces na hora da morte eram denominadas *commendaces* e a Encomendação das Almas se chamava *commendatio animae*. Na concepção do secretário Cleonis Farias tudo vem sendo feito por parte de sua gestão com o objetivo de esclarecer a comunidade através dos meios de comunicação quanto à importância dos encomendadores e de suas práticas religiosas.

*Todos os anos, a Secretária de Cultura tenta alertar a comunidade sobre a importância dos Encomendadores de Almas. O ano de 2011 está sendo um ano em que nos trabalhamos muito nos meios de comunicação, rádio e televisão local, para que o povo considere isso como realmente uma cultura religiosa de tradição do nosso município e que respeite a fé de cada um.*

*Que respeite principalmente o Encomendador de Almas e a sua peregrinação nas ruas da cidade e do interior. Então a gente fez um apelo pra comunidade pra que valorizem, pois sem os Encomendadores das Almas essa tradição não seria mais a mesma, seria extinta principalmente se nos não a valorizarmos como povo oriximinaense (Entrevista cedida por Cleonis Farias em abril de 2011).*

Para a antropóloga Soares (2007) tudo, ou quase tudo, em nossas vidas é sensível a mudanças, pois os seres humanos estão vivendo em uma época onde se tem a impressão que o tempo é curto, sempre corrido. O que me leva a crer que as práticas estéticas e culturais são passíveis de transformação no espaço e no tempo devido estas estarem envolvidas com a construção de representações sociais a partir das experiências humanas.

Soares (op. cit. p. 92) alega que a partir da década de 90, surgiram em Oriximiná outras religiões além da católica, como a protestante, pentecostal e neopentecostal. Segundo a autora baseada nas informações da professora Queiroz, o aparecimento de outras religiões ocorre paralelo ao crescimento urbano da cidade, o que proporciona na comunidade uma “quebra de dogmas, de crenças e de fé. A Igreja Católica perde sua homogeneidade e passando a concorrer o espaço com os evangélicos”. As escolas deixam também de ser exclusivamente católicas, onde havia a monopolização por parte dos padres na educação das crianças. A escola passa a ser dirigida de forma leiga o que proporciona o surgimento de infinitas ideologias, como diz a professora Queiroz “ao mesmo tempo em que um diz “Eu acredito na alma”, outro diz “Eu acredito que não tem”. Talvez essa negação seja mais uma face do preconceito velado da sociedade de Oriximiná.

Preconceito religioso que pode ser observado na narrativa do rezador Abdias de Sousa quando reforça essa concepção ao afirmar que conhece um antigo rezador que antes de mudar de religião era encomendador “*dos bons*” e que agora que ele é protestante, nega sua origem de rezador de almas, “*então se uma pessoa que era nossa nega a gente, porque outras pessoas também não tem o direito de nos negar e se recusarem a conhecer mais sobre as almas? Acho que é preconceito, não sei ao certo, talvez achem que não sabemos de nada*”.

Outra face em relação ao suposto preconceito por parte da sociedade oriximinaense pode estar voltada para o uso de bebidas alcoólicas durante o ritual pelos Encomendadores das Almas. Mas, os rezadores alegam que a ingestão de alcoólicos há muito tempo não é usada por eles, e que essa prática era comum antigamente. Hoje em dia, após orientações por parte de alguns padres da igreja católica e da Secretaria de Cultura da cidade não se vê mais essa prática durante o ritual. No entendimento de rezador Floriano Soares o afastamento da igreja católica pode ter sido por esse motivo, pelo uso excessivo de bebida alcoólica durante a Encomendação das Almas, mas diz que seria importante a ajuda da igreja para a

continuidade da tradição que essa deveria seguir o exemplo da atual gestão da Secretaria de Cultura. Na visão do encomendador Abdias de Sousa essa secretaria, lhes incentiva em manter a tradição do ritual e a buscarem o respeito da sociedade por meio de exemplos morais manifestos implicitamente durante sua prática religiosa.

*Eu acho que a igreja se afastou um pouco de nós devido à bebida, porque antigamente, os grupos bebiam muito. Teve uma época, ainda quando o papai era vivo que o padre Jaime chamou ele e falou sobre isso, ele quis saber umas informações sobre a gente, se nos andávamos bebidos quando a gente rezava e, se carregávamos bebida alcoólica com a gente, o papai falou que não, que desde quando começou ele não estava acostumado e não permitia isso no nosso grupo.*

*E o padre Jaime disse “é porque eu dei uma seguida em alguns grupos e peguei bebidas com eles, vi estarem bebendo nas esquinas das ruas, eles paravam nos escuros e ficavam bebendo” e eu acredito que hoje em dia é por isso que a igreja até nem dá muito apoio pra gente, mas a gente precisava de um apoio dela sim, se tornava até gratificante e mais fácil pra gente prolongar mais tempo de missão rezando pras almas (Entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

*A cultura não! Ela nos ajuda, nos orienta e nos convida para os festivais de cultura, lá nos somos recebidos bem, como os Encomendadores das Almas e fazemos a mesma coisa daqui, quando da Semana Santa, a gente reza as mesmas rezas, vamos com as mesmas roupas e lá eles preparam umas casinhas e nos reza em frente delas. Mas, a intensão não é a mesma, lá nós só estamos fazendo uma amostra do que a gente faz aqui, acho que a cultura quer com isso que o povo nos conheça e deixe de ter preconceito com nós e com o que a gente faz (Entrevista cedida por Abdias de Sousa em abril de 2011).*

O rezador Floriano Soares acrescenta que o uso de bebida alcoólica durante o ritual pode trazer desrespeito por parte da sociedade, e que eles devem ser o exemplo. Por isso, estar sóbrio e evitar a ingestão de bebidas com teor alcoólico é primordial para manter o respeito da comunidade, caso isso não ocorra, estão passíveis de sofrerem discriminação e de serem desacreditados pela sociedade oriximinaense. Diz ter aprendido com o pai Antonio Roque: “*O meu pai não tomava nenhuma bebida durante a penitência dele e eu mantenho a tradição, pois se as pessoas virem a gente bebendo, elas perdem o respeito ainda mais e nós temos que dar o exemplo, né?*”.

Entretanto o mesmo encomendador revela, com tristeza, existir atualmente grupos que ainda utilizam bebida alcoólica como a cachaça durante o ritual, alegando que bebem para não sentirem frio durante a madrugada. O rezador acha um desrespeito com os outros grupos, com a sociedade e com as almas, diz que os

grupos que não possuem controle com a bebida acabam prejudicando os demais que somente a usam para fins curativos, como é o caso da Mangaratiba.

*Tem grupo daqui de Oriximiná que bebe muito antes e durante a encomendação alegando que é pra passar o frio, se manter acordado, mas não é a Mangaratiba não, é cachaça, acho que isso é um desrespeito isso sim.*

*Meu pai bebia, mas nunca gostou de beber antes e nem no momento que ele estava fazendo a penitência dele, tinha respeito com as almas e ele dizia que se ele bebesse ele estava dando uma ousadia para que o resto da equipe beber e que ficassem até porre se fosse possível, mas ele não proibia quem queria beber um pouco da Mangaratiba, mas era somente para controlar o frio e manter a voz aquecida, ele sempre chamava a atenção para esse limite. Pois, a gente tem que ter respeito, afinal se está assumindo uma responsabilidade, a gente não pode faltar com o respeito e com o compromisso.*

*Esses grupos que bebem descontroladamente estão prejudicando todos os outros grupos, pois as pessoas só vão lembrar esses e os outros que fazem as coisas certas ficar sendo discriminados e desacreditados (Entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

A bebida utilizada com fins curativos é uma mistura de gengibre<sup>42</sup> ou jenipapo com um pouco de álcool<sup>43</sup>, não é a cachaça, pois essa pode fazer mal a voz. Pelo menos é o que diz o rezador Lauro Ribeiro, “a cachaça é danada para prejudicar a voz [...], a Mangaratiba com álcool não, o jenipapo também [...], eles afrouxam mais a voz da gente, deixa aquecida pra rezar o resto da noite, toma de golinho, bem pouco mesmo, só pra tratar a voz, não tem nada melhor”. Para o encomendador Raimundo Elói, de 59 anos, esse preparado serve para os mais velhos, devido estarem mais fragilizados pela idade: “normalmente só os mais velhos bebem isso, pois a voz está mais fraca e quando nós canta muito, daqui a pouco a garganta tá doente e a voz não tá saindo mais direito e o gengibre concerta e alivia a voz”.

A bebida Mangaratiba, Mangarataia, Mangatraia ou Gengibirra ou como eles mesmo dizem, remédio, serve para evitar a rouquidão e conseqüentemente a perda da voz, além de prevenir uma possível gripe. Dessa forma alegam que essa bebida possuir fins curativos.

*Não comemos nada durante a encomendação, às vezes quando acaba a reza a família oferece um café, bolo, quanto à bebida a gente não aceita, muitas vezes a gente mistura meio litro de álcool com meio quilo de*

<sup>42</sup> O gengibre é uma erva zingiberácea que tem propriedades medicinais (FERREIRA, 2010, p. 376).

<sup>43</sup> Quando perguntei que tipo de álcool era usado para o preparo da Mangaratiba, Mangarataia, Mangatraia ou Gengibirra os encomendadores não souberam definir o tipo, alegaram que compravam em qualquer lugar, armazém ou supermercado. Deduzo por esses dados que pode ser o Álcool Etílico Hidratado a 92,8° INPM de uso doméstico (nota da autora).

*mangatraia (gingibre) pra gente fazer uma Mangaratiba ou Gengibirra pra tomar durante a madrugada pra poder consertar a garganta que fica arranhada de tanto rezar, não é pra ficar porre não, é remédio, pode fazer também com jenipapo.*

*Lá no Sapucal eu fazia pros rezador com o jenipapo com um pouquinho de álcool. A gente coloca o caldo do jenipapo pra ferver bem, quando tiver no ponto, bem cozido, tira do fogo, adoça e depois de coloca o álcool, não precisa ser muito forte, o jenipapo ele é muito bom igualmente à mangarataia, o jenipapo não deixa o camarada engasgar a voz, acaba com a tosse dele e tudo.*

*A Mangaratiba, é a mesma coisa, é um preparado de álcool com a mangarataia, a gente pega o gengibre corta e bate no liquidificador com um pouco de água depois põe pra cozer bem cozido, coloca o açúcar e deixa esfriar e coa, só depois de frio e coado é que você pode ou não colocar um pouquinho de álcool.*

*Eu gosto da Mangaratiba bem queimosa com bem gengibre, pois serve pra manter a voz boa, [...] ela depende do frio porque muitas vezes, olha! Como eu e o Germano já não temos a possibilidade de tá andando no sereno por causa da idade, de repente pega um chuvisco e pronto, o que acontece pra pegar uma gripezinha, uma tossezinha de repente não custa nada, pra pegar é fácil, pra largar fica difícil, né? (risos).*

*Olha, o álcool que a gente coloca não é a cachaça, é o álcool próprio pra usar com a mangarataia, com o gengibre. Não é a cachaça não, a cachaça é danada pra prejudicar a voz da gente e a Mangaratiba com álcool não, ela ajuda, ela é danada de boa pra curar a garganta, é um remédio que não deixa a voz ficar arranhada (Entrevista cedida por Lauro Ribeiro em abril de 2011).*

Concluo com essas informações que a sociedade oriximinaense passou e ainda vem passando por uma fase de amadurecimento, no espaço e no tempo de suas práticas e tradições. Algumas tradições do caboclo amazônida e até dos colonizadores católicos cederam em alguns aspectos, por incorporarem novos elementos e hábitos que transformaram no decorrer do tempo as práticas culturais locais. Esse sincretismo cultural de alguma forma alterou a ideologia cabocla por meio da aquisição de novas crenças, mitos e ritos o que proporcionou uma nova identidade para esta população por meio do seu imaginário social. Como diz Loureiro (1995, p. 86) “na realidade amazônica o mundo físico tem limites sfumatos, fundidos ou confundidos com o supra real, daí por que nela homens e deuses caminham juntos pela floresta e juntos navegam pelos rios”. Para o autor, a realidade da cultura cabocla equilibra-se entre o “impreciso limite entre aquilo que é e aquilo que poderia ser”, e em meio a uma neblina poética que é capaz de interpretar o real e o imaginário. O que possibilita que os produtos mitológicos da região mantenham um convívio entre o pagão e o cristão, os deuses e os homens o que facilita a construção de uma identidade própria do homem amazônico conferindo-lhe uma existência intimamente ligada a sua realidade cotidiana e particular. Nesse aspecto, devido essa fase de amadurecimento em que vive o povo

de Oriximiná acredito ser possível à existência de preconceitos quanto ao ritual, o que não cabe, entretanto é a recusa por parte de alguns moradores de querer aprender, respeitar, valorizar e conhecer uma tradição que os representa, pois essa expressão de cultura popular é secular e, está presente na região a um longo período de tempo representando uma mistura cultural, sincretismo de práticas religiosas, sociais e por que não dizer políticas.

Oliveira (2008b, p. 66) nos fala que “o respeito ao diferente pressupõe a compreensão de que o ser humano é um sujeito histórico, social, ético, político e cultural, capaz de escolhas (opções) e de decisões”. Para a autora com base nos ensinamentos de Paulo Freire (1997) o homem tem a capacidade de pensar e por isso torna-se consciente de sua situação social. Mas, não se submete a destinos pré-estabelecidos, pois é livre para escolher seu caminho no mundo. Por isso as escolhas e decisões do ser humano torna-se um ato ético do sujeito.

Talvez, como preconiza Soares (2007) com o passar do tempo e a chegada do mundo contemporâneo, a modernidade é imposta, favorecendo a quebra com o passado, como diz a autora “sentimos que a modernidade envolve uma descontinuidade dentro dela e uma ruptura [...] com as condições históricas passadas” (op. cit., p. 92). Para Soares “nada é estático na vida e as mudanças de ordens econômicas, geográficas e sociais acompanham, por sua vez, mudanças culturais” (op. cit., p. 92), mudanças que favorecem, a meu ver, opiniões e condutas divergentes dos moradores quanto ao ritual de Encomendação das Almas, o que nos permite indagar se é ou não uma tradição reconhecida pela sociedade e inserida no contexto educacional como uma cultura popular da sociedade oriximinaense.

### *3.5. Educação e Saberes: um olhar multicultural sobre as concepções e a tradição do ritual de Encomendação das Almas em Oriximiná.*

Os conhecimentos produzidos fora do contexto escolar até pouco tempo, foram rotulados por muitos estudiosos como não educativos. Apesar dos avanços nas teorias contemporâneas da educação, percebe-se ainda, forte recusa por parte de alguns intelectuais em reconhecer os saberes construídos nesses espaços, entendidos como conhecimentos do senso comum ou do cotidiano. Considero o ritual de Encomendação das Almas ocorrido em Oriximiná um desses espaços educativos não formais ricos em conhecimentos e saberes.

A existência da educação não escolar, para Denise Rodrigues (2008) está relacionada ao olhar que o pesquisador deve direcionar para os diferentes espaços educativos de uma sociedade, tendo como foco o lazer, a religião, a política, o trabalho, dentre outros. Essa recomendação de Rodrigues nos alerta para a valorização dos conhecimentos construídos e socializados pelo senso comum que não buscam comprovação científica, ao contrário, o importante é a relação de convivência, do saber fazer e do saber dizer dos seres humanos. E é nesta perspectiva de educação não formal que se baseia o objeto desta pesquisa, o ritual de Encomendação das Almas, acreditando que o mesmo educa, pois o saber fazer está presente nas práticas do ritual e, automaticamente, ligado ao saber dizer.

Brandão (2007b) acrescenta que os processos de formação de ensino ocorrem em todos os espaços, o importante é a troca de conhecimento, pois, “tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de troca entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência” (op. cit., pp. 17-18). Dessa forma, havendo contato entre pessoas, o saber pode fluir “pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende” (op. cit., p. 18), o que me permite afirmar que foi esse tipo de saber que observei no repasse de conhecimento do ritual de Encomendação das Almas. O rezador Abdias de Sousa disse que foi com os mais velhos e experientes que aprendeu o que sabe hoje sobre como encomendar as almas além de outras experiências da vida, “*é com os mais velhos que aprendemos a rezar e a ter respeito com as almas e com todo mundo*”.

Ao avaliar que concepções e entendimentos que um encomendador de almas possui sobre se há ou não saberes e educação no repasse de seus conhecimentos, os mesmo alegam que existe saberes e que eles educam, não só a eles, como também a todos que querem aprender. Percebe-se isto na fala do rezador Abdias de Sousa ao dizer que “*aprendemos a rezar, a não beber, a não brigar com os outros, a querer ter saúde para esta bem para rezar no próximo ano, aprendemos a ter paciência. Ensina pra todo mundo, pra gente e pra quem quer aprender a nossa cultura e tradição*”.

Esse pensamento do encomendador Abdias de Sousa me reporta aos ensinamentos de Brandão (2002, p. 116) que afirma que a educação é obra da cultura dos sujeitos, ora cercados daquilo que lhes é peculiar: suas tradições e costumes, aquilo que identifica os sujeitos. Assim, entendo que o paradigma da ciência moderna excluiu de seu bojo toda forma de manifestação advinda do

chamado senso-comum, nessa perspectiva positivista de ciência, instituições regulamentadoras do campo científico relegaram por gerações o aprendizado que se dá em meio às práticas culturais fora do ambiente formal de ensino.

Numa visão holística e intercultural em que se firmam as bases do paradigma da virada científica, acredito numa possibilidade de “relição dos saberes” como bem afirma Bertrand Brasil na obra, *A relição dos saberes: o desafio do século XXI* (2002b) organizada por Edgar Morin. Noto, contudo, que nessa mesma abordagem muitos estudiosos têm dialogado a respeito dessa mesma afirmativa, como Inês Barbosa de Oliveira (2006, p.12) que considera a “importância de pensar a questão do conhecimento, seus processos de criação e transmissão para além da esfera reduzida da racionalidade cognitivo-instrumental para e da ciência moderna”.

Talvez essa relição dos saberes que preconiza Edgar Morin (2002b) esteja acontecendo em Oriximiná, pois as autoridades locais como o secretário de cultura Cleonis Farias afirma que o ritual de Encomendação das Almas educa e tem saber. Segundo ele, a atual gestão esta empenhada em realizar mais pesquisas e documentar esse ritual, além de inserir no contexto educacional das escolas do município essa tradição secular das almas, que segundo sua concepção:

*Não só educa como vai fazer parte do contexto educacional do nosso município para fazer com que as nossas crianças e os nossos jovens façam a multiplicação e a valorização da nossa cultura.*

*Ele educa quando você diz que a cultura precisa ser preservada, então, um povo educado com certeza vai preservar a nossa cultura. Tem saber e muito saber, por que como eu disse anteriormente, é uma cultura secular aonde os saberes de um povo esta ligada com a cultura. E, se a gente não valorizar isso, com certeza os nossos saberes não serão os mesmos para o futuro do nosso país, do nosso município e da nossa cultura (entrevista cedida por Cleonis Farias em abril de 2011).*

Apesar do discurso de valorização que o secretário de cultura faz sobre a importância do ritual, o mesmo não define de forma clara qual é o saber e de que forma ele educa, talvez porque o reconhecimento ou o conhecimento de uma educação baseada no senso comum seja ainda uma prática pouco difundida no meio dos estudiosos da educação ou áreas afins, principalmente em um lugar que se encontra distante das grandes metrópoles e de pesquisas referente à existência de uma educação proveniente do cotidiano do povo. Mas, o secretário oriximinaense

referenda que a educação está intimamente ligada à cultura pelos processos de preservação de um povo e que esse deve se educar para manter suas tradições.

Observo neste momento uma necessidade emergente de ser obter uma nova maneira de repensar a educação, mas isso requer uma maior flexibilidade e respeito ao outro, me refiro ao outro numa perspectiva freiriana. Todavia, em Paulo Freire (1995, 2002) está expressa cuidadosamente a relação do eu com o outro, relação essa sempre sustentada na tolerância ao outro, onde tolerar, nada mais é do que repensar esse ritual como um propagador de saberes educativos. Entendo que esse ritual rico em crenças populares da comunidade oriximinaense estão assentados no imaginário sociocultural, em que o mito e a imortalidade da alma, sustentam e explicam a própria realidade dos sujeitos pesquisados.

O imaginário sociocultural desses rezadores e da comunidade de Oriximiná está relacionado a sua formação étnica, que para Loureiro (2001, p. 36) vem sendo constituída desde o Brasil Colônia, pelo caboclo ou mestiço que ao mesmo tempo em que extrai do habitat natural o sustento para sobrevivência, constrói ao longo da história uma sabedoria popular baseada na natureza. O que a meu ver foi influenciada pelos seus colonizadores, especialmente a doutrina imposta pelos religiosos franciscanos da Piedade no tocante ao ensinamento religioso de temor a Deus e o catolicismo como a única verdade.

O conhecimento adquirido por meio dos teóricos que alicerçaram o estudo sobre a morte, os ritos, a ciência, o senso comum, a educação, os saberes dentre outros, me levam a crer que essas teorias podem desenvolver na sociedade e nos educadores uma consciência que dê ênfase à construção e valorização do conhecimento, que acredito não ocorrer somente em espaços formais, como a escola, mas que ocorrem também nos não formais, como no caso, o Ritual de Encomendação das Almas tido pela tradição como um processo de educação de como cuidar dos ensinamentos obtidos pela morte e após a morte, ambas vistas pelos rezadores das almas, não como fim da vida, mas como novo começo, uma vida em outro plano de existência, uma eterna busca pela evolução espiritual do ser humano enquanto desprendimento terreno do corpo material e até da possível reencarnação da alma.

*Devemos salvar as almas em sofrimento, e todas aquelas que já lhe falei levar elas para um bom lugar. A encomendação se destina as almas especialmente para que fiquem salvas, que tenham paz e que os mortos*

*sejam encaminhados a um bom lugar do outro lado (Entrevista cedida por Abdias de Sousa em abril de 2011).*

Pesquisar a educação em espaços não formais nos dá a oportunidade de entrecruzar vários conhecimentos e saberes inerentes a população e a sua crença religiosa. Tais como as concepções que o povo possui sobre a vida e a morte e os processos que entremeiam esse simbolismo religioso, analise esta que nos dá a oportunidade de acreditar na fala do senhor Abdias de Sousa quando professa a existência de outro lugar fora da Terra, local em são encaminhada as almas salvas por eles e, sobre um possível processo de reencarnação<sup>44</sup>.

O encomendador Floriano Soares descreve detalhadamente a sua crença na vida após a morte e a possibilidade do reencarne da alma. Para o rezador essa nova vida é uma nova oportunidade que o homem possui de corrigir seus erros e de se educar. Neste momento o encomendador acrescenta outra função de se encomendar as almas, a de salvá-las para poderem reencarnar novamente.

*Eu acho que isso pode acontecer, porque não é difícil uma pessoa reencarnar em outro corpo, porque o mundo ele só acaba para aquele corpo morto. Mas, pra alma ele continua, a alma da gente ela tem uma vida eterna, ela nunca destrói, destrói a carne e o osso, mas a alma não é destruída. Então eu acho que ela tem possibilidade de um dia ela renascer de novo, pode não ser da mesma forma que era daquele corpo antigo, mas eu acho que ela tem possibilidade de um dia voltar sim, seja em outra família em outro corpo.*

*O que me faz acreditar nessa possibilidade é que eu leio um pouco a bíblia e vejo que quando Jesus foi crucificado dentro de quarenta dias em que ele apareceu ninguém acreditava que era ele, que ele tinha ressuscitado dos mortos, muitos diziam: “esse não é o senhor, eu vi ele pregado na cruz, eu vi ele morto”.*

*Mas, quando Jesus veio de novo ele não veio da mesma forma, ele veio de outra forma mais responsável, carinhoso, a palavra certa é mais iluminado, celestial mesmo, e não na forma humana que poderia vim vingativo, revoltado por ter sido humilhado, crucificado, não... Não ele veio modificado mais brando ainda do que era.*

*Por isso eu acredito que todos igual a Jesus tem a oportunidade de voltar novamente pra Terra, eu sei que a gente é pecador, mas também temos a oportunidade de voltar pra se corrigir, se educar mais, mudar e quem sabe evoluir espiritualmente e se tornar bom, quem sabe igual a Jesus e ter um bom lugar ao lado de Deus, por isso eu acredito em reencarnação, até porque se não acreditasse como eu iria acreditar na Encomendação das Almas, não é pra isso que a gente reza? Pra salvar as almas que estão perdidas em algum lugar e pedir um bom lugar pra elas?*

<sup>44</sup> Para um melhor entendimento a reencarnação fazia parte dos dogmas judaicos sob o nome de *ressurreição*; só os Saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nela. As ideias dos Judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não estavam claramente definidas, porque não tinham senão noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Eles acreditavam que um homem que viveu podia reviver, sem se inteirarem com precisão da maneira pela qual o fato podia ocorrer; designavam pela palavra *ressurreição* o que o Espiritismo, mas judiciosamente, chama de *reencarnação* (KARDEC, 2009, pp. 44-45).

*Como elas vão ter uma oportunidade de se corrigirem se não tem a chance de voltar para a Terra novamente e ajeitar o que erraram, vão ficar no espaço vagando eternamente? Acho que a nossa função de Encomendador das Almas é exatamente isso, intermediar a salvação delas e quem sabe, na graça de Deus, elas reencarnarem novamente (Entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

Apesar dos ensinamentos de Allan Kardec (2009) sobre o mundo dos mortos terem sido proferidos durante o século XVII em uma conjuntura social diferente das observadas no século XXI, visualizo que a mesma pode ser relacionada ao momento presente em que vivemos, pois acredito que a religião dos saberes defendida por Edgar Morin está em pleno desenvolvimento na sociedade atual, onde o sincretismo religioso coexiste em harmonia, o que me possibilita acreditar na reencarnação da alma, fato que o rezador Floriano Soares levanta ser possível na sua concepção de encomendador e, que Allan Kardec (op. cit., p. 45) revela ser possível ao dizer que a reencarnação é um ato, “é o retorno da alma, ou espírito, à vida corporal, mas em outro corpo novamente formado pra ela, e que nada tem de comum com o antigo”, tal como acredita o encomendador Floriano Soares.

Outro ponto a ser considerado é baseado nos ensinamentos de Vernant (1990, pp. 79-80) quando o autor fala na teoria de Platão sobre o processo de construção do mundo. Esses ensinamentos apesar de serem antigos nos possibilitam mais esclarecimentos sobre os processos de uma possível reencarnação da alma do homem. Para o autor, Platão acreditava na reencarnação, tanto que defendia a ideia de rememoração do passado. Para rememorar era preciso esquecer o presente por meio da morte, só assim, abria-se a porta do passado. Dessa forma o destino das almas dependia diretamente da memória, fonte imortal de conhecimento do indivíduo das transformações advindas de sucessivas reencarnações. Transformações que podem estar relacionadas na concepção do encomendador Floriano Soares sobre uma nova oportunidade, dada por Deus, para as almas corrigirem seus defeitos e adquirirem conhecimentos.

Retomo os ensinamentos de Platão (1973, pp. 191-192) para dizer que o conhecimento está guardado na memória em forma de ideias, formas de realidades que as almas dos seres humanos experimentaram em outras vidas. Portanto, o verdadeiro aprendizado do conhecimento consiste em um sincretismo de impressões sensoriais com ideias de uma realidade experienciada pelo indivíduo que mantém na reminiscência os arquétipos iniciais da vida, que na concepção de Platão

nos não vemos ou aprendemos na vida atual, o conhecimento é inato na nossa memória e advém de vidas passadas.

Para Charlot (2000), o saber está ligado com o nascimento do homem dentro de sociedades estruturadas, esse processo de criação ocorre das relações de convivência, das palavras e dos conceitos construídos ao longo dos tempos pelo ser humano. Nesse sentido, nascer é penetrar em um sistema de relações e procedimentos que constituem um conjunto de significações, “onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros [...] esse sistema se elabora no próprio movimento através do qual eu me construo e sou construído pelos outros” (op. cit., p. 52) para esse movimento complexo e inacabado Charlot chama de educação.

Baseada nos ensinamentos de Charlot (op. cit.) retomo um dos objetivos específicos desta pesquisa para elucidar que os processos educativos de construção social e histórica da emergência dos saberes presentes no Ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná se dá por meio da temporariedade, que a meu ver iniciou com colonização de Oriximiná no século XIX. E através dos tempos, os elementos constitutivos que emergem do ritual foram construídos e se mantêm nos dias atuais.

*Olha! Eu não sei nem explicar onde começou, desde quando eu me entendia já existia a Encomendação das Almas, há muitos anos existe. Acho que pra mais de duzentos ou trezentos anos, pois como lhe disse o avô do meu avô, já participava das Encomendações das Almas. Acho que no interior não existe mais, acabou tudinho, por que todo mundo veio pra cidade.*

*O que eu sei é que veio com os padres quando esses aportaram por essas bandas de Oriximiná, mas isso lá antigamente, foram eles que ensinaram pros antigos as rezas das almas, eles queriam evangelizar todo mundo, os negros, os índios, todo o pessoal do passado. Por isso eu digo que a Encomendação das Almas é da Igreja Católica, até as nossas rezas são iguais, a campa pra chamar a alma, a reza no cruzeiro, tudo.*

*Nós aprendemos a encomendar as almas com os antigos, o meu pai aprendeu com o pai dele. Meu pai tem 84 anos hoje e, quando ele aprendeu com o pai dele, ele tinha doze anos e o avô do meu pai tinha a mesma idade do papai (Germano) agora. Então já vai mais de duzentos ou trezentos anos, pois o avô de meu pai aprendeu com o pai dele, o meu, como é que se diz meu tatataravô (Entrevista cedida por Abdias de Sousa em abril de 2011).*

Pela fala do rezador Abdias de Sousa, os caboclos oriximinaenses construíram sua cultura local através do tempo baseada em alguns elementos característicos do simbolismo cristão, tais como: o sino, o manto sobre a cabeça, as ladainhas onde notadamente se faz menção aos santos católicos, a devoção e

respeito às almas, às peregrinações pela cidade, à cruz representada pelo cruzeiro do cemitério. Símbolos esses que podem ser observados, atualmente, como parte integrante do ritual de Encomendação das Almas e que no meu ponto de vista influenciaram a cultura popular e religiosa da região.

Rodrigues (2008, p. 5) quando fala sobre cultura nos ensina que o comportamento coletivo tem a capacidade de formar padrões culturais por meio das representações simbólicas, construídas historicamente e presentes nas relações tanto entre seres humanos quanto entre homem e natureza de modo a incorporar “normas, regras, imagens, mitos, ritos e discursos (sistemas simbólicos)”.

Santos (2003) acrescenta que há vários saberes na sociedade moderna e que todos, em igualdade de importância, possuem função relevante ao indivíduo. Referenda que os saberes da arte, ciência, cultura local ou global, religião, dentre outros fazem parte do indivíduo, pois alicerçam a sua personalidade. E por meio dessa construção de identidade surge a representação social que para Jovchelivitch (2008) representa uma educação impregnada de saber.

Coaduno com esses pensamentos de Santos (2003) e Jovchelivitch (2008), pois acredito que no ritual de Encomendação das Almas podem ser observados processos educativos ricos em saberes, pois é comum observar nas comunidades amazônicas particularidades relacionadas a religiosidade. Para Oliveira (2008a, p. 127), a peculiaridade religiosa de comunidades ribeirinhas se “apresenta como marca histórica do processo de colonização e de formação da sociedade brasileira e amazônica”. A partir dessas premissas descrevo três tipos de educação com seus respectivos saberes encontrados no ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná:

(1) **A Educação Moral:** abrange as regras de comportamento para uma boa conduta social, a fé e a religiosidade, a liberdade de credo religioso, o respeito aos mais velhos, a preservação da tradição e da cultura, além da socialização dos valores cultivados ao longo da história do ritual. Todos esses saberes estão ancorados em um forte embasamento moral, pois os encomendadores elaboram seus fundamentos e organizam seus ensinamentos buscando manter os princípios da prática da caridade e a manutenção dos valores de reciprocidade, respeito, benevolência e humildade. Esses valores são cultivados pela comunidade dos

encomendadores, entre si, e com as pessoas que solicitam a encomendação e com a sociedade em geral.

Os valores manifestados durante a prática do ritual são repassados de forma verbalizada durante as reuniões antes do ritual, nas peregrinações e nas relações interpessoais cotidianas. Para os encomendadores os valores aprendidos durante os sete anos previstos ou para os que ficam durante a vida toda, não são somente compartilhados dentre eles, mas sim disseminados entre os filhos, parentes, amigos e conhecidos, já que o desenvolvimento espiritual não ocorre apenas na prática religiosa, mas na vida cotidiana, e na maioria das vezes os mais velhos e experientes são os responsáveis por esses repasses. Os estudos de Oliveira (2008b, p. 34) se assemelham com os encontrados nesta pesquisa, a autora revela que em espaços religiosos de comunidades ribeirinhas a transmissão dos saberes, das tradições e dos valores morais e sociais é disseminada por meio da oralidade. Esses saberes são repassados pelos mais antigos considerados os grandes guardiões da memória cultural desse povo.

As ideias contidas na Educação Moral se coadunam com os ensinamentos de Oliveira (2008a, p. 129) em relação a educação do cuidar, para a autora, esse tipo de educação pode está “presente no cotidiano familiar, com o sentido de orientar os filhos, de dar atenção, de explicar, tendo como referência a sabedoria adquirida no convívio social e pela *cultura de conversa*”. Oliveira alerta que esse tipo de cuidar assume um traço da personalidade do ser humano, visto que a atitude desse com a vida e com a sociedade adquire uma perspectiva de respeito e de acolhimento ao outro, e dessa forma, a educação se manifesta e passa a ser propagada por meio “das narrações de histórias e de experiências vividas pelos mais velhos, que expressam o cuidado com o outro, pelo diálogo, conselhos e orientações. A casa é o espaço educativo e, os responsáveis pela educação, os pais”, assim afirmo que no caso da Encomendação das Almas o espaço educativo é o ritual e os educadores responsáveis são os encomendadores.

**(2) A Educação pela Prática do Ritual:** engloba o repasse do conhecimento e dos saberes, além do aprendizado da musicalidade, a união da família, a aquisição de conhecimento para a escola formal, a intermediação da salvação das almas. Esses saberes evidenciam um conjunto importante de

aprendizagens vivenciadas pelos rezadores no cotidiano do ritual de Encomendação das Almas.

Esse processo de ensino ocorre por meio da observação e participação direta no rito, onde a aprendizagem se dá ao longo do tempo e de forma espontânea pelos participantes, caracterizando, dessa forma, uma educação absorvida por uma aprendizagem experiencial onde o encomendador necessita participar de todos os processos ritualísticos ocorridos durante e após a encomendação para aprender a ser um Encomendador das Almas. Como diz Mota Neto (2008, p. 149) “nessa modalidade de educação, a tríade observar-participar-repetir representa o movimento do processo de ensino-aprendizagem, o qual garante o repasse das tradições de uma geração a outra”. E mais “a aprendizagem pela prática do ritual é uma modalidade de educação [...], em que a aprendizagem é construída de maneira processual e o saber é circulante” (op. cit., p. 158).

Essa aprendizagem processual e o saber circulante que Mota Neto (op. cit.) levanta podem ser associados a uma educação como estudo observada por Oliveira (2008a, p. 130) a partir da premissa que os encomendadores vêm sendo procurados por alunos da educação escolarizada com o objetivo de obterem dados por meio da cultura de conversa sobre os fatos históricos e geracionais relacionados ao ritual de Encomendação das Almas de Oriximiná.

Para Oliveira (op. cit., p. 78), a educação como estudo “possibilita a comunicação escrita e oral com o outro, melhorando as suas relações sociais. A comunicação é vista também como meio pelo qual se processa o ensino-aprendizagem”. Devido à precariedade de acervo bibliográfico em relação ao ritual de encomendação de Oriximiná, a educação escolarizada (educação de estudo) fica prejudicada e a educação pela prática do ritual passa a ganhar destaque na escola formal do município, os encomendadores assumem a responsabilidade de educadores do povo, pois são mantenedores de saberes e conhecimentos práticos do ritual de Encomendação das Almas, e assim podem propagar uma educação por meio da cultura de conversa (educação do cuidar) relatando seus feitos, suas crenças, seus costumes e seus conhecimentos acerca das almas para os escolares da cidade de Oriximiná e das regiões circunvizinhas. O saber experiencial dos encomendadores foi apreendido no cotidiano social do ritual por meio da oralidade e da repetição prática de gestos e movimentos que caracterizam essa prática, o que a meu ver cria um elo entre a educação formal e não formal, onde a educação

popular/do cotidiano/do senso comum passa a ter o devido reconhecimento pela comunidade letrada. O rezador Abdias de Sousa responde o seguinte sobre a indagação de como aprendeu a realizar o ritual.

*Isso aí, a gente aprende lá no meio, no meio das rezas das almas. A gente quando entra não sabe nada e, com o passar do tempo de tanto escutar e ver os gestos aprende e ganha experiência uns mais rápido que os outros, basta ter vontade de aprender, eu levei uns dois anos pra aprender todas as rezas direitinhas e em que momento eu devo tocar o sino, mas tem gente que leva mais tempo. É diferente da igreja católica que tem tudo escrito, nos não, é só escutando e vendo mesmo, tem que prestar bastante atenção (Entrevista cedida por Abdias de Sousa em abril de 2011).*

Outro ponto a ser considerado na Educação pela Prática do Ritual é o olhar que os rezadores oriximinaense possuem sobre a concepção de religiosidade, pois todos eles a concebem para além da instituição, seja ela católica, evangélica ou outra. Os encomendadores compreendem uma religiosidade ligada a uma dimensão subjetiva que reflete o interior do ser humano, deixando latente em sua prática uma subjetividade relacionada aos sentimentos, a afetividade e a sensibilidade do homem. Ao acreditar que estão salvando almas dos mortos acreditam que ao mesmo tempo estão salvando a sua própria, o encomendador passa de acordo com os ensinamentos de Oliveira (2008b, pp. 68-69), a compreender a religiosidade de forma subjetiva, pois estão cientes da “importância da religião para a sua vida pessoal”, acredito que para os rezadores esse tipo de religiosidade subjetiva flui e se exterioriza no decorrer de sua prática ritualística com suas práticas familiares e sociais cotidianas.

(3) **A Educação em Saúde:** absorve a manutenção do corpo hígido e a eliminação dos vícios que prejudicam o corpo. Ao definir o conceito de saúde Minayo (2010a, p. 31) revela que é importante saber o conceito de cultura para poder definir saúde, pois essa “amplia e contém as articulações da realidade social”. Cultura para a autora além de um lugar subjetivo engloba uma objetividade da própria vida, “ela é o *locus* onde se articulam os conflitos e as concessões, as tradições e as mudanças e onde tudo ganha sentido, ou sentidos, uma vez que nunca há nada humano sem significado e nem apenas uma explicação para os fenômenos” (op. cit., p. 31). E é nesta articulação com a realidade da prática do ritual e o imaginário do caboclo amazônida que se encontra a crença dos encomendadores sobre a obtenção da

saúde por meio da fé e da realização de sua penitência com as almas, os efeitos reais dessa cura além de serem sentidos no corpo, o são em igual proporção sentidos no imaginário.

A meu ver obter saúde ou mantê-la por meio dos ensinamentos adquiridos pelo ritual de Encomendação das Almas serve como um recurso para a vida diária. Para os rezadores serve como um veículo para se viver por mais tempo, acréscimo que pode ser gasto com a família, com as atividades cotidianas, com a sociedade e principalmente com a manutenção da cultura local e da tradição de ser um Encomendador das Almas. Essas ideias levantadas se coadunam com as de Teixeira (2010, p. 72) em relação aos cuidados em saúde, pois para a autora “saber cuidar é o aspecto mais humano do viver/conviver, e pode ser aprendido e transmitido, [...] o cuidar se estende para além do cuidar do eu, indo na direção do outro, da família, da casa, e do lugar”.

No meu entendimento os ensinamentos de Oliveira (2008a, pp. 130-131) são semelhantes aos de Teixeira (2010) quando aquela fala da Educação do cuidar que a meu ver é a mesma proferida por Teixeira quando fala do saber cuidar e da Educação em Saúde por mim proferida. Para Oliveira (2008a) o ribeirinho ao cuidar de sua saúde também o faz em relação ao outro e a família. Pois “os saberes, representações e imaginários são construídos entre o cuidar para ter saúde, o cuidar para minimizar os sinais e sintomas das doenças e o cuidar dos corpos doentes pelo esforço do trabalho e dos acidentes com instrumentos e animais” (op. cit., pp. 130-131) e que a reza pode ajudar o ribeirinho a enfrentar um possível risco para a saúde. Observo esse traço de cuidado com o corpo físico nos encomendadores de Oriximiná, pois os mesmo relacionam a aquisição ou manutenção da saúde com a fé e a participação efetiva no ritual, para eles a prática da Encomendação das Almas lhes assegura limites individuais e coletivos que evitam contrair vícios que possam impossibilitar um corpo hígido e perfeito e a continuidade da penitência com o ritual.

Essa postura observada nos encomendadores vem ao encontro aos ensinamentos de Oliveira (2008a) quando a autora referenda que “dar centralidade ao cuidado é respeitar nossos próprios ritmos individuais e também coletivos, é dar conta das nossas limitações individuais e condições coletivas, é colocar a vida para além da sobrevivência” (op. cit., p. 98) alerta que é necessário obter o cuidado para evitar o descuidar, pois cabe somente ao homem reservar um tempo para a prática do cuidar da saúde, ação que deve ser tomada com o escopo de “despertar uma

consciência de direito ao tempo de cuidar, enfim construir uma consciência sanitária” (op. cit., p. 99). Essa tomada de consciência sanitária elencada por Oliveira é observada nos rezadores de Oriximiná quando os mesmos professam que deixaram ou diminuíram a ingesta de bebidas alcoólicas para se manterem saudáveis, pois necessitam de saúde para continuar por um longo tempo sendo encomendadores, cumprindo desse modo o contrato firmado com as almas.

### *3.5.1 Saberes contidos na Educação Moral, na Educação pela Prática do Ritual e na Educação em Saúde.*

Abaixo descreverei alguns saberes encontrados em vários trechos das entrevistas com os Encomendadores das Almas que exemplificam, na minha concepção, a Educação Moral, a Educação pela Prática do Ritual e a Educação em Saúde.

*Para os aprendizes de encomendador das almas:*

- Maílson – Educação Moral e Educação pela Prática do Ritual.

*Educa porque me ensina a **respeitar os mais velhos, a ser correto com as pessoas, a valorizar a família e a ter atenção com as coisas**, principalmente quando a gente vai **aprender as orações**, a gente tem que prestar bastante atenção pra poder aprender, pois é um pouco difícil, é muita reza que a gente tem que fazer e, tudo é só de ouvido, tem algumas no livro - liturgias ribeirinhas – que eu não tenho em casa, então tem que ter atenção pra poder aprender durante as encomendações nas casas e depois **cantar direito**, pois cada uma tem um **tom diferente de voz** e às vezes fica difícil porque a gente ainda não sabe qual voz vai fazer (entrevista cedida por Maílson em abril de 2011).*



Foto 21 – Maílson.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

- William – Educação Moral e Educação pela Prática do Ritual

*A gente **aprende e depois ensina** ou outros e, quando a gente ficar mais velho pode ser substituído também e, assim **continuar a tradição** de sempre ter um **encomendador na família** e não acabar o ritual (entrevista cedida por William em abril de 2011).*

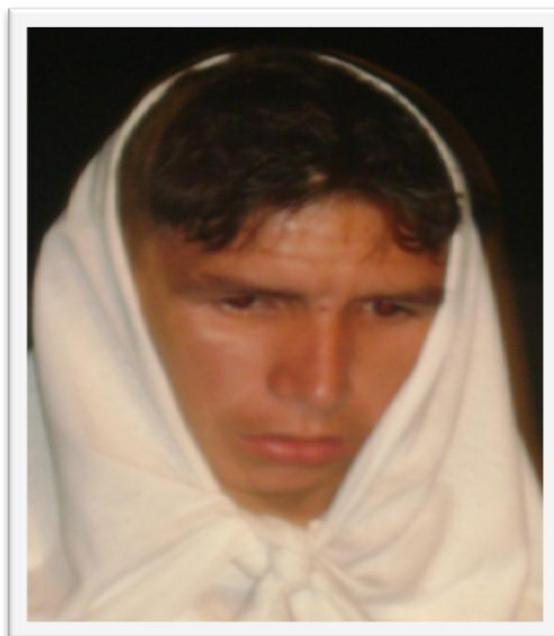


Foto 22 – Willian.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2011.

*Para os encomendadores:*

- Raimundo Elói – Educação Moral e Educação pela Prática do Ritual

*Acho que educa sim, pois a gente aprende a **respeitar as pessoas, as suas religiões, a não ter preconceito com nenhuma**, principalmente aprendemos que temos que **ter fé** e se todos aprendessem isso saberiam que não precisa de várias religiões, o que precisa é ter fé, o que vale para Deus é a fé nele e nos seus ensinamentos. A nossa **religião nos dá fé**, as dos outros, eu não sei o que ensinam.*

*A gente aprende também a ter **noção de música**, pois as rezas são orações cantadas, então a primeira coisa que a gente tem que aprender são as toadas (**ritmo**) de cada uma e, ficar repetindo até aprender, até porque a gente tem que saber qual é o **tipo de voz** que a nossa vai acertar, se encaixar, tudo isso acontece na prática, acompanhando todos os anos, ou pedir para alguém te passar, repetir pra ti, até você aprender (Entrevista cedida por Raimundo Elói em abril de 2011).*



Foto 23 – Raimundo Elói.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

- Jorge Hipólito – Educação Moral, Educação pela Prática do Ritual e Educação em Saúde.

*Aprendi que **não devo beber**, e principalmente **a respeitar os mais velhos e a todos com quem convivo**. Aprendi que **não devo me meter em confusão** tanto na rua quanto em casa, **a ter respeito com a família**. Tudo que eu aprendo com o seu Germano e com o ritual de encomendação eu trago para dentro de casa e **ensino pros meus filhos**, tanto é que eu já tenho espelho na minha casa, pois já*

*tenho dois filhos que já estão dentro do grupo, as meninas também aprendem com a minha esposa que é filha antiga do velho, é íntima dele, por isso já deve saber e trouxe isso com ela e ensina para os filhos (Entrevista cedida por Jorge Hipólito em abril de 2011).*



Foto 24 – Jorge Hipólito.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

*Para os Padres:*

- Abdias de Sousa – Educação Moral, Educação pela Prática do Ritual e Educação em Saúde.

*A gente aprende que devemos **respeitar os outros, pra não beber, brigar na rua, a respeitar os mais velhos**, porque é com eles que nós aprendemos as rezas e como fazer as encomendas, tudo isso **a gente aprende na prática do fazer a encomenda, no dia a dia das rezas**. E quando a gente aprende direito, as almas ganham um bom lugar pra ficar, não sei onde, mas um bom lugar, e eu acho que **elas aprendem a não sofrer mais**. As almas Benditas me ensinam a ter paz e, a saber esperar, elas me dão tudo que quero, principalmente **saúde** (Entrevista cedida por Abdias de Sousa em abril de 2011).*

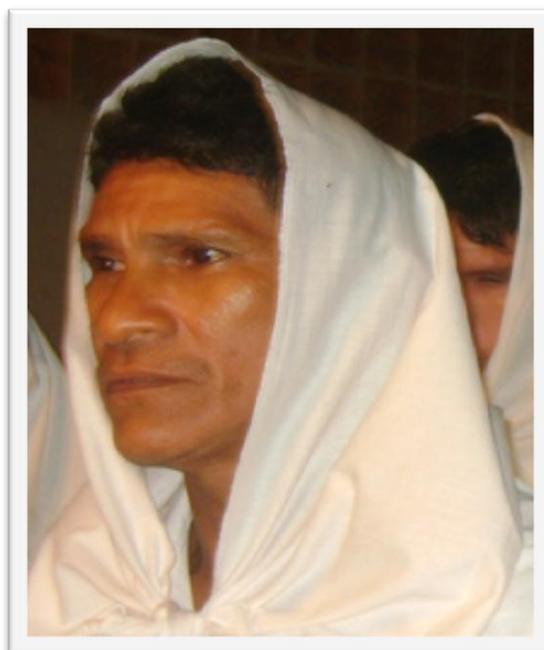


Foto 25 – Abdias de Sousa.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

- Floriano Soares – Educação Moral e Educação pela Prática do Ritual

*Essa Encomendação das Almas dá muita educação pra gente, primeiro ela nos deixa muito tranquilo a nossa penitência nos faz **aprender a ficar mais concentrado, calmo a ter a verdadeira paz**, então pode vim preocupação de tudo que é lado que sempre nos vamos ter tranquilidade pra resolver sem ficar nervoso, agressivo a gente **aprende a ficar tranquilo** e isso me faz ser uma pessoa que não explode facilmente, principalmente quando a gente, as vezes, é criticado nas ruas, eu sempre me controlo e controlo os outros para não revidar nunca falar uma coisa pra ofender alguém.*

*Meu pai sempre me dizia: “meu filho isso ai é pra você aprender a ter **tranquilidade, isso é um lado da sua educação**” e, eu levo isso pra casa, inclusive eu trato meus filhos igualmente como eu trato a equipe que tá junto comigo e que herdei do meu pai com **respeito, com educação, ensinando** que eles têm que ter tranquilidade e que a vida é muito boa e que ela tem que ser controlada e, devido a isso hoje **os meus filhos** são umas pessoas muito superiores (respeitosos) comigo, e demonstram que querem também seguir os nossos passos (Entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*

E mais,

*Hoje mesmo quando eu cheguei de madrugada o meu filho de quatorze anos me disse: “papai! esse outro ano eu completo quinze anos [...], eu já vou rezar com o senhor, já vou participar porque quando cair no meu **estudo** eu não vou mais perseguir o senhor, eu já sei o que significa é então eu faço sozinho o meu **trabalho da escola**”, isso porque ele viu que ano passado (2010) muitas **crianças da escola** me procuraram lá em casa*

*para saber mais sobre a história da Encomendação das Almas (Entrevista cedida por Floriano Soares em abril de 2011).*



Foto 26 – Floriano Soares.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

*Para os Ex-Padres:*

- Lauro Ribeiro – Educação Moral, Educação pela Prática do Ritual e Educação em Saúde.

*Devemos ter a compreensão de aprender o que for possível das rezas e de como fazer a encomendação, [...] nós temos que render obediência com todas as pessoas [...] o ritual **ensina o bom e o ruim, mais ensina mais o bom**. O ruim só quando o camarada não sabe o que é uma reza, a responsabilidade de uma reza e fica só murmurando o rito de encomendar as almas, **ensina que devemos ser educados e a respeitar os outros** e principalmente as almas para quem a gente reza.*

*Olha, patroa eu vou lhe dizer uma coisa certa eu era um bocado estragado, eu bebia muito, eu já apanhei tuberculose em Manaus, mas graças a Deus, as irmãs e as almas benditas se virarem eu fiquei bom, lá eu voltei pra Oriximiná e continuei de novo na reza [...]. Rezar pras almas me **ensinou que eu não devo beber, devo me manter sóbrio e ter um corpo bom, sem doença** se não como poderia cumprir com minha obrigação com elas e como poderia **manter a saúde até hoje**, olha enterrei minha segunda em setembro e, eu ainda, estou aqui (risos) (Entrevista cedida por Lauro Ribeiro em abril de 2011).*



Foto 27 – Lauro Ribeiro.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

- Germano de Sousa – Educação Moral e Educação pela Prática do Ritual

*Ensina que devemos **preservar a nossa tradição e a nossa cultura**, pois é com ela que aprendemos o que somos hoje, **pessoa honesta e de princípios que ama a família** (Entrevista cedida por Germano de Sousa em abril de 2011).*

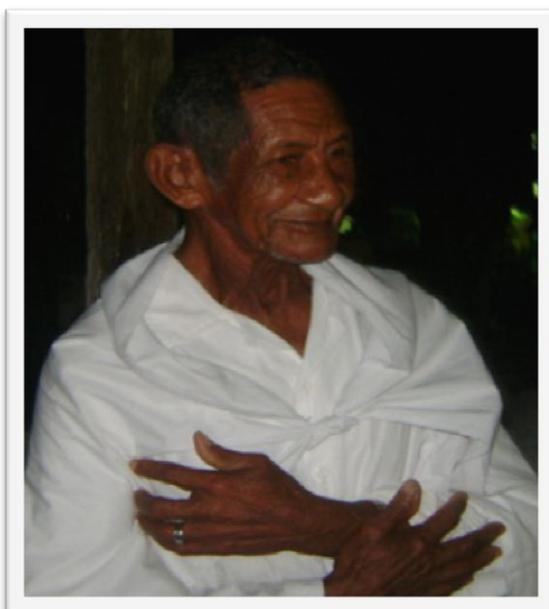


Foto 28 – Germano de Sousa.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Após esse mergulho nos tipos de Educação e nos saberes que emergem do ritual praticado pelos Encomendadores das Almas de Oriximiná me baseio na concepção de Brandão (2002) para dizer que a preservação da cultura de um povo é uma forma de valorização da educação como instrumento de autonomia das pessoas em torno de suas vivências, bem como de suas práticas educativas e saberes. E mais, que a produção de um saber popular ou do senso comum pode ocorrer em diversas direções, diferentemente daquela que, na maioria das vezes, se imagina ser a verdadeira.

Não existiu primeiro um saber científico, tecnológico, artístico ou religioso "sábio e erudito" que, levado a escravos, servos, camponeses e pequenos artesãos, tornou-se, empobrecido, um "saber do povo". Houve primeiro um saber de todos que, separado e interdito, tornou-se "sábio e erudito"; o saber legítimo que pronuncia a verdade e que, por oposição, estabelece como "popular" o saber do consenso de onde se originou (BRANDÃO, 2006, p. 31).

Talvez como preconize Brandão (2007a, p. 19) "a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião", pois ela é viva e multiforme, os símbolos e os modos de vida sociais estão em plena luta pela sobrevivência e autonomia "em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre *domínio* erudito dos dominantes e o *domínio* popular dos subalternos".

Martinic (1995, p. 77) revela que o saber popular é construído no momento em que os indivíduos sociais conseguem compreender e interpretar atitudes vivenciadas no mundo real com o cotidiano de suas vidas. Desse modo, o conhecimento adquirido pode proporcionar a formação de um grupo de observações que possibilitem ao sujeito compreender as suas experiências e, passá-la de forma clara para os outros. Tornando-se um conhecimento coletivo que se produz da realidade, pois permite um reconhecimento social. O saber, desta forma, representa a identidade e o caráter intersubjetivo e interativo de um indivíduo com a sociedade em que habita o que me possibilita dizer que o conhecimento é uma configuração de aspectos diversos e heterogêneos na composição dos saberes, pois a conjectura dos aspectos sociais de acordo com Jovchelovitch (2008, p. 42) é uma,

teoria sobre os saberes sociais. Ela se dirige à construção e transformação dos saberes sociais em relação a diferentes contextos sociais [...], que compreende os saberes produzidos na, e pela, vida cotidiana. Neste sentido, a teoria das representações sociais pertence a uma tradição que chamo de fenomenologia da vida cotidiana, preocupada em compreender

como pessoas comuns, comunidades e instituições produzem saberes sobre si mesmas, sobre os outros e sobre a multidão de objetos sociais que lhes são relevantes. [...], ela partilha o interesse em trazer à luz a estrutura das visões de mundo, das crenças e formas de vida que produzem teorias sobre a vida cotidiana e os saberes que ela contém (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 42).

Após falar sobre o processo de construção social e histórica da emergência dos saberes presentes no Ritual, delimitando os tipos de educação e os saberes construídos na Encomendação das Almas, venho agora abordar o segundo objetivo específico desta pesquisa para dizer como esses saberes são transmitidos entre as gerações de Encomendadores das Almas de Oriximiná. Chego à mesma conclusão que Cândia (2007) e Soares (2007) obtiveram em suas pesquisas de que o repasse desses conhecimentos se dá por meio da oralidade, acrescento que ao repetir as ladainhas os rezadores não estão só aprendendo as letras, mas também o ritmo e a musicalidade das orações.

Esse processo de aprendizagem se dá a partir de contínuas repetições, por meio das quais os rezadores memorizam as ladainhas e aprendem o tom das vozes. Além disso, é aprendido, também, por meio da narração todo o processo do ritual, como e onde ele inicia e termina, quais orações devem ser cantadas durante os três dias em que acontece o rito, como um rezador deve se comportar socialmente. Os conhecimentos que são repassados por meio da oralidade se referem na maioria das vezes a prática do ritual e a valores morais, sociais e de saúde, os quais devem nortear a conduta e o comportamento do encomendador em relação a manutenção de um corpo sadio e um bom relacionamento com o seu grupo, com a família e com a sociedade.

Como diz Ecléa Bosi (1994, pp. 88-89), “a narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma”. E é desta maneira que os Encomendadores das Almas fazem, eles se envolvem com o ritual, de tal maneira que cada vez que repassam os conhecimentos guardados na memória de como encomendar uma alma suas experiências são impressas nas informações divulgadas. Os ensinamentos de Bosi me fazem lembrar a teoria de Platão (1973, pp. 191-192) sobre a importância da memória na aquisição do conhecimento. Platão usa de metáfora para falar sobre memória, comenta que há um bloco de cera em nossas almas, presente de *Mnemosýne*, cada ser humano possui o seu bloco de

cera que é impresso com características e qualidades próprias, pois a cera por ser maleável pode guardar as impressões das experiências vividas por cada indivíduo.

Para o encomendador é comum, faz parte de sua vida falar sobre a Encomendação das Almas, de quem já morreu, falar das almas para as quais são devotos e para as que tentam salvar. Todas as histórias contadas pelos rezadores estão inscritas dentro da sua própria história, do seu bloco de cera, que contemplam o seu nascimento, vida e morte. E é neste reviver do contar suas experiências que sobrevive à tradição de como ser um Encomendador das Almas. Dessa forma, a aprendizagem por meio da oralidade é favorecida por meio de técnicas denominadas *mnemotécnicas* que para Le Goff (1992, p. 423) significa a existência de vários sistemas de educação da memória, por algumas sociedades em diferentes épocas, com objetivo específico de exercitar a memória, função importante no campo da poesia oral e, se assim me permitam dizer, na prática religiosa da Encomendação das Almas tal como se pode observar nos depoimentos de Jorge Hipólito e Lauro Ribeiro.

*Os ensinamentos do ritual são repassados a outras pessoas, no caso pra quem quer ser encomendador, pela prática, pela voz, escutando e decorando o que foi dito em voz alta. Tudo que a gente aprende é passado através do exemplo, eu me modifico e através da minha mudança de como eu me comporto na vida dou o exemplo pros meus filhos e eles aprendem e se modificam também se eles quiserem, pois cada um tem o livre arbítrio (Entrevista cedida por Jorge Hipólito em abril de 2011).*

*Para fazer parte do grupo de Encomendadores de Almas e participar tem que saber a reza em primeiro lugar, por que senão não adianta. A senhora sair pra pedir os pais nossos e não ter o oferecimento, se a senhora não sabe oferecer, não sabe rezar uma Sexta-Santa, não sabe rezar um Saclário, não sabe rezar um Bendito, [...], tem que saber mesmo os oferecimentos pra poder ser um encomendador, [...]. Mas isso se aprende com mesmas pessoas que a gente tá andando durante as encomendações, na prática do ritual, eles estão indicando tudo.*

*A questão é que a gente abra os ouvidos e preste atenção. [...] aprendi decorando, de memória, só demorou um pouquinho, uns dois anos mais ou menos pra eu ser um rezador, encomendador completo, não teve nada escrito não! Nenhuma letra, só na voz e na cabeça mesmo (Entrevista cedida por Lauro Ribeiro em abril de 2011).*

Em sociedades onde a cultura é predominantemente oral, como no caso do ritual de Encomendação das Almas, o rezador elabora mentalmente suas composições, pois não há como escrever suas palavras. Fentress e Wickham (2003) dizem que esse tipo de habilidade, de guardar na cabeça o que foi produzido, é uma forma de treino da memória, onde a métrica e a estrutura auditiva composta em

formato repetitivo ajudam o indivíduo a recordar. Falam que é comum esse tipo de aprendizagem em comunidades iletradas. É válido ressaltar que, embora os encomendadores desta pesquisa sejam alfabetizados, a presença de uma intuição auditiva da linguagem é a base do aprendizado, pois a linguagem cultural do ritual é predominantemente oral e, se adequam como técnicas de memorização para educação musical das ladainha proferidas na Encomendação das Almas, pois os rezadores acabam adquirindo involuntariamente uma noção de musicalidade, aprendem sozinhos e acabam sabendo de forma empírica posicionar seus tons de vozes em escalas de sons, seja em primeira, segunda, terceira vozes, além do falsete, requinta, baixo e contrabaixo. Essa noção de musicalidade pode ser observada no depoimento do encomendador Lauro Ribeiro.

*Aprendi sozinho, escutando, guardando de memória os ensinamentos que me eram repassados na prática. Primeiro me colocaram para o baixo, tinha que fazer voz grossa rummmm (risos). Mas, estava sempre escutando as rezas deles pra poder aprender e saber qual voz eu poderia fazer, graças a Deus eu aprendi, eu fazia a primeira voz (Entrevista cedida por Lauro Ribeiro em abril de 2011).*

Essa educação pela memória corresponde a uma das mais importantes aprendizagens obtidas pelo ritual de encomendação, a Educação pela Prática do Ritual, dessa forma, me aproprio dos conhecimentos de Oliveira (2008b, p. 73), para dizer que a educação está intimamente ligada "à cultura de conversa, isto é, ao saber experiencial apreendido no cotidiano social, através da oralidade". Para a autora a educação se revela a partir das narrações dos mais velhos, sobre as histórias de suas vidas, experiências que os levaram a absorver uma sapiência a ser transmitida as futuras gerações.

Esse tipo de educação não acontece somente na prática, mas pela prática da encomendação pelos rezadores e seus aprendizes. Os saberes apreendidos são frutos da observação e atuação dos sujeitos no ritual o que conduz aos praticantes uma aprendizagem de ações, movimentos, dizeres e atitudes inerentes a ritualística da Encomendação das Almas. Portanto, Oliveira (2008) diz que os saberes e as práticas sociais são fundamentais para que ações pedagógicas sejam criadas e recriadas socialmente para que um grupo ou uma sociedade as institucionalizem como real. Esses saberes produzidos no cotidiano social estão no centro das atenções, evidenciando a formação e a prática da educação fora do contexto

escolar. E como assevera Aldo Vannucchi (2006, p. 56) em *Cultura Brasileira: o que é, como se faz?*

Há de se estudar cultura brasileira observando e ouvindo nosso povo, na sociedade de classe em que se encontra, hoje, tal qual ele é: marcado por enormes diferenças regionais, perdido no desamparo do campo ou no submundo das concentrações urbanas, tangido por migrações internas, vítimas de gritantes desníveis socioeconômicos e, na sua imensa maioria, excluídos e vilipendiados na sua cidadania (VANNUCCHI, 2006, p. 56).

O importante é considerar a inteligência e a identidade do homem brasileiro de se manter fiel ao povo, considerar suas práticas e culturas cotidianas locais em igualdade de condições com as consideradas científicas. Deve-se manter nas transcrições dessa cultura, do cidadão comum, uma fidelidade genuína e sem limitações preservando as características próprias do saber popular, afinal como prega Brandão (2002, p. 108) a cultura é a morada do saber.

## Considerações Finais

Estudos do comportamento humano nos ajudam a refletir sobre as mudanças que a sociedade sofreu ao longo do tempo, o que nos permite identificar as rupturas ocorridas que colaboraram para as transformações do mundo até chegar ao que conhecemos hoje. As atitudes de algumas sociedades mediante a morte vêm se modificando lentamente, em um dado momento, assume uma forma inovadora e em outro, retornam a era primitiva. As posturas em relação à religiosidade e à espiritualidade também sofreram mudanças nesse mesmo compasso no decorrer dos séculos.

A melancolia trazida pela morte acarreta na maioria dos brasileiros ribeirinhos um olhar temeroso, de mau presságio a sua presença, o que pode desencadear uma não percepção do quanto ela é inerente à vida, essa concepção talvez seja influenciada pelo imaginário cultural que por ventura mantém resquícios da colonização e doutrinação pelo catolicismo. Mas, não é essa visão que encontrei nos Encomendadores das Almas de Oriximiná, no trato com a morte, tal como os indígenas eles veem a morte como transformação necessária, para que o mundo e a vida possam continuar a existir, talvez isso esteja relacionado às suas posturas espirituais e culturais.

Esse sincretismo religioso muito caracteriza o povo brasileiro por meio de um imaginário repleto de crenças, mitos e lendas em relação às almas. A simbologia dos rituais de morte encontrados pelo Brasil é marcada pela esperança, porque significa a promessa da sobrevivência e bom encaminhamento do morto para o além-túmulo. A necessidade de intermediar a morte está, assim, inscrita na consciência do homem e na memória coletiva, morrer é uma realidade para todos que nascem.

Nesse contexto, encontram-se os Encomendadores das Almas de Oriximiná, pois eles acreditam que a alma dos mortos tem influência sobre suas vidas, trazendo saúde e prosperidade, essa capacidade das almas intercederem e influenciarem na vida dos vivos pode está relacionada com a fé religiosa dos encomendadores, ou ainda, na crença da existência de vida após a morte, neste ponto o encomendador acrescenta outra função de se encomendar as almas, a de salvá-las para poderem reencarnar novamente.

O que me leva a crer que o estudo do ritual de Encomendação das Almas foi importante para uma análise dos saberes e dos processos culturais e educacionais que perpassam o contexto dessa manifestação, que pode ser entendida como um ritual que envolve representações vivas da tradição oral de uma sociedade, pois se observa um intenso envolvimento do homem amazônico com o imaginário popular e a realidade na qual está inserido. Promovendo, a todo o momento, um fluxo das representações simbólicas do homem com o meio, do homem com a natureza e do homem com os mitos e credos que o cerca.

Portanto, investigar os saberes e as práticas educativas que se apresentam nesse rito é colocar em evidência os conhecimentos adquiridos por todo um período de vida, de gerações. Esse poder estruturante das relações de convivência se configura como um processo contínuo de criação e recriação que necessita ser observado, analisado e compreendido para posteriormente ser legitimado no contexto educacional, por meio da ciência.

Como processo educativo, o ritual caracteriza-se por sua dimensão estética, construído de forma intergeracional e transmitido pela oralidade. A prática de ser Encomendador das Almas contempla a Educação Moral, a Educação pela Prática do ritual e a Educação em Saúde. Todas ensinam aos rezadores como repassar o conhecimento e os saberes acerca da musicalidade, da união familiar, da aquisição de conhecimento para a escola formal, da intermediação da salvação das almas, das regras de comportamento, da conduta social, da fé e religiosidade, da liberdade de credo religioso, do respeito aos mais velhos, da preservação da tradição e da cultura, da manutenção do corpo hígido, da eliminação dos vícios que prejudicam o corpo, além da socialização dos valores cultivados ao longo da história do ritual. Saberes esses que estão vinculados às representações sociais e ao imaginário da vida da população, adquiridos por meio da cultura local, pelas formas de relacionamento interpessoal no cotidiano das pessoas com os rezadores de almas que evidenciam experiências de vida em seu contexto histórico-cultural.

É nesse quadro de representação social que se encontram os Encomendadores das Almas de Oriximiná, eles acreditam que as almas dos mortos podem ajudá-los a viverem melhor na Terra e a manterem um bom relacionamento com os vivos e com os outros mortos. Nesta pesquisa, verifiquei a capacidade de os mortos intercederem e influenciarem na vida dos vivos por meio do imaginário dos encomendadores que se exteriorizam na prática do ritual; percebi ainda que os

saberes da morte podem trazer para as pessoas circunscritas, ou não, no ritual uma oportunidade de compreensão acerca dos diferentes sentidos da morte nas sociedades, bem como compreender e respeitar o imaginário dos encomendadores de Oriximiná por realizarem esse tipo de intercessão pelos mortos, rito mesclado de diversas influências culturais. A meu ver uma nova cultura ou um novo homem não são criados somente por meio de critérios científicos, mas surge ao longo de processos coletivos de classes sociais que se educam por meio de suas próprias práticas e consolidam o seu saber com o aporte da educação popular ou do senso comum. Na educação não formal, o imaginário, o simbolismo e a cultura local têm papel fundamental na formação de uma sociedade transformada e identitária.

Assim, a presente pesquisa tende a considerar a educação como um processo cultural obtido por meio de conhecimentos do senso comum adquirido pela oralidade dos Encomendadores das Almas durante suas práticas religiosas, nas quais os conhecimentos existentes são transmitidos de forma intergeracional, através do tempo, representando, dessa forma, o sustentáculo dos saberes do ritual e da educação não formal.

## REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Cruzando olhares para revelar tendências: histórias da fotografia por um instantâneo da história*. 2006. Disponível em: < <http://www.fotoetnografia.com.br/biblioteca.htm> >. Acesso: 25 nov 2011.

ANCHIETA, José de. In: HUE, Sheila Moura. *Primeiras cartas do Brasil [1551-1555]*. Tradução, introdução e notas Sheila Moura Hue. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ANDRÉ, Marli Eliza Damalzo Afonso de. *Etnografia da Prática Escolar*. 11 ed. São Paulo: Papirus, 1995.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

\_\_\_\_\_. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. Tradução Luiza Ribeiro. Coleção Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?* Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1996.

BETTENDORFF, João Phelippe (padre). *Chônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão (1699)*. RIHGB, tomo LXXII (72). Rio de Janeiro: 1910.

\_\_\_\_\_. João Felipe (Pe.) 1627-1698. *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. 2 ed. Série Lendo o Pará. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretária de Estado da Cultura, 1990.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOCHICCHIO, Vincenzo Raffaele. *Atlas Mundo Atual*. São Paulo: Atual, 2003.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velho*. 3ª ed. São Paulo: Companhia de letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular*. 3. ed. Uberlândia: EDUFU, 2007a.

\_\_\_\_\_. *O que é Educação?* (Coleção Primeiros Passos – n. 20). São Paulo: Brasiliense, 2007b.

\_\_\_\_\_. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

\_\_\_\_\_. *A educação como cultura*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Em campo aberto*. São Paulo: Cortez, 1995.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CÂNCIO, Raimundo Nonato de Pádua. *Os Rezadores de Almas de Oriximiná: da relação escola – saberes e práticas culturais*. Trabalho (Disciplina Educação e Política Cultural – Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado). Universidade do Estado do Pará, Belém, 2007.

CANDAU, Vera Maria. Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*. v. 13, n. 37, jan-abr, 2008.

CARVALHO, Nazaré Cristina. *Entre o rio e a floresta: um estudo do imaginário e da ludicidade de crianças ribeirinhas*. 2006. 292f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 3 ed. Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. *A invenção do Cotidiano: Arte de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

COSTA, Ana Cristina Lima. *Saberes dos rezadores da Amazônia: uma forma de educar por meio de cantos e preces*. Artigo (disciplina Epistemologia e Educação – Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado). Universidade do Estado do Pará, Belém, 2011.

COTTINGHAM, John. *Descartes: a filosofia da mente de Descartes*. Tradução Jesus de Paula Assis. (Coleção grandes filósofos). São Paulo: Editoras UNESP, 1999.

*Dados Cartográficos*: via satélite, da localização de Oriximiná – Pará. <Disponível em: @2011 Google – Imagens @ 2011TerraMetrics>. Acesso em: 10 nov 2011.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800. Uma cidade sitiada.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DIAS, Margot & DIAS, Jorge. *A Encomendação das Almas*. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular – Universidade do Porto. Porto: Imprensa Portuguesa, 1953.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário.* São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

FARES, Josebel Akel. Religiosidades mestiças In: OLIVEIRA, Ivanilde Oliveira (Org.). *Cartografias Ribeirinhas: Representações sobre religiosidade em práticas educativas populares.* Belém: EDUEPA, 2008b.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(1):17-27, jan, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa.* 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chis. *Memória Social.* Lisboa: Teorema, 2003.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Almas em busca da salvação: sensibilidade barroca no discurso jesuítico (século XVII). *Revista Brasileira de História*, vol. 24, nº 48, p. 255-300 – 2004.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa.* 2. ed. Tradução Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. *Educação na cidade.* 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.* 2 ed. São Paulo: Olho D'água, 1993.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

GAMA, Lopes (1832). REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: NOVAIS, Fernando A (coord.); ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil 2º Império: a corte e a modernidade nacional.* São Paulo: Companhia das letras, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GERALDES, João Adolfo. *Mitos e Ritos da Paixão*. A Quaresma, a Semana Santa e a Misericórdia de Proença-a-Velha. Portugal: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 2004.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Do presépio à balança, representações sociais da vida religiosa*. Belo Horizonte: Mazza, 1994.

GRUZINSK, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HAMMERSLEY; ATKINSON. Apud FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução. Sandra Netz. – 2. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2004.

HUE, Sheila Moura. *Primeiras cartas do Brasil [1551-1555]*. Tradução, Introdução e Notas Sheila Moura Hue. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

HERIARTE, Mauricio de. (1662) – Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas. In: VARNHAGEN, F. A. *História Geral do Brasil*. 8ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

HOBSBAWM, Eric, (org.) e RANGER, Terence (org.). *A Invenção das Tradições*. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1997.

HOORNAERT, Eduardo (Coord.). *História da Igreja na Amazônia*. Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina – CEHILA. Petrópolis: 1992.

INSTITUTO DE ARTES DO PARÁ (IAP). *Liturgias Ribeirinhas nº 1 – Encomendação das Almas*. Belém: IAP, 2006.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Os contextos do saber: Representações, comunidades e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNQUEIRA, Bié. Rito de passagem da vida, da morte ao céu. *Anuário do 35º Festival do Folclore*, 8-15 ago. 1999.

KARDEC, Allan. 1804-1869. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução Salvador Gentile, Revisão Elias Barbosa. 74. ed. Araras, SP: IDE 1992.

\_\_\_\_\_. 1804-1869. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução Salvador Gentile, Revisão Elias Barbosa. 365. ed. Araras, SP: IDE, 2009.

KOSS, Monika Von. *Rubra Força: Fluxos do poder feminino*. Coleção Ensaios Transversais. São Paulo: Escrituras, 2004.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michel. *Pesquisa pedagógica: do projeto a implementação*. Porto Alegre: Artemed, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica*. Uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

\_\_\_\_\_. *Obras Reunidas*. v. 4. São Paulo: Escrituras, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Magia, Ciência e Religião*. Lisboa: Edições 70, 1984. In: SOARES, Mariana Pettersen Soares. *A poética da morte no ritual dos Encomendadores de Almas no município de Oriximiná*. 2007. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

MARCEL, Postic. *O imaginário na relação pedagógica*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993. In: CARVALHO, Nazaré Cristina. *Entre o rio e a floresta: um estudo do imaginário e da ludicidade de crianças ribeirinhas*. 2006. 292f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Metodologia e técnica de pesquisa em educação*. Belém: EDUEPA, 2010.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da Fotografia e da Imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINIC, Sergio. Saber popular e identidade. In: *Educação popular: utopia latino-americana*. São Paulo: Cortez, 1995.

MAUÉS, R. Heraldo. *A Ilha Encantada: Medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores*. Coleção Igarapé. Belém: EDUFPA, 1990.

\_\_\_\_\_; VILLACORTA, Gisela Macambira. Pajelança e Encantaria Amazônica. Trabalho apresentado no Simpósio de pesquisa conjunta “as ‘outras’ religiões afro-

brasileiras” (PQ01). *VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*. São Paulo, 22 a 25 de Setembro de 1998.

MELLO, Lúcia. Etnometodologia e Educação. In: *Apostila da disciplina Sociologia da Educação*. Curso de Especialização em Docência da Educação Superior. UEPA, 2008/2009.

\_\_\_\_\_. Referenciais teóricos de abordagem e seus compatíveis metodológicos. In: *Apostila da disciplina Metodologia da Pesquisa*. UEPA, 2007a.

\_\_\_\_\_. O processo de amostragem na pesquisa científica. In: *Apostila da disciplina Metodologia da Pesquisa Científica*. UEPA, 2007b.

MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. trad. Maria do Carmo Alves do Bomfim. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010a.

\_\_\_\_\_. (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010b.

MORIN, Edgar. (1921) *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. (1921). *Edgar Morin: Ninguém sabe o dia em que nascerá*. Tradução Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo: Editora UNESP; Belém Pará: Editora da Universidade Estadual do Pará, 2002a.

\_\_\_\_\_. (Org.) *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

MOTA NETO, João Colares da. *A educação no cotidiano do terreiro: saberes e práticas do Tambor de Minas na Amazônia*. 2008. 193f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2008.

NÓBREGA, Manuel de. (1954). In: HUE, Sheila Moura. *Primeiras cartas do Brasil [1551-1555]*. Tradução, introdução e notas Sheila Moura Hue. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

NOGUEIRA, Carlos. *Bruxaria e História: as práticas mágicas no Ocidente Cristão*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

NUNES, Benedito. *Ensaio 122: passagem para o poético*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. *Boaventura & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. (Org.). *Cartografias Ribeirinhas: Saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizandos amazônidas*. 2. ed. Belém: EDUEPA, 2008a.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Cartografias Ribeirinhas: Representações sobre religiosidade em práticas educativas populares*. Belém: EDUEPA, 2008b.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de & ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. "Pequenos Santos": uma devoção familiar. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, v. 2, n. 1, 2011.

ORLANDI, Eni Puccielli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2009.

PASSARELLI, Ulisses. Encomendação das Almas : um rito em louvor aos mortos. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, 2007.

PEDREIRA, Carolina. Cantos rezados, rezas cantadas: atos, palavras e sons no ritual de lamentação das almas. *Revista Música & Cultura*. n. 4, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Irmãos de almas: rituais de lamentação na Chapada Diamantina*. 2010. \_f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010b.

PEIXOTO, Adão José. (Org.). *Interações entre Fenomenologia & Educação*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

PIERSON, Donald. *O Homem no Vale do São Francisco*. Tomo I. Rio de Janeiro: SUVALE, 1972.

PIMENTEL, Danieli dos Santos. *Saberes necessários à educação na contemporaneidade: poéticas da oralidade ou aprender pela voz*. f.15. Artigo apresentado na disciplina Epistemologia e Educação – Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Estado do Pará, 2010.

PIRES, Antonio. (1551). In HUE, Sheila Moura. *Primeiras cartas do Brasil [1551-1555]*. Tradução, introdução e notas Sheila Moura Hue. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PLATÃO. *Diálogos*, Volume IX (Teeteto e Crátilo). Tradução Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973.

PORRO, Antonio. Os povos indígenas da Amazônia à chegada dos europeus (1992). In: HOORNAERT, Eduardo (Coord.). *História da Igreja na Amazônia*. Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina – CEHILA. Petrópolis: 1992.

PRIGOGINE, Ilya. (1917) *Ilya Prigogine: do ser ao devir*. Tradução Maria Leonor F. R. Loureiro. São Paulo: UNESP; Belém, PA: Editora da Universidade Estadual do Pará, 2002.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da vida privada no Brasil 2º Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

REIS, Artur César Ferreira. *A conquista espiritual do Amazonas*. São Paulo: Escolas Profissionais Salestistas, 1942.

\_\_\_\_\_. *A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RODRIGUES, Auro de Jesus. *Metodologia científica: completo e essencial para a vida universitária*. São Paulo: AVERCAMP, 2006.

RODRIGUES, Múltiplos Espaços, Diferentes Linguagens e a Valorização dos Saberes. Mesa Redonda Educação, Cultura Amazônica em Espaços não escolares. *IV Seminário do Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará*. Belém; digitados diversos, 2008.

\_\_\_\_\_. Denise Sousa Simões et al. Cultura, cultura popular amazônica e a construção imaginária da realidade. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno & SANTOS, Tânia Regina Lobato (Orgs.). *Cartografias de Saberes: representações sobre a cultura amazônica em práticas de educação popular*. Belém: EDUEPA, 2007.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achamé, 1983.

ROCHA, Ewelter. Cantar os mortos: Benditos fúnebres nas sentinelas do Cariri (CE). *Revista ANTHROPOLOGICAS*, ano 10, v. 17(1): 49-66, 2006.

ROERICH, Nicholas. *Shambhala: Em busca da Nova Era*. tradução de Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ROTTENSTEIN, Annie. O sentido da vida e da morte através dos tempos – do ponto de vista da civilização ocidental. In: D'ASSUMPÇÃO, Evaldo Alves. *Biotanatologia e Bioética*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SANT'ANNA, José. Cuide da vida, porque a morte é certa. *Anuário do 33º Festival do Folclore*, Olímpia. 10-17 ago. 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as Ciências*. 12 ed. – Porto: Edições Afrontamento, 2003.

Site Oficial de Oriximiná. Disponível em:  
<<http://www.oriximina.pa.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?>>. Acesso em: 09 abr 2011.

SCHUTZ, A. *Concept and Theory Formation in the Social . Sociological Perspectives Middlessex*. Penguin Books, 1972.

SOARES, Mariana Pettersen Soares. *A poética da morte no ritual dos Encomendadores de Almas no município de Oriximiná*. 2007. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

SOBRAL, Luciana Onety da Gama. *O ritual de lamentação de almas de uma vila garimpeira da Chapada Diamantina: tensões e representações sociais de uma manifestação religiosa*. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação. UFBA, Salvador - Bahia – Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.oriximina.pa.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?>>. Acesso em: 09 abr 2011.

STEARNS, Karen. Death becomes her: gender and Athenian death ritual apud BLUNDELL, Sue and WILLIAMSON, Margareth. *The sacred and the feminine in Ancient Greece*, London: Routledge, 1998.

SUSNIK, B. La cultura indígena y su organización social dentro de las misiones jesuíticas. *Suplemento Antropológico*, v.XIX, n.2, dec.1984, Universidad Católica, Asunción. In. FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Almas em busca da salvação: sensibilidade barroca no discurso jesuítico (século XVII). *Revista Brasileira de História*, vol. 24, nº 48, p. 255-300 – 2004.

TAVARES, João Walter. *Inventário Cultural Social, Político e Econômico do Município de Oriximiná*. Oriximiná: Gráfica e Editora Andrade, 2006.

TEIXEIRA, Elizabeth. (Org.) *Cartografia de Saberes: o cuidar, a saúde e a doença em práticas educativas populares em comunidades hospitalares de Belém*. Coleção Saberes Amazônicos nº 4. Belém: Smith Editora, 2010.

TEIXEIRA, Elizabeth & RANIERI, Maria Santana Soares. *Diretrizes para a elaboração do trabalho de conclusão de curso*. 2. ed. rev. ampl. Belém: EDUEPA, 2004.

TEIXEIRA, Marco Antonio Domingues. A morte e o culto aos mortos nas tradições populares de Rondônia. *Revista Saber Científico*, Porto Velho, 2 (2): 1 - 36, jul. dez., 2009.

THOMAS, Louis-Vincent. In: BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?* Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1996.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VANNUCCHI, Aldo. *Cultura Brasileira: o que é, como se faz*. 4 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamentos entre os gregos: estudos de Psicologia histórica*. Tradução Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório, ou, o trabalho de luto*. Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

\_\_\_\_\_. *Imagens e Imaginário na História: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. Tradução Maria Julia Goldwasser. (Série Temas. Histórias das Mentalidades – v. 42). São Paulo: Ática, 1997.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### A MORTE E A EDUCAÇÃO: SABERES DO RITUAL DE ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS NA AMAZÔNIA

#### IDENTIFICAÇÃO

1. Nome:
2. Endereço:
3. Sexo:
4. Escolaridade:
5. Trabalho:
6. Religião:
7. Nacionalidade:
8. Naturalidade:
9. Frequenta outra religião, qual?
10. Cargo no grupo de Encomendadores das Almas:

#### VIDA FAMILIAR E O RITUAL DE ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS

11. Tem filhos: ( ) não ( ) sim Caso positivo quantos: Homens: \_\_\_\_\_ Mulheres: \_\_\_\_\_.

*(Se a pergunta 9 for positiva realizar a 10-13, caso negativa passar para a 14-18 e se essa for também negativa passar para 19).*

12. Algum filho seu participa do Ritual de Encomendação das Alma? ( ) não ( ) sim (caso positivo) Quantos? \_\_\_\_ Quem o incentivou a participar? (interesse próprio, tradição familiar, indicação de amigos).

11. Como se deu o processo de iniciação ou participação do seu filho no ritual?

12. Qual o cargo que o seu filho ocupa no ritual. Descreva o cargo.

13. O que o seu filho deve aprender para fazer parte do Ritual de Encomendação das Almas.

14. Algum familiar seu (primo, tio, irmão, avó) participa ou participou do Ritual de Encomendação das Almas? ( ) não ( ) sim (caso positivo) Quem? \_\_\_\_\_ O que o levou a participar? (interesse próprio, tradição familiar, indicação de amigos).

15. Como se deu o processo de iniciação ou participação do seu familiar no ritual?

16. Qual o cargo que o seu familiar ocupa ou ocupou no ritual? Descreva o cargo.

17. Por que o seu familiar deixou de participar do ritual (pergunta de ex-participação)?

18. O que o seu familiar deve aprender para fazer parte do Ritual de Encomendação das Almas.

19. É importante ter um ou mais de um familiar participando do Ritual de Encomendação das Almas? Por quê?

## **VIDA RELIGIOSA E O RITUAL DE ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS**

20. O senhor sabe a origem do Ritual de Encomendação das Almas?
21. Que período do ano o ritual acontece, o senhor sabe dizer o porquê de ser nesta data?
22. O senhor sabe há quantos anos existe em Oriximiná o Ritual de Encomendação das Almas ?
23. Esse ritual pertence a alguma religião? Qual?
24. O senhor frequentou ou frequenta outra religião ou outro tipo de ritual além do Ritual de Encomendação das Almas? ( ) não ( ) sim (caso positivo) Qual? Por quê?
25. Qual é a sua posição (cargo hierárquico) no Ritual de Encomendação das Almas? Explique a função.
26. O senhor sabe se existe alguma forma de preconceito ou algum problema contra o grupo de Encomendadores de Almas ou contra o Ritual de Encomendação das Almas? Qual(is)?
27. O senhor enfrenta ou já enfrentou algum problema ou preconceito por fazer parte do grupo de Encomendadores de Almas ou por participar do Ritual? ( ) não ( ) sim (caso positivo) Que tipo de preconceito? Por parte de quem? Como lidou com ele?

## **CONHECENDO O RITUAL DE ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS DE ORIXIMINÁ**

28. Como o senhor conheceu o Ritual de Encomendação das Almas?
29. Como é o Ritual de Encomendação das Almas? Descreva.
30. Quem pode solicitar o Ritual de Encomendação das Almas? Como se encomenda?
31. Para que tipo de almas se encomenda o ritual?
32. Há alguma restrição para se encomendar uma alma? Qual? Por quê?
33. Algum tipo de Morte pode impedir uma solicitação do Ritual de Encomendação das Almas? Qual tipo de morte é proibido?
34. Quem pode acompanhar o ritual (homens, mulheres, crianças, idosos)? Há alguma restrição? Por quê?
35. Quem pode ser um Encomendador de Almas (homens, mulheres, crianças, idosos)? Há alguma restrição? Por quê? (*caso sejam apenas homens, perguntar por quê?*)
36. Quem não pode ser um Encomendador de Almas? Por quê?
37. Há uma idade certa para ser um Encomendador das Almas?
38. Quantas pessoas participam do ritual? Quais as funções destas pessoas?
39. Há algum instrumento musical que faz parte do ritual? Qual a função dele?
40. Há algum tipo de vestimenta ou roupa específica para o Ritual de Encomendação das Almas? Tem uma cor específica? Há algum significado no tipo de roupa e na cor?
41. Há algum tipo de oração ou canto executado durante o Ritual de Encomendação das Almas? Para que servem? Há um significado especial? Por quê?
42. De acordo com o tipo de morte, os cantos e as preces se modificam? Por quê?
43. Como se aprende essas orações e estes cantos? Quem ensina?
44. Por quantos dias ocorre este Ritual de Encomendação das Almas? Por quê?

45. Qual o local e a que horas inicia e termina o Ritual de Encomendação das Almas? Por quê?
46. Os senhores ficam em um local definido ou circulam na cidade? Por quê?
47. (*Caso circulem na cidade*) Tem algum caminho pré-definido na cidade para o trajeto do Ritual de Encomendação das Almas?
48. O que os senhores fazem durante o trajeto na cidade? Por quê?
49. Param em algum lugar durante o trajeto? Onde? Por quê?
50. O que os avisa para os senhores pararem? O que este sinal representa?
51. (*Caso haja parada*) O que os senhores fazem durante as paradas do Ritual de Encomendação das Almas? Por quanto tempo? Descreva.
52. Durante estas paradas recebem algo ou alguma coisa? O quê? De quem? Por quê?
53. Os senhores bebem ou comem algo durante o Ritual de Encomendação das Almas? O quê? Pra quê? Por quê? Quando (em que momento)?
54. O que significa para o ritual essas bebidas e comidas? É algo especial? Por quê?

### **CONCEPÇÕES, ENTENDIMENTO E REPRESENTAÇÕES DE UM ENCOMENDADOR DAS ALMAS – RITUAL DE ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS**

55. Desde quando o senhor participa do Ritual de Encomendação das Almas?
56. Quem lhe convidou para fazer parte do Ritual de Encomendação das Almas? Por quê?
57. O que alguém precisa saber para fazer parte do grupo de Encomendadores de Almas e participar do ritual?
58. O senhor teve de aprender algo ou alguma coisa para fazer parte do Grupo de Encomendadores de Almas e participar do ritual? O quê? Quem lhe ensinou? Por quê?
59. Como o senhor aprendeu, demorou a aprender? Foi fácil ou não? Tem algo escrito ou o senhor aprendeu decorando?
60. O que o senhor aprende ou aprendeu (*caso haja*) com as orações e os cantos pronunciados no Ritual de Encomendação das Almas?
61. Que saberes são ensinados no Ritual de Encomendação das Almas? Ensina para quem?
62. Há algum momento especial de repasse dos conhecimentos dessa tradição? Que momento é esse? Ou é apenas na prática do ritual que se aprende?
63. Como esses ensinamentos do ritual são repassados a outras pessoas?
64. Para o senhor o que é o Ritual de Encomendação das Almas? O que ele significa na sua vida? Explique.
65. O que representa o Ritual de Encomendação das Almas na vida de sua família e da comunidade? Justifique.
66. Qual a finalidade do Ritual de Encomendação das Almas? A quem ele se destina?
67. O que se espera com a encomendação da alma de alguém?
68. Em que o ritual pode melhorar a situação dos vivos ou do morto?
69. O senhor considera que o Ritual de Encomendação das Almas é uma tradição popular?

70. Acha que este ritual está se perdendo ou se modificando com o tempo? Por quê?

71. Há interesse dos mais jovens em relação a este Ritual de Encomendação das Almas? Por quê?

72. Senhor considera o Ritual de Encomendação das Almas uma missão religiosa? Por quê?

73. O senhor gostaria de falar ou acrescentar mais alguma coisa?

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE****A MORTE E A EDUCAÇÃO: SABERES DO RITUAL DE ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS NA AMAZÔNIA**

O senhor está sendo convidado a participar da pesquisa de mestrado, intitulada: *A Morte e a Educação: Saberes do Ritual de Encomendação das Almas na Amazônia*, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Pará, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Doutora Denise de Souza Simões Rodrigues.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como se desenvolvem os processos educativos de construção e transmissão de saberes culturais no Ritual de Encomendação das Almas . Esclarecemos que sua participação é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa, e que a mesma será por meio de entrevista, cujo instrumento foi elaborado por nós a respeito do tema pesquisado.

Para registro das respostas, utilizaremos anotação direta e, se o senhor permitir será utilizado um gravador MP4 digital e filmadora da Marca Sony para capturar sua voz e sua imagem por meio de filmagem durante a entrevista e no Ritual de Encomendação das Almas, a fim de evidenciar aspectos sobre a educação, os saberes e a cultura desta tradição secular que é o Ritual de Encomendação das Almas .

Informamos que todas as despesas da pesquisa serão de responsabilidade da pesquisadora responsável, portanto não lhe caberá ônus. E esclarecemos que sua participação será voluntária, portanto não lhe caberá pagamento.

Ressaltamos que o senhor pode retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem que isso ocorra em penalidade de qualquer espécie, e lhe devolveremos todo e qualquer material referente à sua pessoa (gravações, filmagens e anotações).

Caso permita haverá divulgação de seu nome na pesquisa, caso contrário, as informações serão de uso exclusivamente científico, portanto suas identificações pessoais serão mantidas em sigilo e guardadas de acordo com os princípios éticos de preservação do indivíduo, no caso da publicação da pesquisa em meios científicos e de comunicação.

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora  
Ana Cristina Lima da Costa  
(91) 88084977

\_\_\_\_\_  
Orientadora  
Denise de Souza Simões Rodrigues  
(91) 99893505

**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo da mesma. Declaro ainda que, por minha livre vontade, aceito participar da pesquisa e cooperar com a coleta de informações para a mesma, assim como autorizo a captura e o uso de minha imagem e voz.

Oriximiná, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do sujeito da pesquisa

## APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE ACEITE DA ORIENTADORA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO  
LINHA DE PESQUISA: SABERES CULTURAIS E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SABERES E PRÁTICAS RELIGIOSAS

### DECLARAÇÃO

Eu, Denise de Souza Simões Rodrigues, aceito orientar a dissertação intitulada “**A Morte e a Educação: Saberes do Ritual de Encomendação das Almas na Amazônia**”, de autoria da mestranda Ana Cristina Lima da Costa, declarando ter total conhecimento das normas de realização de Trabalhos Científicos vigentes, estando inclusive ciente da necessidade de minha participação na banca examinadora por ocasião da defesa da dissertação. Declaro ainda ter conhecimento do conteúdo da pesquisa ora entregue para o qual dou meu aceite pela rubrica das páginas.

Belém - Pará, 11 de novembro de 2011.

Assinatura e carimbo

Telefone: (91) 99893505

---

DENISE DE SOUZA SIMÕES RODRIGUES

## **APÊNDICE D – LADAINHAS REALIZADAS NO RITUAL DE ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS**

Todas as ladainhas ou orações aqui transcritas foram cantadas pelos Encomendadores das almas Abdias de Sousa, Lauro Ribeiro, Floriano Soares e Raimundo Elói entrevistados durante a pesquisa realizada no município de Oriximiná em abril de 2011.

### ***Pai e Nosso***

*Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)*  
*Para a sagrada morte e paixão de nosso senhor Jesus Cristo, (todos)*  
*Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)*  
*Para as almas santas benditas, (todos)*  
*Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)*  
*Para as almas necessitadas, pelo amor de Deus, (todos)*  
*Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)*  
*Para as almas que estão na pena do fogo do purgatório, (todos)*  
*Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)*  
*Para as almas que estão em pecado mortal, (todos)*  
*Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)*  
*Para as almas que estão nas ondas do mar, (todos)*  
*Rezamos um Pai Nosso e uma Ave Maria, (Padre)*  
*Para as almas de nossos pais e de nossas mães (todos)*

*Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2011.*

### ***Salve a Cruz Bendita***

*Deus vos salve oh! Cruz Bendita,*  
*Dentro de um campo sereno,*  
*Onde foi crucificado,*  
*O Jesus e nazareno.*

*Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2011.*

### ***Bendito Seja o Rosário de Maria***

*Bendito, Louvado Seja*  
*O Rosário de Maria!*  
*Se ela não viesse ao mundo,*  
*Ó de nós, o que seria!*  
*Se ela não viesse ao mundo,*  
*Ó de nós, o que seria!*

*Ainda mas quem vive triste*  
*Como dor sem alegria*

*Por não trazer consigo  
O Rosário de Maria!  
Por não trazer consigo  
O Rosário de Maria!*

*No céu tem um farol  
Imitando a luz do dia  
Parecido com uma rosa  
O Rosário de Maria!  
Parecido com uma rosa  
O Rosário de Maria!*

*A folha da cana verde  
Tem um poço de água fria  
Onde Jesus tomou banho  
Filho da Virgem Maria!  
Onde Jesus tomou banho  
Filho da Virgem Maria!*

*A Virgem Maria  
Cheia de santidade  
Foi ela quem recebeu  
A Santíssima Trindade!  
Foi ela quem recebeu  
A Santíssima Trindade!*

*Senhora do Remédio  
Mandou-me um recado  
Que nunca esquecesse  
Do Bendito e Louvado!  
Que nunca esquecesse  
Do Bendito e Louvado!*

*Bendito louvado seja  
De noite oi de dia  
Se não fosse as Santas Almas  
Triste de nós o que seria!  
Se não fosse as Santas Almas  
Triste de nós o que seria!  
Amém.*

*Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2011.*

### **Saclário**

*O que nova ocê me dão da Virgem do Rosário  
O que nova ocê me dão da Virgem do Rosário  
Ela foi acender a luz no pé do Cristo do Saclário  
Ela foi acender a luz no pé do Cristo do Saclário*

*Abriu o seu saclário, saiu o senhor fora  
Abriu o seu saclário, saiu o senhor fora  
Veio visitar as almas que vão para a glória  
Veio visitar as almas que vão para a glória*

*A ditosa das almas que nome o senhor tem  
A ditosa das almas que nome o senhor tem  
São as três horas dadas que meu Bom Jesus não vem  
São as três horas dadas que meu Bom Jesus não vem*

*Ele vem de porta em porta, de rua em rua ele vai  
Ele vem de porta em porta, de rua em rua ele vai  
Ele vai tão piedoso que nem o peso da cruz  
Ele vai tão piedoso que nem o peso da cruz*

*Na porta do céu só tem lá uma cruz  
Na porta do céu só tem lá uma cruz  
Ela é cama e travesseiro do menino Bom Jesus  
Ela é cama e travesseiro do menino Bom Jesus*

*Vamos rezar com os anjos,  
Glória para sempre amém.  
Vamos rezar com os anjos,  
Glória para sempre amém.*

*Vamos nós rezar também, Pai e Nosso, Ave Maria  
Vamos nós rezar também, Pai e Nosso, Ave Maria*

*Pai e Nosso, Ave Maria,  
Glória para sempre amém.  
Pai e Nosso, Ave Maria,  
Glória para sempre amém.*

*Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2011.*

### **Sexta Santa**

*Sexta, Sexta Santa  
Três dias antes da Páscoa  
Quando Deus andou o mundo  
Pelos seus discípulos chamou  
Quando Deus andou o mundo  
Pelos seus discípulos chamou*

*Chamou de um a um  
Dois a dois se alevantou  
Depois deles todos juntos  
A maior glória de Deus  
Depois deles todos juntos  
A maior glória de Deus*

*Jesus Cristo perguntou  
O qual por ele morria  
Só um deles respondeu  
Foi o São João Batista  
Só um deles respondeu  
Foi o São João Batista*

*Primeiro cantar do galo  
Jesus cristo alevantou  
Com a cruz sobre o ombro  
Da madeira mais pesada  
Com a cruz sobre o ombro  
Da madeira mais pesada*

*E uma corda na garganta  
Onde os judeus a puxava  
Cada puxão que dava  
Jesus Cristo ajoelhava  
Cada joelhada que ele dava  
Pasta de sangue lançava  
Cada joelhada que ele dava  
Pasta de sangue lançava*

*Um dia em campanha  
Três Maria, Madalena sua irmã  
Uma que lavava as face  
Outra que lavava os pés  
Uma que catava o sangue  
Dentro de um cálice sagrado*

*Quem beber daquele sangue  
Será bem aventurado  
Limparei aquela alma,  
Daqueles maior pecado  
Limparei aquela alma,  
Daqueles maior pecado*

*Quem rezar esta oração  
Quem ouvir não aprender  
Na hora de sua morte  
Haverá quem lhe condene  
Na hora de sua morte  
Haverá quem lhe condene.*

*Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2011.*



Centro de Ciências Sociais e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado  
Linha de pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.  
Rua Djalma Dutra, s/n – Telégrafo  
66113-200 – Belém – PA – Brasil  
[www.uepa.br](http://www.uepa.br)